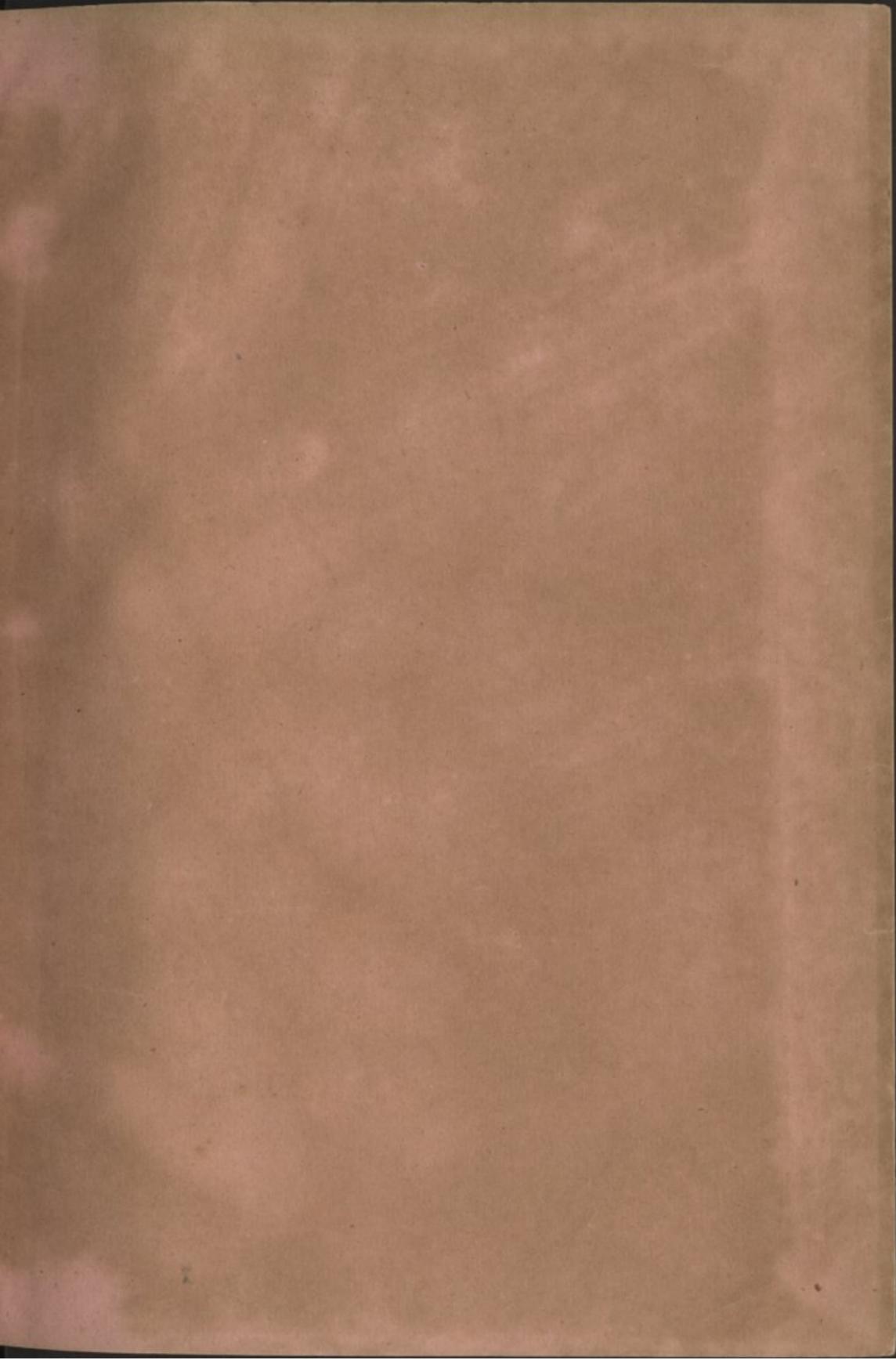
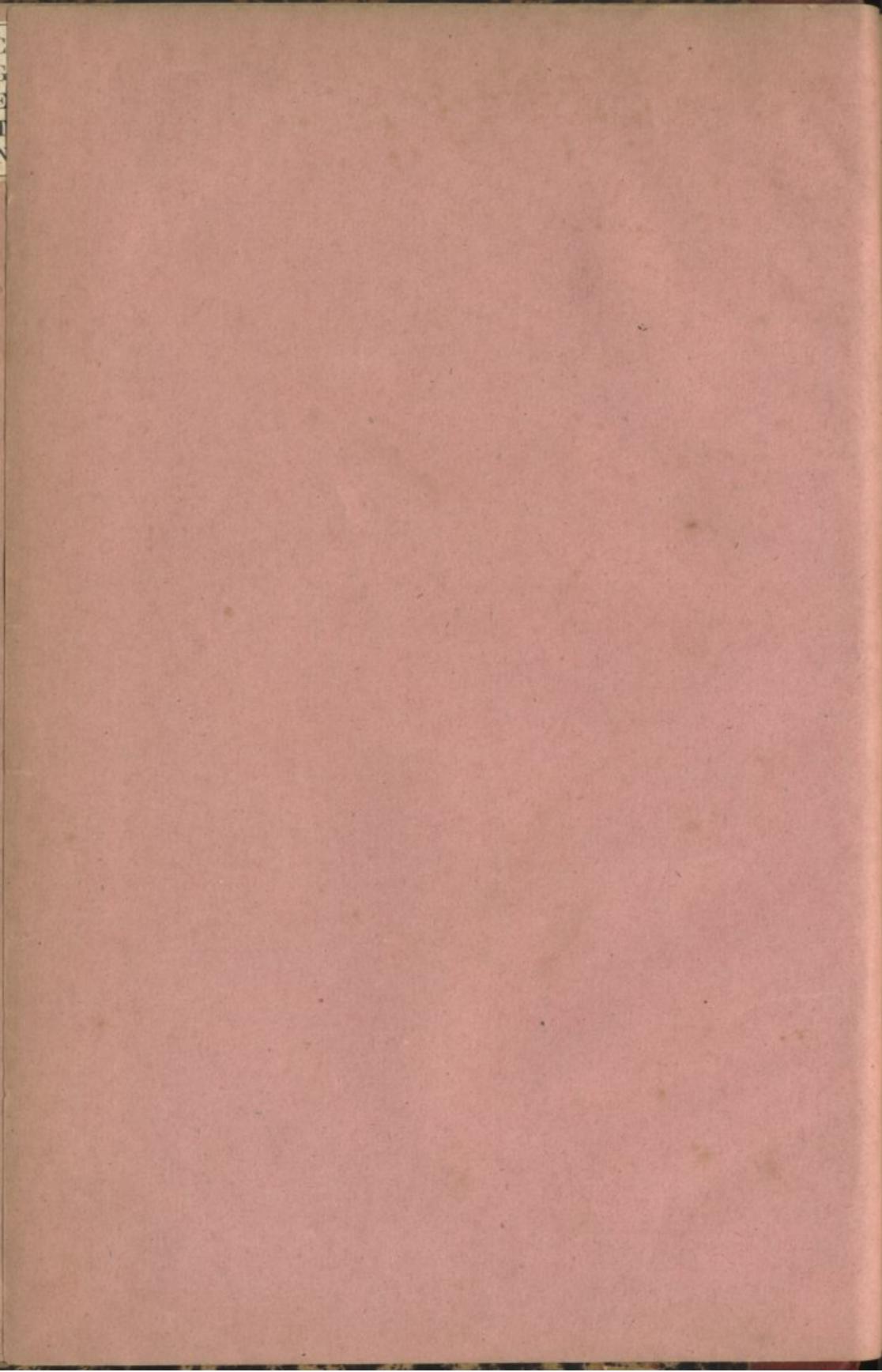


Casa
Gab.
Est.
Tab.
N.º

10
5
9







REVISTA CONTEMPORANEA

REVISTA

CONTEMPORANEA

Clasificación de las ciencias, filosóficas, matemáticas y físicas

Administración de la imprenta de la Universidad de Chile

VOLUMEN II

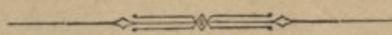


Imprenta de la Universidad de Chile

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

Questões religiosas, scientificas, philosophicas,
historicas e sociaes



Director

Administrador

FORTUNATO DE ALMEIDA

JOSÉ MARQUES RITO E CUNHA

BACHAREL FORMADO EM DIREITO

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

VOLUME II



COIMBRA
Imprensa Academica

1895 - 1896

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,
HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

QUINTANNISTA DE DIREITO



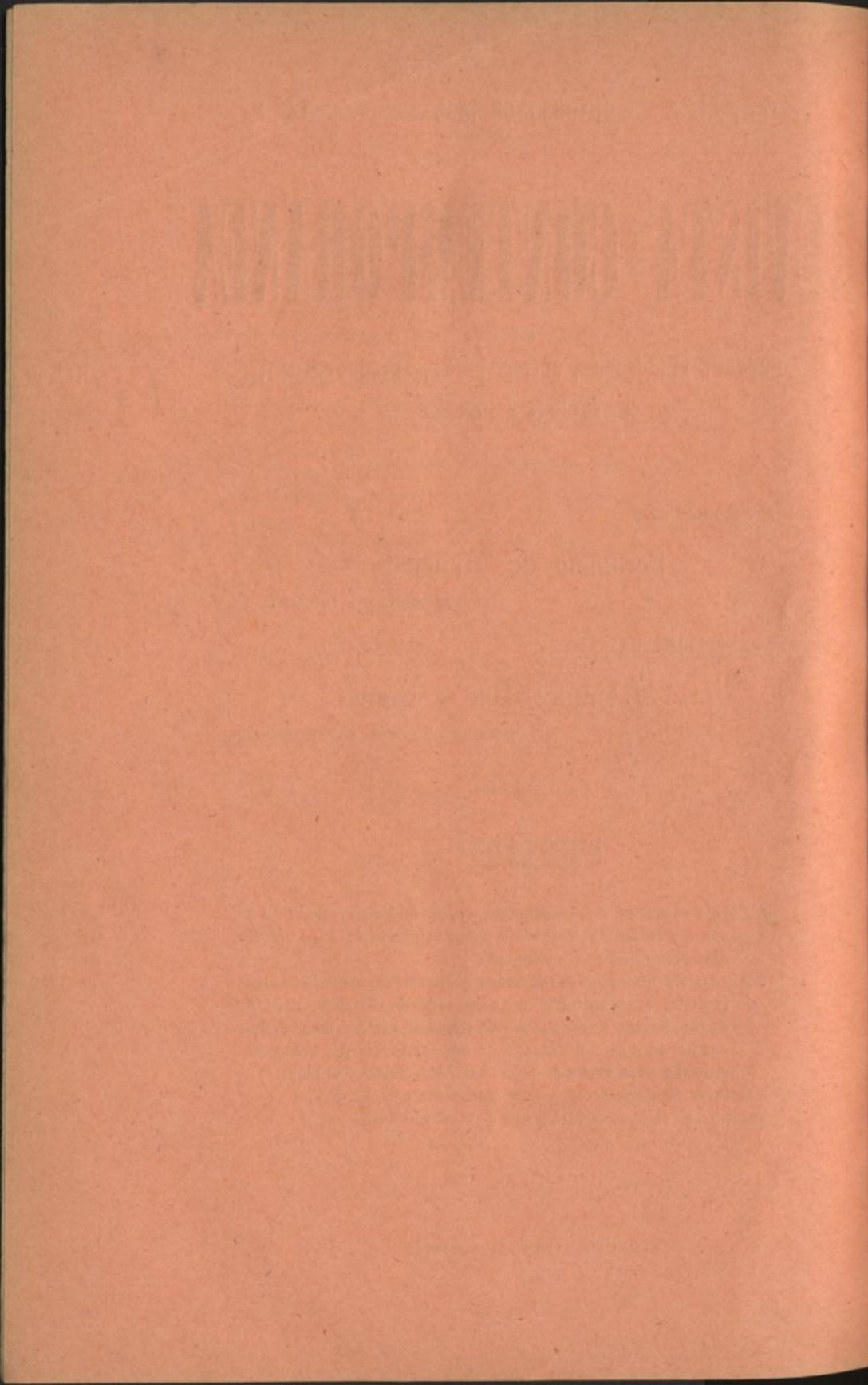
ADMINISTRADOR

José Marques Rito e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

SUMMARIO

- I — A Igreja catholica e a escravatura (*para continuar*), por F. A.
- II — A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa (*para continuar*), por P. G., *advogado*.
- III — Relatorio do Superior das Missões do Real Padroado de Huilla relativo á organização de uma rede de Missões, para a evangelisação e occupação de todos os sertões da provincia de Angola e á dotação de um seminario por parte do governo para esse fim, pelo padre José Maria Antunes.
- IV — Memorias de outro tempo — Os frades e a agricultura.
- V — Varia — (Os acontecimentos de 30 de julho — Os catholicos italianos).



A EGREJA CATHOLICA E A ESCRAVATURA

I

Está ainda gravada na memoria de todos a sublime cruzada emprehendida pelo cardeal Lavigerie, contra o infame trafico da escravatura no continente africano. O illustre purpurado, fiel aos principios do christianismo, de que foi apóstolo indefesso, luctou como verdadeiro benemerito contra os traficantes de carne humana, e mereceu por isso ás benções da Egreja e os applausos de todo o mundo civilisado. Mas essa obra de alta benemerencia não é nova nos fastos da Egreja, e Lavigerie não fez mais do que continuar as tradições que datam das origens do christianismo.

A Biblia, a tradição, a historia de dezenove seculos e a acção ainda hoje exercida pela Egreja catholica, como representante da doutrina de Jesus Christo, para nobilitar e levantar a raça negra da degradação moral em que se encontra, — tudo demonstra plenamente que foi o Evangelho que levantou o primeiro brado contra a escravatura, que foi a Egreja que, em todos os tempos, luctou contra os preconceitos do paganismo e contra uma ambição desregrada, proclamando a fraternidade universal e defendendo os direitos de homens, que as leis reduziam á mesquinha condição de cousas, e a quem a sociedade negava todos os direitos.

Não é pois difficil provar, á face dos factos, que o christianismo condemnou a escravatura, que o Evangelho foi a

bandeira desfraldada a favor da liberdade e da dignidade humana, e que a Igreja, fiel depositaria da doutrina christã, pelejou sempre, desde os tempos apostolicos, pela liberdade dos escravos, fazendo por elles uma cruzada constante, heroica, em que se empregavam todos os esforços possiveis, em que se evidenciaram actos de dedicação que só a fé christã pode inspirar.

Estudemos, pois, o escravo, tal como elle existia no paganismo, e vejamos como a Igreja se propoz libertal-o, nobilital-o, quebrar-lhe os grilhões e apresental-o ao mundo como creatura racional de Deus, como membro legitimo da grande familia da humanidade.

Na Grecia, a escravatura era legitimada, e a maior parte dos philosophos pretendiam justifical-a com a desigualdade da natureza. « Entre os homens — diz Aristoteles, o philosopho grego que mais largamente se occupou d'esta questão — uns são livres por natureza, outros escravos... Assim a mulher e o escravo são distinctos pela propria natureza. » E n'outro lugar diz: « O escravo é um utensilio animado, como um utensilio é um escravo inanimado ». « Jupiter, diz Plató, tirou aos escravos metade do espirito; esta verdade é-nos attestada por Homero, o mais sabio dos nossos poetas... ».

Assim fallavam, como diz Leão XIII ¹⁾, todos os que no meio do paganismo tinham a reputação de sabios, philosophos insignes, jurisconultos doutissimos, os quaes trataram de se persuadir a si mesmos e de persuadir aos outros, por um supremo ultraje ao senso commum, que a escravatura nada mais é do que a condição necessaria da natureza; e não se envergonharam de ensinar que a raça dos escravos era muito inferior em aptidões intellectuaes e em belleza physica á raça dos homens livres, e que era necessario, por isso, que os escravos, instrumentos desprovidos de razão e de sabedoria, estivessem em tudo sujeitos á vontade dos seus senhores.

É na sociedade romana que melhor podemos estudar a vida do escravo, pois elle constitue ahi um elemento numero-

¹⁾ Carta aos bispos do Brazil, em 5 de maio de 1888.

sissimo da população, e a sua condição era expressamente regulada pelas leis. O escravo não tinha direito algum: era comprado, vendido, trocado, julgado, perseguido, mutilado e até assassinado por um simples capricho do seu senhor; não podia adquirir, nem possuir, nem vender, nem doar, nem reclamar justiça perante os tribunaes, nem mesmo servir de testemunha. A lei considerava-o como cousa, *res*, e n'essa qualidade excluia-o de todos os direitos e de todas as prerogativas civis. « *Servile caput nullum jus habet* », dizia o Digesto. O unico juiz do escravo e das suas acções, como da sua vida, era o senhor; embora este fosse dotado dos mais ferozes instinctos. A lei do escravo era a vontade arbitraria do senhor.

O escravo figurava ao lado dos animaes domesticos entre as *res mancipii*. Depois de collocar os escravos n'esta situação, o legislador julgava conceder-lhes uma grande honra não os reduzindo ao nada: *Non tam viles quam nulli*. Seneca affirmou que havia homens que nasciam escravos.

Taes eram as revoltantes doutrinas do paganismo.

Qual foi o plano de acção adoptado pela Igreja para acabar com este rebaixamento da humanidade? Com que armas entrou ella n'esse grande combate contra usos inveterados do paganismo, e que tinham em favor da sua conservação o interesse de todos os poderosos?

De certo, e todos o sabem, não emprehendeu tão grandiosa obra prégando a revolta e a anarchia aos povos, nem insinuando lhes a falta de respeito aos superiores, nem derribando pela força os adversarios da doutrina evangelica. Pelo contrario, a Igreja catholica, por meio de seus apóstolos, prégadores da ordem e paz social, ensinou o respeito á auctoridade legitimamente constituida, excepto quando essa obediencia importava uma desobediencia a Deus: inspirava-se n'aquellas palavras de Jesus Christo — *Dae a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar* — e na maxima de S. Paulo — *Convem mais obedecer a Deus que aos homens*.

A Igreja não tentou a emancipação rapida, immediata, porque bem sabia que os remedios subitos não convem aos

males e injustiças sociaes que o tempo radicou profundamente: testemunha, o sangue derramado em França nos dias da Revolução. Por isso a Egreja não chamou em sua ajuda todos os Spartacos do mundo, para conseguir a emancipação dos escravos. Esperar que o influxo das suas doutrinas salutareas, o principio da egualdade e da fraternidade humana, pela primeira vez ensinado pelo seu divino Fundador, e a caridade animada pelo sentimento do amor divino produzissem os seus effeitos, — tal foi sempre o systema adoptado pela Egreja e a esperança que ella tinha de realisar-se a emancipação dos escravos. A Egreja — diz um grande publicista contemporaneo — consagrou-se á reforma das idéas antes de se consagrar á reforma dos costumes.

Depois, o triumpho do Christianismo e a influencia que obteve no animo dos governantes forneceu-lhe novos meios de trabalhar na realisação do seu ideal sublime; mas com taes meios não podiam contar os christãos dos primeiros tempos, cruelmente perseguidos pelos imperadores. A esses ficou só a esperança da acção das idéas christãs sobre os costumes pagãos, e do triumpho da verdade sobre o erro. Por isso, nos tres primeiros seculos da sua existencia, a Egreja trabalhou só na reforma das idéas, esperando o dia do seu triumpho para trabalhar na reforma das leis.

Veremos em artigos que hão de seguir-se como admiravelmente se desenvolve a acção do Christianismo na sympathica obra da rehabilitação dos escravos.

(Continúa).

F. A.



A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa

CAPITULO PRIMEIRO

Causa principal da queda do poder temporal

I

Ninguém ignora as origens do poder temporal dos Papas nem o papel brilhante que a França representou na formação d'essa grande e gloriosa instituição. Se não remontarmos até ás primeiras doações feitas ás egrejas de Roma, podemos dizer que Constantino, e com elle Pepino o Breve e Carlos Magno foram os verdadeiros fundadores d'esse poder, que se augmentou e constituiu definitivamente com o legado da condessa Mathilde, no seculo XII.

Procurar estabelecer que os Papas eram soberanos legitimos nos seus Estados, seria pueril; seria o mesmo que pretender demonstrar a evidencia, porque nenhuma potencia na terra pode apresentar titulos mais puros, mais authenticos, mais antigos. De Maistre escreveu o seguinte:

« Os Papas... exigiriam homenagens, imporiam taxas muito arbitrariamente, se quizerem; não tenho interesse algum em examinar aqui essas diferentes questões. Mas será sempre verdade que nunca procuraram nem aproveitaram a occasião de augmentar os seus Estados á custa da justiça, ao

passo que nenhuma outra Soberania temporal escapou a esse anathema, e agora mesmo, com toda a nossa philosophia, com a nossa civilização e os nossos bellos livros, não ha tal vez uma só potencia europêa que possa justificar todas as suas possessões perante Deus e perante a razão. »

Actualmente podemos julgar se o fim do seculo XIX, com as annexações politicas, veio ou não confirmar as palavras do grande escriptor catholico.

Investigar quantas vezes no curso da historia o dominio temporal foi arrebatado aos Papas pela ambição de visinhos avidos, por espirito de revolta, de vingança, de irreligião, e quantas vezes lhes foi restituído pelo arrependimento ou punição dos usurpadores, seria tratar materia de numerosos volumes, cheios de interesse para os sabios e de lições para os homens politicos. Não é tal o fim d'este rapido trabalho. Seja-me permittida n'este ponto uma recordação pessoal. Quem escreve estas linhas, achando-se em Roma em 1863, e conversando com Mgr. Level, superior de S. Luiz dos Francezes, a quem fôra apresentado por um illustre personagem, o sr. Sauzet, antigo ministro de Luiz Philippe, exprime-lhe todas as suas inquietações a respeito de Pio IX, que acabava de ser despojado das Marches e da Umbria. O illustre prelado respondeu: « Se ainda tirarem Roma ao Santo Padre, se o despojarem dos ultimos restos do seu poder, se o expulsarem de Roma, será a quinquagesima segunda vez que um Papa fica reduzido a tal extremidade. Mas creia que Pio IX, e todos nós pensamos como elle, creia que Pio IX lamenta sobretudo os seus perseguidores e deplora o mal que fazem ás almas; quanto á Igreja e ao Papado, esteja tranquillo, hão de persistir, e o poder temporal tambem, apesar das tempestades que de continuo se renovam. »

Na verdade o poder temporal dos Papas tem sido objecto de ataques quasi incessantes de que afinal sahiu sempre vencedor. Se investigarmos as razões por que assim o teem atacado, sob uma ou outra forma, e porque foi sempre defendido e restabelecido, encontraremos n'estas duas correntes

opostas que a historia nos revela uma prova da importancia capital que o mundo intelligente liga, ha seculos, á existencia d'esse poder.

Como soberanos temporaes os Papas figuraram sempre entre os mais pequenos soberanos da Europa; elles nunca contaram, note-se bem, nunca contaram tantos vassallos em Roma e em todos os Estados da Egreja reunidos como só os habitantes da cidade de Londres. As vinte e uma provincias dos Estados Romanos continham approximadamente dois milhões e meio de habitantes; e Londres tem quatro milhões. Ha ainda uma cousa que não deve esquecer-se: ignora-se geralmente que o Papá, como soberano temporal — não fallamos do poder espirital — nunca pode fazer sombra a quem quer que seja; que, neste seculo de batalhas, de annexões, de exercitos permanentes e innumeraveis, elle nunca pode pensar na menor conquista; como força material, com um exercito que não chegava a dez mil homens, era, como se costuma dizer, uma quantidade que se despreza.

N'estas condições, d'onde vem o furor violento, estranho, absolutamente excepcional contra a sua pessoa e contra o seu poder temporal?

Se quizermos avaliar com exactidão, devemos entrar em considerações geraes. Fallaremos com a maxima clareza, porque suppomos os nossos leitores muito acima das puerilidades do respeito humano e de certos preconceitos muito vulgares.

A Egreja catholica e o Papa, seu chefe visivel, teem muitas vezes, quasi sempre, por adversarios conscientes ou inconscientes, os homens que não são catholicos: os incredulos, os protestantes, os scismaticos, os judeus, os pagãos... Entre elles ha alguns que, ou por causa da sua educação, da religião ou da raça a que pertencem, teem uma grande fé nos seus preconceitos; certos chegaram a approvar em nossos dias, e até a sustentar, julgando proceder bem, as obras de Cavour, Mazzini, Garibaldi e outros que taes, por não conhecerem bem o fim real que esses personagens queriam attingir, nem os meios que empregavam. É uma tendencia

natural aos fieis christãos crer que o Papa e o seu poder temporal só podem ter por adversarios no mundo pessoas miseraveis. Mas isso é um erro proveniente de não se olhar por largo, e importa comprehender bem que, n'estes nossos tempos de confusão, em que se vive n'uma atmospherá impregnada de idéas falsas, em que o erro parece ter tanto direito como a verdade e muitas vezes excedel-a, pessoas de bem, principalmente nas religiões heterodoxas, poderam e podem ainda combater o Papado e sobre tudo o seu Principado civil, sem sequer pensarem no grande mal que fazem. Não disse o proprio Christo que viria um tempo em que os homens julgariam prestar gloria a Deus perseguindo os Apostolos e os seus successores? Accrescentemos finalmente que, entre os catholicos, ha uma multidão de ignorantes e homens imbuidos de preconceitos que, não comprehendendo a utilidade do poder temporal, se lhe mostram indifferentes, se não completamente hostís.

Pondo assim de parte os adversarios honestos, pois que os ha, homens a quem falta a luz e a quem devemos ministrar-a, é facil verificar que o Papado tem outros adversarios, e esses entram na cathogoria de que vamos fallar, fazem verdadeiramente parte do exercito do mal.

Se não quizermos contentar-nos de julgar as cousas segundo as apparencias, se não acceitarmos os erros mais ou menos graves que correm mundo e que a paixão, o respeito humano, a leviandade, a moda apresentam ao vulgar como verdades, se, n'uma palavra, quizermos chegar franca e corajosamente ao fundo das questões, havemos de verificar que a religião catholica tem inimigos encarniçados, de uma natureza especial, que é perseguida nos seus dogmas, como nos seus ministros e fieis, com um odio inexprimivel, que ora se emprega contra ella a força material, ora as objecções pseudo-cientificas, ora a seducção do ouro, ora a corrupção dos costumes e muitas vezes todos esses meios ao mesmo tempo. O arsenal dos inimigos do nome christão foi sempre fornecido em abundancia; tem armas para todos os tempos, para todas as edades, para todos os povos. Negar isto seria

mostrar que se ignora a historia das nações christãs vista do alto e no seu conjuncto, que nunca se reflectiu no grande combate que entre os bons e os maus se trava á nossa vista.

Os chefes intelligentes, os verdadeiros chefes no exercito do mal são bem pouco numerosos; muitos dos mais conhecidos são chefes puramente nominaes: estão lá como que por luxo, para darem credito á causa, para arrastarem as massas a um fim que nem elles proprios conhecem; n'uma palavra, muitos d'esses que se chamam chefes seguem uma direcção dada e conduzem ao mal sem o verem bem, sem o quererem nem o comprehenderem. Quanto aos verdadeiros chefes sabem muito bem o que querem, e querem o mal; vêem de muito longe o que os outros nem sequer suspeitam; teem uma arte prodigiosa para apresentar as questões á luz que pode agradar; sabem que com certas idéas e certas palavras desnorteiam muitas cabeças; que, excitando certas paixões, fazendo fitar certas chimeras, fallando de honras, de riquezas, de liberdade, enlouquecem as multidões, principalmente se lhes offerecem prazeres sensuaes e ouro que os facilita.

Esses homens que conhecem, por as terem experimentado, todas as fraquezas da humanidade, conhecem tambem a epocha em que vivem; comprehendem bem que já não estamos no tempo de Ario, de Phocio, de Lutheró... que não pode hoje pensar-se em fazer-se uma religião nova, nem uma heresia, nem um scisma, porque ninguem seguiria o novo caminho; assim o demonstram os factos, e os *Châtel*, os *Reinkhens*, os *Loyson* e outros ainda habitaram templos absolutamente desertos. Sabem muito bem tudo isso, e concluiriam sem hesitar, como esse inglez celebre e perfeitamente orthodoxo, que hoje — « Roma e a incredulidade são manifestamente os dois centros onde se precipitam em turbilhões, por um movimento mais ou menos acelerado, todas as outras formas do pensamento religioso. »

Mas se já não pode combater-se a Egreja catholica pelo scisma e pela heresia, como n'outros tempos, é possível fazê-lo, com mais probabilidades de exito, ja no terreno dos dogmas negando-os todos, desprezando-os, abalando as bases

de toda a religião, — e nós vemos como hoje vão longe as negações em philosophia e no dominio das sciencias naturaes; já no terreno dos factos, onde a Igreja é representada por homens de que o Papa é chefe; ha numerosos meios de seduzir esses homens, perseguil-os, fazer-lhes uma opposição pratica.

Arrastar o Chefe da Igreja catholica para o campo dos adversarios seria o golpe fatal, cuja monstruosa audacia não assustou certos sectarios. Mas isso é mais que difficil, parece-se com a tentação de Christo por Satanaz. Todavia fizeram-se n'este seculo algumas tentativas n'esse sentido e poderão repetir-se na occasião dos conclaves.

Tudo isto parece verdadeiramente um sonho. Afinal, porque havemos de admirar taes projectos em pessoas que não admittem a divindade da religião catholica? Não teem as sociedades secretas conseguido, umas vezes collocar no throno alguns dos seus sectarios, outras alistar no seu exercito soberanos, principes e ministros? Não está isto averiguado a respeito de Carlos Alberto, Victor Manuel, Guilherme da Prussia, Napoleão III e tantos outros?

Por que razão haviam de resistir eternamente os Papas e os cardeaes? Cremos todavia que a impiedade terá de perder por muito tempo a esperança de collocar na Sé de S. Pedro um Papa franc-maçãõ; os mais intelligentes nem mesmo tentarão jamais semelhante empreza.

Ora, se não pode ganhar-se inteiramente o Papa, chefe visivel e representante supremo da religião catholica, é possível ao menos combatê-lo sem treguas, directamente atacando o seu poder espirital e os actos que d'elle derivam, indirectamente atacando o seu poder temporal.

Este ultimo meio tem de particular o permittir que se atinja uma numerosa cathegoria de individuos que seriam inatacaveis no terreno dogmatico; protesta-se então um grande respeito pela pessoa sagrada do Soberano Pontifice e pelo seu poder espirital; e, sem aterrar os simples, chegar-se-ha, pela destruição do seu poder temporal, a limitar a sua liberdade de acção, a destruir a melhor garantia da sua independen-

dencia, a diminuir enfim a sua dignidade e o prestigio que, aos olhos do maior numero, se liga ao poder externo.

Eis a verdade como ella se manifesta, como sobresae do estudo attento da questão. Todas as outras causas da queda do poder temporal, por mais fundadas que pareçam, são secundarias ou derivam d'esta. Destruir o poder temporal, para diminuir, para destruir quanto possivel o poder espirital, isto é, o Papado e com elle a religião catholica, tal é o fim ultimo dos principaes adversarios do poder temporal dos Papas. Esse fim conserva-se occulto, e é negado energicamente por um certo numero de inimigos. Mas é uma cousa certa, ha muito confessada em documentos que não eram destinados ao publico, ou em conversações intimas; é uma verdade que já não é um segredo, e que não deixa duvida alguma aos espiritos esclarecidos, porque se manifesta com a clareza da evidencia, quando se sabe reflectir e quando se não está sob o imperio de preconceitos poderosos.

A este respeito devemos ouvir algumas confissões.

Já no seculo passado, Frederico da Prussia escrevia a Voltaire :

« Ha de pensar-se na facil conquista dos Estados do Papa, e então o *Pallio* será nosso e a scena ficará concluida. Não querendo nenhuma potencia da Europa reconhecer um Vigario de Christo sujeito a outro soberano, cada uma creará um patriarcha proprio. Pouco e pouco affastar-se-ha cada um da unidade da Igreja, e chegará a haver em cada Estado uma religião propria como ha uma lingua especial ».

Em nossos dias o famoso agitador Mazzini escrevia tambem no seu jornal :

« A abolição do poder temporal arrasta *necessariamente*, para aquelles que comprehendem o segredo da auctoridade papal, a emancipação do genero humano do poder espirital. »

É claro, pois, que era o poder espirital que esses homens queriam attingir pela destruição do poder temporal; esses não eram ingenuos, indecisos: sabiam o que queriam e declararam-n'ò.

(*Continúa*).

P. G., *advogado*.

RELATORIO

do Superior das Missões do Real Padroado de Huilla
relativo á organisação de uma rede de Missões para a evangelisação
e occupação de todos os sertões da provincia de Angola
e á dotação de um seminario por parte do governo para esse fim



Uma das necessidades mais imperiosas que actualmente se impõe ao paiz e que, a meu ver, muito deve chamar a esclarecida attenção do Ex.^{mo} Sr. Ministro da Marinha e Ultramar, é a occupação effectiva dos immensos territorios que se estendem a Leste da Provincia de Angola, desde o meridiano do Bihé até ao de Barotze, na extensão de 70 graus quadrados approximadamente ou de 4:400 leguas quadradas.

Perante as deliberações formuladas no Congresso de Berlim, Portugal não deixará de arcar com serias difficuldades para incorporar esses immensos territorios na Provincia de Angola, se não tiver n'essas vastissimas regiões centros de occupação, o que se poderia conseguir por meio de feitorias commerciaes, postos militares, colonias de emigração europêa, ou missões religiosas que civilisem o gentio e estabeleçam colonias christãs de africanos civilisados.

Ora os tres primeiros meios julgo-os irrealisaveis, ficando portanto o quarto como o mais actualmente exequivel, como o vou provar:

1.^o A occupação por meio de feitorias commerciaes não existe de facto, além do meridiano de Bihé, pois que, se bem que os gentios das regiões mais a leste façam com o littoral da

nossa provincia um commercio activo, como o demonstram as estatisticas aduaneiras das nossas praças da costa, duvido não obstante de que este facto possa servir de argumento indiscutivel para provar a nossa occupação real d'esses territorios, por não termos n'elles nenhuns postos permanentes commerciaes, e não ser possivel tão depressa estabelecê-los, attentas as difficuldades innumeras por parte dos transportes, que só se podem effectuar ás costas de carregadores, e mil outros obstaculos de character diverso, taes como a insalubridade do clima, falta de meios de segurança, etc.

2.º A occupação militar seria um meio decisivo de fixarmos n'esse territorio o nosso dominio; mas quantos milhares de contos não absorveria semelhante tentativa? Construcções de fortes, armamentos e munições, numerosos soldados bem adextrados, officiaes para o commando, sustentação dos mesmos, expedições... etc. Para se effectuar semelhante empreza seria mister sobrecarregar de tal modo o orçamento da Provincia, que me parece ella absolutamente irrealisavel, sobretudo em face das circumstancias financeiras em que está collocada a nação. A estes motivos cumpre accrescentar que a occupação militar, sob o ponto de vista civilizador, não me parece que seria o meio mais proprio para nos inculcarmos no animo do selvagem e attrahil-o á communhão dos nossos interesses e da nossa vida.

3.º A occupação por meio de colonias de povoação com emigrantes europeus é um problema apenas estudado nos sitios mais salubres dos Plan'Altos da Provincia e muito discutivel, para não dizer insolúvel nos outros pontos; custaria ao Estado quantias fabulosas; teria uma progressão tão lenta que parece chimerico querermos n'um proximo provir lançar mão d'este meio, para occupação effectiva de 1.400 leguas quadradas n'um sertão apenas conhecido e explorado.

4.º Resta-me provar que só por meio de Missões Religiosas civilizadoras poderemos attingir a consecução do resultado que nos occupa; o que não quer dizer que reprovemos os outros meios acima citados; pensamos pelo contrario que d'elles nos devemos igualmente servir, cada vez que as circumstancias o reclamem.

Desde ha treze annos para cá teem-se fundado e desenvolvido em toda a região d'Angola, submettida á soberania da corôa portugueza, quinze missões, a saber: com centro na Huilla 4: a da Huilla, de Tyivinguiro, Jau e Kihita; com centro em Caconda 4: a de Caconda, Bihé, Cassinga e Cubango; com centro em Malange 2: a de Libollo e a de Malange; em Loanda uma; com centro em Landana 4: a de Landana, Cabinda, Luali e Lucula. Além d'estas fundaram-se as missões do Humbe, do Kuanhama, e de Santo Antonio do Souho, abandonadas mais tarde por causa das revoltas dos gentios.

Ora, se exceptuarmos a Missão de Landana fundada em 1865, todos estes centros de verdadeira civilisação christã são a obra de treze annos apenas.

Os resultados que estão produzindo não me incumbe a mim enaltecel-os. Teem-os visto pessoalmente os Excellentissimos Prelados Diocesanos, d'elles teem fallado em seus relatorios ao governo da Metropole, assim como os Excellentissimos Governadores da Provincia e os dos districtos. Teem-os posto em relevo cavalheiros muito distinctos e muito illustrados da nossa sociedade, que os teem visto de perto e examinado.

Ora, se no prazo apenas de treze annos conseguimos fundar quinze obras civilisadoras de tão grande alcance, e cujo resultado pratico se está patenteando pelo numero avultado de creanças de ambos os sexos, que as missões educam, e que actualmente se eleva a perto de mil e oitocentas, e pelas aldeias ou povoações christãs, que ao pé das mesmas missões se vão estabelecendo, e cujo numero se eleva a 8; se um tal resultado pratico se tem obtido n'um espaço tão limitado de treze annos, tendo-se principiado quasi sem pessoal, sem recursos do Estado, pois só em 1887 é que a Missão de Huilla principiou a ser subsidiada, e actualmente d'essas quinze missões só oito o estão sendo, o que se não poderá fazer com os elementos de capital, de experiencia e de pratica adquirida e de pessoal formado de que já actualmente se dispõe?

Eu calculo que havendo pessoal (que é a questão actualmente de maior urgencia) algum capital, que poderá provir de esmolas offerecidas pela christandade, dos subsidios que o Estado possa dar e sobretudo do producto do trabalho das proprias missões, que já muito produzem, sem o que não teriam progredido, calculo que, no espaço de dez annos ou mesmo em menos espaço de tempo, poderemos occupar, por meio de missões bem organisadas, todos os vastos territorios que se estendem a leste da provincia, no espaço pouco mais ou menos de 1.400 leguas quadradas.

Em razão da experiencia que tenho adquirido durante o espaço de treze annos de residencia no Continente negro, em continua relação com as tribus selvagens, cuja lingua fallo, julgo ser pratico e realisavel o seguinte plano de Missões, cuja execução, se bem que grandiosa e de um alcance incalculavel, tanto sob o ponto de vista religioso como sob o ponto de vista politico, não exigiria comtudo quantias muito avultadas nem sacrificios extraordinarios por parte do Estado. Em primeiro lugar tomo como principio que as Missões não se deviam fundar a mais de um grau de distancia, ou vinte leguas, umas das outras, afim de que umas possam servir como ponto de escala para as outras; traz como consequencia este principio, a facilidade dos transportes, a facilidade de reforçar o pessoal ou de substituil-o, em casos de doenças ou de mortes, e a de um prompto e efficaç soccorro em caso de ataque por parte dos indigenas.

Ora dispondo só actualmente de quatro centros de Missões já solidamente estabelecidas, cada qual com missões filiaes e aldeias christãs, eu estou convencido de que, havendo pessoal missionario habilitado, poderemos, como já disse, em menos de dez annos, occupar por meio de missões toda a parte leste da nossa provincia de Angola, occupação que me não parece praticamente possivel de qualquer outro modo.

Para o fim aqui mencionado basta que se possam fundar, irradiando de cada centro de missões já organizado, um certo numero de missões, avançando para leste, com a distancia approximada de um grau entre cada uma.

*

* *

Ora examinando o assumpto sob o ponto de vista pratico, eis o que me parece exequivel :

1.º A missão de Malange como missão central, fundaria no espaço de 10 annos quatro missões filiaes, n'uma extensão de 4 a 5 graus, até chegar ao rio Cassai, reputado como nossa fronteira a leste do paralelo de Malange.

2.º No mesmo espaço de tempo, a missão de Caconda, continuando do Bihé para leste, poderia attingir o rio Liba, que fórma o curso superior do Zambeze occidental, por meio de cinco missões, pois dista d'este rio a 5 graus.

3.ª A missão de Cassinga seria o ponto de partida de outra linha de 4 missões para alcançar o Zambeze occidental.

4.º Finalmente a missão da Huilla, por distar a sua missão filial mais central, mais de 8 graus da nossa fronteira que confina com o Barotze, teria que fundar 7 missões para alli chegar.

Para uma d'estas missões já tem pessoal preparado e tenciona fundal-a no decurso do anno proximo.

Formaria a realisação d'este projecto um total de 20 Missões havendo entre cada uma no rumo de oeste a leste a distancia de um grau e no rumo de norte a sul a distancia de 2 graus, em media. Para todo o plano se realisar no espaço de 10 annos, haveria que fundar, termo medio, duas Missões cada anno.

Das vinte Missões novas, seriam fundadas pelo Estado as que pertencessem aos centros de Malange e Bihé, mais duas da Missão de Huilla : a de Mulola dos Gambos já projectada, e a de Humbé : em tudo 11. Pelo desejo que varias vezes me foi manifestado pelos administradores da Companhia de Mossamedes, de terem em seu território um numero consideravel de Missões, parece-me que acceitariam com gosto custearem a fundação das outras nove Missões das quaes cinco pertencentes á Missão de Huilla e outras cinco á de Cassinga.

Calcúlo uma media de 4 contos de reis para a fundação e para o subsidio annual de cada missão, verba que tenderia antes

a diminuir do que augmentar uma vez que a Missão se desenvolvesse e creasse, pelo trabalho agricola e industrial, recursos proprios.

Para attingir o fim que fica exposto, para não deixarmos tantos milhões d'almas sem a luz benefica do Evangelho e da civilização christã, e para não termos que soffrer a imposição das outras nações, que vão occupando todos os nossos territorios por meio de missões protestantes, das quaes existem actualmente em Angola 16, e que nos traçarão os nossos limites em conformidade com a nossa occupação effectiva e com a d'ellas, é de absoluta necessidade que desde já se tomem todas as medidas, para que se occupem, por meio de Missões, todos os vastissimos territorios até hoje desoccupados, e urge isto tanto mais que precisamos absolutamente d'elles para o desenvolvimento e estabilidade do nosso commercio, visto nos virem d'elles os productos mais rendosos da nossa provincia, taes como a borracha, o marfim e o gado bovino. É pois necessario que o Estado faça sacrificios para que definitivamente se adquira para a corôa portugueza todo esse vastissimo sertão, sem o qual ficaremos reduzidos a uma faixa de terreno no littoral, que nunca terá, sem o commercio interior, senão uma importancia muito secundaria.

É facto averiguado que por falta da occupação da Lunda o nosso commercio de marfim, que antigamente animava os mercados de Loanda, soffreu um golpe decisivo derivando-se para o alto Congo. O mesmo se está receiando que aconteça a Benguella com o commercio da borracha e assim succederá, attento o systema geralmente seguido pelos nossos commerciantes de ficarem nas praças do littoral, á espera que os selvagens lhes venham trazer a suas casas os productos do sertão.

É notorio que cada anno sahem dos nossos sertões da Huilla, Humbé e Ovampo milhares de bois, levados para o Transwaal, por commerciantes estrangeiros, que aproveitam a falta de concorrência, por parte dos commerciantes portuguezes.

Esta derivação do nosso commercio dará talvez como resultado ficarmos dentro em pouco com a nossa acção commercial atrophiada e ficarmos talvez, o que peor seria, sem os proprios sertões, d'onde o commercio nos vem, sobretudo quando se tratar

de delimitação dos mesmos e de fazer reconhecer como nossas as fronteiras até onde actualmente pretendemos que se estendam as fronteiras do nosso dominio.

Tudo isso se evitaria por meio da acção pacifica das Missões. As Missões attrahindo estes povos selvagens, pondo-os em contacto mais directo com o Europeu, dissipando a natural desconfiança do selvagem em face de individuos de uma raça superior, transformando-os por meio de uma educação perserverante não só agricola como tambem industrial, são o unico meio de os fazer passar rapidamente da selvageria e da barbaria aos primeiros degraus da civilisação e portanto de pôl-os em commu-nhão com os nossos interesses e de fazel-os partilhar os benefi-cios da nossa civilisação. Estou convencido de que o commercio havia de lucrar immenso com uma transformação d'esta ordem.

Assim é que as missões são chamadas a prestar um rele-vante serviço á humanidade e á nação, levando a esses pobres selvagens do Continente Negro a luz da fé e do Evangelho.

Não basta porém que queiramos Missões; é necessario que tomemos os meios adequados para as fundarmos e as desenvol-vermos: estes meios são a formação do pessoal.

Não havendo actualmente na Metropole clero de sobra para as necessidades espirituas das povoações do Continente, muito pequena é a percentagem do que pôde ir para as Colonias. Ainda que cada anno partissem para Angola dez sacerdotes seria ainda um numero insufficientissimo para missionar uma região doze vezes como Portugal, quanto mais não indo cada anno mais do que dois ou tres!

Forçoso pois será renunciarmos á Evangelisação e civilisa-ção de Angola, e muito mais á occupação effectiva do interior d'esta auspiciosa provincia, por meio de Missões, se não crearmos na metropole um estabelecimento especial para a formação de missionarios para esta provincia.

Até ao presente, tanto para a missão de Huilla como para os outros centros de missões, achamos sempre a melhor vontade e a mais generosa dedicação em companheiros de differentes nacionalidades que nos quizeram coadjuvar, mas é-nos impossivel continuar a contar com outros pela razão de serem necessarios

nas Colonias de diferentes nações a que pertencem. Não pôde pois a Congregação do Espirito Santo continuar a fornecer missionarios estrangeiros ás nossas missões, e forçoso é que tomemos a iniciativa de os formar em Portugal.

Torna-se pois de inadiavel necessidade a formação de pessoal portuguez para as missões.

*
* * *

N'este intuito fundou a Congregação do Espirito Santo um collegio em Braga e outro no Porto para se adquirir por este meio o capital indispensavel para a formação e organização de um seminario apostolico, que apurasse missionarios para as missões de Angola.

Este seminario, annexo primeiro ao collegio de Braga e transferido actualmente para o convento da Formiga, perto do Porto, já deu alguns sacerdotes que actualmente trabalham nas nossas obras e missões e consta actualmente de 40 alumnos, dos quaes tres cursam theologia, nove philosophia e os restantes instrucção secundaria.

Este Instituto, fundado e organizado com professores competentes sahidos pela maior parte de entre os nossos professores do collegio de Braga, nada tem custado ao Estado e representa uma obra eminentemente patriotica e de um alcance incalculavel, para a extensão em Africa das nossas missões, e portanto da nossa influencia.

Esta obra porém lucha com difficuldades que a tornam deficiente, por não poder ter senão um numero diminuto de alumnos, sendo egualmente diminuto o capital de que dispõe para a formação dos mesmos. Para as necessidades da nossa colonia de Angola são-nos necessarios não só 50 alumnos, mas pelo menos 120, para termos por anno uma percentagem de 8 a 10 missionarios.

Forçoso nos é recorrer ao Estado e pedir-lhe que se digne,

em vista do immenso bem a que esta obra é destinada, subsidial-a para que possa educar um numero razoavel de seminaristas.

Para se conseguir este resultado não precisa o Estado de gastar quantias extraordinarias, como aconteceria se se tratasse de fundar e organizar um estabelecimento d'esta ordem. Bastaria para este fim um subsidio annual de 6 a 7 contos de reis, encarregando-se os iniciadores d'esta obra do resto da despeza, como se pratica com a Escola Agricola Colonial de Cintra, que tantos serviços está prestando ás nossas missões. Sem mesmo crear novas fontes de receita, poderá o governo achar no orçamento da provincia de Angola verbas de que se poderia lançar mão para esse fim. Bastar-me-ha apontar uma verba de 24 contos de reis para colonisação, da qual certamente se não emprega a metade, visto ser a colonisação actualmente no planalto, em escala muito diminuta.

Só me resta expôr mais uma razão em pró da medida que proponho para o desenvolvimento rapido das nossas missões de Angola, e é que se o governo deseja que os vastos territorios d'alem Cunéne sejam annexos ao Real Padroado, será forçoso que n'elles estabeleça missões e que para ella se fórme pessoal adequado. Não poderá haver argumento mais palpavel perante a Santa Sé do que provar-se que Portugal quer occupar-se seriamente da evangelisação das suas colonias e que não é com um fim meramente espectacularo que deseja estender o seu padroado em todos esses territorios. — Resumindo em breves phrases o que acabo de expôr, direi:

1.º Urge tomarmos posse em nome da fé e da patria, de todos os paizes a leste da provincia de Angola, na extensão de 1:400 leguas quadradas d'onde vêm as nossas maiores riquezas coloniaes.

2.º Basta para attingir este fim, formar quatro linhas de missões, extendendo-se de oeste a leste para alem das missões já fundadas; estas missões attingirão o meridiano de Barotze em menos de dez annos e formarão uma vasta rede abrangendo todo aquelle territorio; para o que bastam vinte missões.

3.º Para a realisação pratica d'este plano é preciso que o

Estado auxilie eficazmente a formação de missionarios que cooperem para esta obra tão grandiosa; para o que será necessario subsidiar com uma quantia de 6 a 7 contos de reis o Seminario Apostolico da Formiga, fundado para as missões de Angola, por iniciativa particular, e que já conta 40 alumnos, de modo que esse seminario possa ter 100 ou 120 alumnos e possa dar por anno 8 a 10 missionarios.

A consecução d'este plano terá como resultado a propagação da fé de Christo em toda a região ainda pagã de Angola e a occupação pacifica de todo o sertão, e provará á face da Christandade que Portugal sabe cumprir com a missão sublime que lhe impõe o culto e o nobre privilegio de padroeiro.

Lisboa, 1 de Dezembro de 1894.

P.^o JOSÉ MARIA ANTUNES.



MEMORIAS DE OUTRO TEMPO

OS FRADES E A AGRICULTURA

É assumpto forçado de certos publicistas fallar da *ociosidade* dos frades, da *inutilidade* das ordens religiosas e do depauperamento economico produzido pela accumulção, nos conventos, de homens que *apenas* se entregavam a contemplanções mysticas. Chegou até a affirmar-se que o espirito do christianismo é prejudicial ao operario, porque lhe faz perder o ardor de que carece na lucta do trabalho! ¹⁾.

Ora, que os factos demonstram exactamente o contrario, sabem-n'o todos os que conhecem a historia e as doutrinas do christianismo. Para se ver como era regalada a ociosidade dos frades, e quanto as doutrinas christãs são oppostas ao espirito do trabalho, vamos transcrever alguns trechos de um dos nossos mais eruditos escriptores, Fr. Fortunato de S. Boaventura, julgando com isso prestar dois serviços: primeiro reavivar algumas paginas historicas que andam esquecidas de muita gente; segundo desfazer preconceitos de que alguns se deixaram possuir a respeito da *ociosidade* dos frades.

Fallando dos serviços prestados á agricultura pela ordem de Cister, escreve o chronista citado, a pag. 27 da *Historia chronologica e critica da real abbadia de Alcobça*:

« Hum dos maiores serviços, que a Ordem de Cister apenas

¹⁾ Sr. Dr. Affonso Costa, dissertação inaugural, pag. 183.

instituída fez a toda a Europa, foi o melhoramento da Agricultura em todos os Reinos, e Estados, que lhe permittirão fundar Mosteiros. Para que ninguém cuide, que eu me deixo arrastar de huma cega paixão pelos meus, e que talvez, em menoscabo de outras Corporações Religiosas, me proponho dar á minha o que lhe não compete, darei por extenso as reflexões de hum Escripitor moderno a este proposito. Primeiramente devemos observar que os Monges, para que nenhum estrepito secular lhes perturbasse a piedade, e o socego proprio de seus Institutos, escolherão os logares mais desertos, e solitarios, onde, sequestrados de todo o tracto com os homens, vivessem só para Deus, e para as observancias regulares; nestes lugares todavia, que mais parecião destinados para lobos, do que para homens, erão obrigados a trabalhar em cousas uteis; pois de outro modo terião de morrer á fome; e os seus trabalhos muito bem se conciliavão com o seu primario intento, que era o exercicio das virtudes ¹⁾. Assim os primeiros Fundadores da Ordem de Cister fixarão o seu assento em hum lugar de horror, e vasta solidão: a saber, em hum valle profundo e sombrio ²⁾. Dizem que Clarraval fôra antigamente couro de ladrões, e que fôra chamado Valle de Absintio, por causa da amargura dos que cahião em poder dos ladrões ³⁾; os Cistercienses pois merecem os maiores louvores por terem restaurado, e observarem a regra de S. Bento...

« He pois claro para todos, que examinarems a historia daquelles tempos que, longe de deverem ser reputados como pezo inutil os Monges deste jaez, antes deverão ser reputados benemeritos da Republica. Converterão elles espaçosos terrenos em a França, Alemanha, Suissa, Pomerania, e Prussia cheios de bosques, e pantanos, ou que mettião medo por constarem só de areas, e pedras, em paizes mui aménos, agradaveis, e abundantes pela fertilidade dos campos, e variedade dos fructos. Sendo isto verdade (como realmente he), importava que nunca mais nos

¹⁾ J. H. Regembogen Commentatio de Bello Sacro. Lugduni Batavorum 1819, pag. 347 et seq.

²⁾ Alteserra — Ascet. ed. Paris L. 9. C. 6. pag. 464 465.

³⁾ Vej. Math. Paris Hist. mas. pag. 49 ao anno 1128.

voltassemos nem contra os Monges, nem contra os Cruzados, que lhes doarão terras. Podêmos facilmente confirmar isto com algum exemplos. Fr. Agostinho Sartorio Historiador dos Cistercienses atesta que, por elles terem preferido lugares êrmos e fragosos para as suas fundações, os reduzirão a campos fertes à força de trabalho ¹⁾. Gerardo de Claraval, escrevendo sobre o Mosteiro Claromarisco da Ordem de Cister, explica-se desta maneira = Nós registamos com os nossos olhos aquellas terras, e he certo que, situadas no fundo do mar, nunca tiverão cultura humana, excepto agora, em que os nossos irmãos forcejão contra o mar com grandes trabalhos, e despezas a fim de apparecer alguma terra enxuta ²⁾. O Rei de França dêo ao Mosteiro Columbense humas terras situadas no districto de Chartrense com os bosques, aguas, e pastagens, e com todas as pessoas de ambos os sexos, para cultivar e reedificar, pois estavam quasi reduzidas a huma solidão ³⁾. Ludgerio explica-se assim: de quanto aproveitirão nos êrmos, he boa testemunha o bosque chamado Bocauno, que era quasi todo inculto e deserto, e agora do Oriente para o Occidente, e do Septentrião para o Meio dia o enchêrão de Igrejas do Senhor e de Vergontas escolhidas de Monges ⁴⁾. Nem faltão exemplos de terem pedido, e alcançado dos Principes os lugares desertos para arrancarem, e desarraigarem arvores e troncos, prepararem campos, abrirem vallas, fazerem marachões, e aqueductos para moinhos, e buscarem pedras, e barro para os edificios ⁵⁾. Os Romanos Pontifices, para auxiliarem os esforços dos Cistercienses, determinarão que elles fossem isentos de pagarem dizimo daquellas terras, que agricultassem por suas proprias mãos, ou á sua custa ⁶⁾.

«O mui douto Historiador da Suissa João Muller nos declara o muito que trabalharão estes, e outros Monges para a cultura dos valles, e montanhas da Suissa, e nos conta por exemplo,

¹⁾ Cistercium bistertium, pag. 513 — Praga 1708.

²⁾ Martene Thesaurus Tom. 1. pag. 599.

³⁾ Martene et Durand. Collectio Tom. 1. pag. 652.

⁴⁾ Apud Fischerum — geschichte des teutschen handels. T. 1. pag. 81.

⁵⁾ Fischer ibid pag. 847.

⁶⁾ Vej. Epist. de Alexandre III. em Martene Tom. 2. pag. 1009 e de Urbano III. em Pepiothes. tom. 5. parte 2. pag. 42.

que na Ochtandia muitas terras, por diligencias dos Monges forão tiradas aos lobos, e convertidas em ferteis campos, em que abunda toda a variedade de fructos, os mais uteis para a vida humana ¹⁾: da mesma sorte na Provincia de Neufchatel extensissimos valles, e lugares pantanosos principiãrão de ser cultivados por mão dos Premonstratenses ²⁾. Assim os Monges do Mosteiro de Hautecreste, que se diz, vivião de seu trabalho, se esmeraram na cultura das vinhas ³⁾; ali lemos tambem ⁴⁾ que acima de todos os mais forão os Cistercienses do Mosteiro de Bommont, quando cultivãrão com grande fructo as terras desertas dos Alpes tão bravas, que mui difficultosamente cedião á cultura. Sabemos outro tanto dos Monges estabelecidos na região da Frisia, pois era costume de todos estes Monges o cultivarem as suas terras, e granjas, e alodios por mãos de frades conversos, e de leigos ⁵⁾.

«Levaria desmesurado tempo contar o que fez a diligencia dos Monges em cada hum dos Reinos, e mais Estados da Europa. Com toda a razão se tem dicto da Allemanha, que parecia em muitos lugares outra Siberia deserta e medonha, e que os Monges chamados á observancia da Regra de S. Bento, isto he, ao trabalho de mãos, transformãrão os seus desertos extensos, e horriveis, e as suas terras de má qualidade, e infructiferas, em paizes agradaveis, e férteis ⁶⁾. Não se pode explicar a grandeza de seus trabalhos na Belgica, ora na abertura e direcção das vallas, e na construcção de estradas, que não ha cousa mais util para o commercio; ora em reprimir a violencia das ondas a poder de marachões, e pôr em sêcco vastas lagoas; ora finalmente em altear a planicie dos valles, em levantar moinhos, e fornos de cozer tijolo.

«Todos estes, e outros mais serviços, que as Corporações religiosas fizerão ao genero humano, se devem apreciar tanto mais, quanto excedião de ordinario as possibilidades dos parti-

¹⁾ Geschichte der Schweizerischer Eidgenossenschaft. Joh. von Muller — 1 theil. 1. Buch. C. 14 pag. 384 — Lipsiae 1806.

²⁾ Ibid. pag. 414.

³⁾ Ibid. pag. 35.

⁴⁾ Ibid. pag. 354.

⁵⁾ Mathaei. Anal. vet. Aevi. tom. 3. pag. 553.

⁶⁾ Fischer na Obra citada tom. 1. pag. 80.

culares, ou erão desprezados, e tidos todos em pouco, por quem os podia fazer sem embargo de nos mostrar a experiencia o quanto elles influem na felicidade pública. Bem ponderadas que sejão estas cousas, não se podem negar os merecimentos dos Monges; e tão longe está de nos devermos azedar contra os Cruzados, os quaes transferirão os seus Predios a titulo de doação, penhor, ou qualquer outro modo que fosse para uso dos Monges, que antes, sem obstar a isenção de tributos, sem obstar o poder do Clero, e o luxo, que acompanha as riquezas, nos devemos alegrar, porque deste modo a Agricultura, que he o fundamento da Sociedade, até ahi lastimosamente descabida, e desprezada começou então a ser tida por cousa de algum valôr. Se a Agricultura pois, que he o seu maior brazão, adoçou a ferocidade dos costumes, e influio nos homens sentimentos de humanidade, quanto devemos aos que de bom grado se quizerão encarregar della, preserva-la das injurias dos tempos, e ajuda-la com seu exemplo?

«Muitas calamidades nascêrão, como todos sabem, daquella isenção dos tributos, as quaes todavia não levaremos a mal, se ponderarmos que todos esses privilegios erão tão accommodados ao melhoramento da Agricultura, que por meio delles podia florescer aquella arte bemfazeja, e saudavel, que sem elles estaria ainda mui largo tempo destruida. A primeira condição, que se exigia para o dicto melhoramento, era que não fosse gravada do mais leve onus de tributos, ou encargos públicos, ou de invasões, que cheirassem a hostilidade, o que muitos eruditos de animo mui avesso ao Clero, e medindo aquelles tempos pelos nossos, me parece não terem attendido quanto devião. Quando huma cousa está inteiramente desfigurada, e perdida, que melhor partido se pode tomar, do que, não sendo possivel acudir a tudo por desgraça dos tempos, ajudar huma parte com grandes privilegios, para que assim pouco a pouco se restituia o todo ao seu antigo resplendor, e inteireza?

«Todas as vezes pois que lermos os Diplomas, em que se concedem Servos, e Predios aos Monges, e principalmente aos Cistercienses, que pelo seu cuidado da Agricultura são chamados *boni homines*, monumentos estes, que se encontram em seiscentos lugares nos Escriptos de Martene, Durand, D'Acheri, Pesio,

e Leibnitz; quantas vezes, torno a dizer, que nós lermos que se lhes davão homens, casas, terras, matas, prados, vinhas, pedreiras, agnas, moinhos, pousagens, pastagens, pasnagens, doens, e outras cousas semelhantes, e se diz não pagarão tributos, e encargos públicos, outras tantas nos devemos congratular, de que a Agricultura recebesse em tudo isto auxilio, engrandecimento, e proveito ¹⁾.

« Em conclusão, quem hade levar a mal que a Igreja concedesse benignamente á Agricultura aquelle arrimo necessario, que a Republica civil lhe negou cruelmente? Sei que os Monges depois de ricos já não trabalhão no campo, e costumão ser accusados de passar uma vida repousada e silenciosa; porem não succede o mesmo a muitos homens de todas as condições, que, chegando a enriquecer, passão fora do Mosteiro huma especie de vida Monastica, e que nem por isso devem ser expulsados da Sociedade?

« Assaz nos consta da Historia que os Mosteiros, assim adiantados em riquezas, e fortunas, a principio cercados de casas, celeiros, adegas, e outros edificios derão comêço primeiramente a Aldeias, e depois a Cidades ²⁾; já deixámos advertido, por testemunho de Orderico Vital, que os Abbades dos Mosteiros chamavão a si todos os artifices, Carpinteiros, Ferreiros, Escultores, Ourives, Pintores, Pedreiros, e outros, parte a fim de satisfazerem as necessidades dos Mosteiros, parte a fim de darem aos artifices hum asilo seguro contra as perseguições dos Baroens, e dos Nobres, que não só pelo seu continuo esforço de reduzirem tudo á mais pezada escravidão, mas tambem por afeitos á rapina, e ao latrocinio, tractavão de se apoderar violentamente dos fructos da industria alheia; assim, por exemplo, em a Chronica dos Bispos Mindinenses se lê do Mosteiro Lucense da Ordem de Cister, que todos os officiaes mechanicos ahí tinhão habitações distinctas; a saber, Alfaiates, Ferreiros, Fabricantes de pannos, e tambem se faz menção de huma grandiosa casa dos fabricantes de Cervêja ³⁾. Na propria Regra dos Conversos

¹⁾ Vej. Marten. Thesaur. 1. pag. 646 ou Leibnitz rerum Brunsv. Script. tom. 3. pag. 692.

²⁾ Alteserræ Asceticum L. 9. Cap. 6. Muratori Antiq. Ital. tom. 5. col. 400 dissert. 65. Fischer tom. 1. pag. 81.

³⁾ Leibnitz na Obra citada tom. 2. pag. 176.

da Ordem de Cister se faz menção dos irmãos Boieiros, Pastores de ovelhas, Sapateiros, Teceloens, Surradores, Forneiros, Lavandeiros de pannos, e Ferreiros ¹⁾).

« Acautelemo-nos todavia de julgar, que somente devemos agradecer aos Monges o terem guardado os monumentos das Sciencias em seus Mosteiros, e o terem dahi sahido pelo andar do tempo Colonias de homens sabios, que se derão ao estudo das Humanidades, e Filosofia, em consequencia do que as Sciencias conseguirão a final a honra, que lhes era devida, e dimanarão excellentes fructos para as Republicas Civil, e Ecclesiastica: não me parecem menos benemeritos de ambas, porque applicando-se á Agricultura, e ás Artes mechanicas forão causa de que os Povos sacudissem a barbaridade, e se fizessem mais humanos e tractaveis. Não ignoro que aquelles principios de Agricultura, e dos officios mechanicos forão apoucados, e que não se devem medir pelos nossos tempos; estou porem que se devem ter em alguma conta, se repararmos bem na má condição daquelles tempos. Consta-nos pois que os lugares Sagrados forão azilos benignos, a que as pessoas desgraçadas de ambos os sexos se acolhião, para attentarem de algum modo pela sua conservação; lamentem agora certos Escriutores, quanto lhe aprouver, que a opulencia do Clero subisse a hum ponto excessivo; lastimem as discordias domesticas, que procederão daquella mudança de cousas; temos para nós que todos estes males sobremaneira, e largamente encarecidos forão assaz compensados pelos bens, que temos referido. Se mais tempo durasse aquella antiga ordem de cousas toda a Europa, tornando-se preza dos Tyrannos, e theatro de guerras eternas, só nos mostraria a semelhança triste, e horrivel de um deserto da Tartaria.

« Até aqui hum Auctor que, nem era Cisterciense, nem apainado de Instituições Monasticas; mas que não se pejava de sahir pela verdade, e pela justiça. Examinemos agora, se os Cistercienses deste Reino degenerarão de seus Maiores, ou fielmente lhes seguirão as pisadas. »

¹⁾ Vem esta Regra no tom. 4. do Thes. de Martene pag. 1649, 1651 donde tirei alguns Capítulos, que vem na Prova N. VI.

V A R I A

Os acontecimentos de 30 de julho. — Aos nossos estimaveis collegas das *Novidades* pedimos licença para transcrever o seu artigo de 6 de setembro com a epigraphe — *Lição varia* :

« O resumo dos depoimentos, concernentes aos presos, que antehontem foram entregues ao juizo criminal por motivo das violências praticadas sobre o illustrado e benemerito sacerdote o sr. Senna Freitas, tem um ensinamento eloquente, e que não se limita ao simples facto da aggressão singularmente considerada ¹⁾. É um panno de amostra, que deve ser estudado e reflectido, tanto por aquelles, que de animo leve procuram excitar as massas, sem calcularem ao certo as consequencias da desejada desordem, como pelos tibios e indifferentistas, que assistem de braços cruzados a essa propaganda, sem nada fazerem para a contrariar, e sem se preocuparem com os eventuaes resultados d'ella.

« Em plena paz e tranquillidade, sem haver questões irritantes que legitimassem ou explicassem uma anormal sobreexcitação e desvairamento dos espiritos, bastou a repetição insidiosa de um boato, que era disparatado até o absurdo, para provocar n'uma capital, como Lisboa, scenas de verdadeira selvageria, que nos cobriram de vergonha, e que durante muitas horas seguidas nos tiveram no alarme e sobresalto de grandes conflictos sangrentos. A indole do povo, tantas vezes elogiada e exaltada como bondosa e pacifica, appareceu subitamente transformada na bestialidade e malvadez d'uns, na covardia e repugnante egoismo de outros, na irresolução e desnorreamento do maior numero. Anarchia brava.

¹⁾ Um dos sicarios, sapateiro de profissão, gatuno e meliante bem conhecido da policia, declarou perante a auctoridade que na occasião do tumulto levava consigo a faca do officio, e que sentia não se ter lembrado d'essa circumstancia, porque teria cortado o nariz ao sr. padre Senna Freitas! Outro gatuno de equal jaez lamentou-se de não lhe ter occorrido fazer busca aos bolsos do illustre sacerdote, para lhe tirar a carteira ou quaesquer valores que encontrasse! — (N. da R. da *Revista Contemporanea*).

« O furor da estupidez desvairada e da perversidade odienta carregou sobre os suppostos roubadores de creanças para fabrico de oleo humano, fazendo victimas ás cegas; victimas de acaso, de occasião, sem indicação e denuncia previas, os primeiros que appareciam, os que a fatalidade levára a sair de casa em certa hora e com determinado traje... E se isto assim foi, nos alaridos d'um boato disparatado, o que succederia nas expansões revolucionarias de um conflicto systematicamente preparado por uma propaganda, que assopra malquerenças e odios, que deprava e refunde as idéas, e acirra e incendeia as paixões?!... Só a perspectiva de tal evento é para dar pavores.

« Os factores do movimento ¹⁾ seriam absolutamente impotentes para o conterem dentro dos limites traçados pelas causas determinantes da sua preparação. Ponham ás soltas a plebe indisciplinada e anarchisada, e ella não acceitará cabeças, que a guiem, nem respeitará braços que a detenham. O vasto mar impetuoso recua diante d'uma branca riba de areias; mas o oceano das paixões revoltas galga por cima de todos os obstaculos e a sua furia só acalma, quando a si propria se consome, ou quando uma violencia maior a faz succumbir. Desencadeada a tormenta, não pensem, os que a éreassem, que poderiam regel-a e dominal-a; e menos ainda imaginem os indifferentistas e os egoistas, que poderiam ficar tranquillamente, a ver de janella ou de passeio, o espectáculo agitado, embora interessante e para alguns divertido, das vindictas populares. N'essas occasiões, os resentimentos mais futeis, os despeitos mais recatados, as rivalidades mais disfarçadas põem a mascara de reivindicações politicas e de desaggravos patrioticos. E sobre essas instigações, que a todos, sem excepção, seriam ameaça, porque não ha pessoa, que não tenha um inimigo e um invejoso, acresceria a selvageria cega, que faz o mal só pelo mal, por instinctos de besta-fera, sem designar nem escolher victimas. Os que estivessem de alto a ver o espectáculo, rebuçados na sua neutralidade indifferentista, ou que passeiassem tranquilos, fiados na pureza das suas consciencias, seriam talvez os primeiros a quem succederia, como ao padre Senna Freitas, que foi sempre um varão inoffensivo e um sacerdote exemplar, o serem insultados, offendidos, espancados, repellidos das moradias onde pedissem agasalho, arrastados pelas escadas onde procurassem refugio, e victimados na rua pela turba feroz e ignara, desvairada de furor, de maldade, e de insanias...

* * *

¹⁾ Tambem as *Novidades* concordam, que o movimento foi premeditado e dirigido por homens que ficaram atraz da cortina, como refinadissimos cobardes. Para estes não haverá lei nem justiça? As auctoridades não poderiam encontrar, relativamente aos tumultos, materia de crime nas collecções de quatro jornaes jacobinos bem conhecidos em Lisboa? — (N. da R. da *Revista Contemporanea*).

A lição, com ser exemplificada em pequeno quadro, assume alto relevo pela qualidade da principal victima. Ponham os olhos n'ella, e reflectam no que seria amanhã, em Lisboa e em outras terras populosas, a plebe desenfreada, sem encontrar diante de si, a contel-a e reprimil-a, um governo de ordem, que na vespera tivesse sido derrubado per um movimento revolucionario !

Ha ainda outra ordem de factós, a que esta lição muito aproveita. Na organização das commissões de character politico revolucionario, a que em principio d'este anno se procedeu no paiz, appareceram bastantes membros do clero, e d'isso se fez alarde. O opportunismo ¹⁾, que Leão XIII tem recommendado em França, não por defeza do regimen, que ali vigora, mas só pela consideração suprema de respeito aos poderes constituídos, invertia-se aqui, por um sophisma grosseiro, e manifestamente opposto ás intenções do pontifice, apresentando-o como defeza d'aquelle regimen, e opposição e guerra aos poderes legaes. Com os acontecimentos de 30 de julho, ficou o clero conhecendo praticamente o que tinha a lucrar com essa orientação, e onde ella o conduzia.

A alliança do throno e do altar, se não pôde ter já o significado, que tinha nos seculos passados, nem por isso deixou de ser a formula, em que deve repousar a tranquillidade publica, a paz da igreja, e o respeito das consciencias. O radicalismo nunca erigiu templos, senão ao sacrilegio, nem deu honra e protecção ao culto divino e seus sacerdotes. É bom que estes o não esqueçam, embora não seja prudente nem justo, nem acertado, exaggerar as consequencias, que d'esse ensinamento historico se derivam, como com magua estamos vendo em alguns dos protestos publicados pelo clero contra os acontecimentos de 30 de julho ²⁾: Não vá o clero cair d'um extremo no extremo opposto. Nem republica, nem absolutismo. Não favoreça o radicalismo revolucionario, porque seria atraíçoar a sua missão e trabalhar pela propria ruina e desprestigio; mas não condemne violentamente nem injurie como peste a liberdade e os partidos liberaes, que são o apoio da legalidade existente. O throno é liberal; e a indispensavel alliança com o altar não pôde ter outra base, para que ella possa ser solida e reciprocamente proveitosa. O clero deve ser o primeiro e mais natural defensor dos principios conservadores, e dos principios de ordem, que

¹⁾ A palavra *opportunismo* não exprime tudo. O que o Papa quer é que os catholicos obedecam aos poderes constituídos e reconheçam a forma de governo existente lealmente e sem pensamento reservado. Este preceito não é só para a França, mas para Portugal e todos os paizes. — (N. da R. da *Revista Contemporanea*).

²⁾ Não conhecemos os exaggeros a que o collega se refere. Entretanto parece-nos que é justissimo reclamar as mais energicas e implacaveis providencias, para defender a vida e a liberdade dos cidadãos. A formula é esta: para os grandes males, grandes remedios. Se assim não fôr, cahiremos na anarchia. Procedem assim os governos democraticos da America e os liberaes da Republica franceza. — (N. da R. da *Revista Contemporanea*).

entre si são solidários. Ora a ordem, entre nós, é a monarchia constitucional.

Um grande espirito do Novo Mundo, Franklim, deu a norma, que deve reger as sociedades modernas : *God and liberty : Deus e liberdade* ¹.

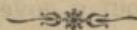
Os catholicos italianos. — O sr. Bonghi, deputado e antigo ministro italiano lamenta-se da influencia crescente dos catholicos na Italia pela forma que os nossos leitores vão ver.

N'uma chronica politica publicada n'uma revista parisiense, depois de se referir a alguns desastres economicos e politicos do governo do seu paiz, escreve :

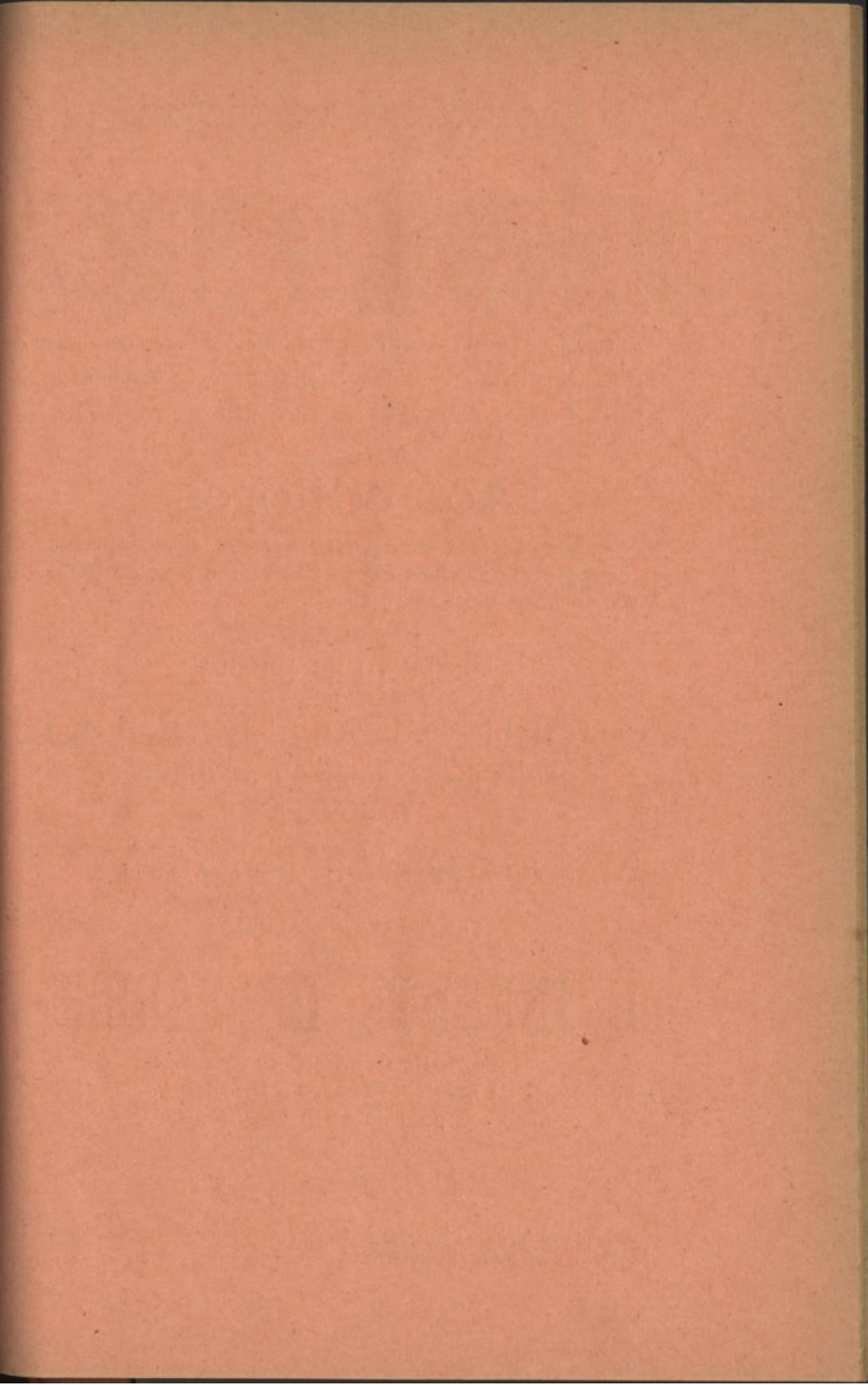
« Todas estas razões e muitas outras contribuem para augmentar a influencia do partido clerical. Este partido não vota, por ordem do Papa, nas eleições politicas ; mas vota nas eleições administrativas das communas e das provincias. Contam-se já alguns conselhos provinciaes e communaes, mesmo dos mais importantes, em que o partido clerical está em maioria, e muitos em que tem uma forte minoria. Mesmo em Roma, o que é peor, passou toda a lista clerical de 32 nomes ; o Papa, muito prudentemente, não quiz deixar apresentar numero maior. A maior parte dos liberaes só passaram depois dos clericos. »

Depois d'isto só ha a accrescentar que um grande numero de conselhos communaes, convidados para as festas de 20 de setembro, declararam que não tomariam parte n'ellas por as considerarem um ultrage á religião e ao Vigario de Jesus Christo. O congresso eucharistico de Milão, que acaba de celebrar-se com uma solemnidade majestosa e com a assistencia de muitos milhares de fieis, constitue uma outra manifestação grandiosa da vida catholica na Italia.

Não ha duvida, em presença d'estes factos, que o povo italiano tem uma grande confiança na obra revolucionaria e sacrilega de Victor Manuel e Garibaldi !



¹) Cá em Portugal a formula é outra : *Devil and liberty : Diabo e liberdade*. Os apostolos da nossa democracia querem liberdade para todas as comedias jacobinas e para todas as exhibições maçonicas, e, quando se trata de padres ou de religião, cacheirada que te parto. Evidentemente a nossa sociedade precisa de uma reforma bem funda. Entretanto é bom que o clero vá pensando no caso, e que dentro da legalidade e da ordem, vá reclamando as garantias que lhe são devidas. — (N. da R. da *Revista Contemporanea*).



Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 1\$600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

Aos editores

Na *Revista Contemporanea* serão apreciadas com desenvolvimento as obras litterarias e scientificas de que recebermos um exemplar.

FORTUNATO DE ALMEIDA

A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 REIS

Á venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 reis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

O INFANTE DE SAGRES

Obra premiada

*no concurso de memorias sobre o infante D. Henrique,
por occasião do quinto centenario
do seu nascimento*

1 volume de XLIII-371 pag., 600 reis

A venda na Livraria Portuense de Lopes & C., editores, rua do Almada, 119
123, Porto, e em todas as livrarias.

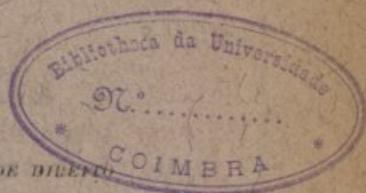
REVISTA CONTEMPORANEA

DE
QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,
HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

QUINTANISTA DE BIELECU



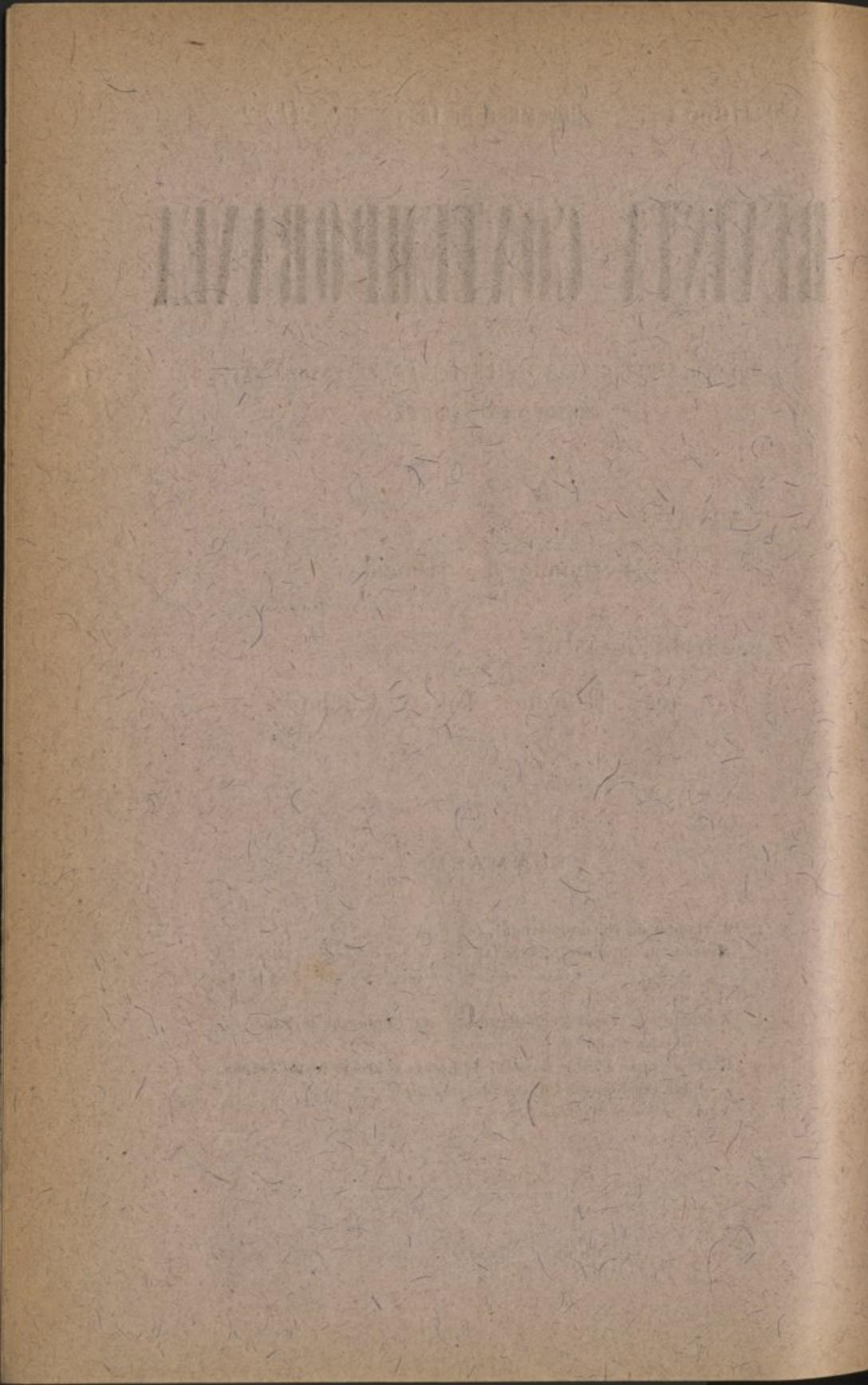
ADMINISTRADOR

José Marques Rilo e Cunha

BACHAEL FORMADO EM THEOLOGIA

SUMMARIO

- I — A viagem do rei de Portugal, por F. A.
 II — Missões do Cunene Occidental Exposição feita a S. Em. eia o Sr. Cardeal Ledkowski, Prefeito da Sagrada Congregação da Propaganda pelo Rev.ºo Padre José Maria Antunes, em outubro de 1894.
 III — A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa (continuação), por P. G., adrogado.
 IV — Carta de Leão XIII ao Cardeal Rampolla sobre as festas celebradas em Roma no dia 20 de setembro.
 V — Varia — (Causas do Socialismo — Serra da Estrella).



A VIAGEM DO REI DE PORTUGAL

A viagem de Sua Majestade o sr. D. Carlos pela Europa deu logar a um incidente, que, tendo muitos precedentes na historia dos ultimos vinte e cinco annos, poude ainda assim attrahir durante alguns dias a attenção de toda a Europa sobre o nosso paiz e o augusto Chefe do Estado. Tratava-se de uma questão que interessa a muitos milhões de homens de todas as nacionalidades, e que é uma das mais graves e melindrosas que prendem os espiritos da diplomacia e da alta politica internacional.

Logo que Sua Majestade el-rei sahiu de Portugal, annunciando-se a sua viagem á Italia, era de prever que surgiriam difficuldades quasi insuperaveis, desde que o rei Humberto insistisse em receber o monarcha portuguez só em Roma. Se D. Carlos fosse primeiro ao Quirinal, ser-lhe-ia vedada a entrada no Vaticano, e chegaríamos provavelmente a um conflicto grave com a Santa Sé; se fosse primeiro ao Vaticano, dar-se-ia a indisposição com o governo do rei Humberto. N'este caso a difficuldade era irresoluvel. Sua Majestade el rei, d'accordo com o governo, resolveu libertar-se do dilemma, desistindo da viagem á Italia. Era esta a unica solução.

A este respeito apparecem nos jornaes algumas apreciações verdadeiramente phantasticas; é curioso como certos jornalistas fazem diplomacia com a mesma facilidade com que se escreve um artigo sobre eleições.

Uns queriam que o governo portuguez tivesse antecipadamente previsto e resolvido todas as difficuldades, de forma que o monarcha não tivesse de demorar-se alguns dias em Paris esperando uma solução. N'este caso não era difficil prever; o que era difficil, impossivel mesmo em certas circumstancias, era evitar sem sahir dos limites das conveniencias diplomaticas. Declarar previamente ao governo italiano que o monarcha portuguez só visitaria o rei Humberto fóra de Roma, equivalia a pôr-lhe uma espada ao peito. Por outro lado, annunciando-se pelas vias diplomaticas uma visita d'el-rei ás côrtes da Europa, seria uma alta inconveniencia não annunciar a visita do monarcha á Italia, aonde o prendem, alem de tudo o mais, intimas relações de familia. Sem quereremos penetrar no plano adoptado pelo governo portuguez, afigura-se-nos que elle não era tão falto de viabilidade como certos jornaes o apregôam. Ao tempo em que deveria realisar-se a viagem do rei de Portugal á Italia, Humberto I estava em Monza, pouco distante da fronteira dos Alpes. Nada mais natural e mais simples que encontrarem-se ahi os dois soberanos, seguindo' depois para Roma o monarcha portuguez, em condições que talvez não fosse difficil combinar. O facto, se se dêsse, tinha precedentes de maior força. Assim como Victor Manuel foi a Milão e a Veneza, para receber, em identicas circumstancias, os imperadores da Allemanha e da Austria, podia muito bem o rei Humberto conservar-se em Monzuza para receber a visita do nosso monarcha. Por outro lado, o governo portuguez devia suppor que o gabinete do Quirinal estaria disposto a facilitar o encontro dos dois soberanos sem levantar conflictos diplomaticos que se prendessem com a questão romana.

Falhou o plano? E que responsabilidade resulta d'ahi para o nosso governo? O gabinete italiano quiz fazer uma tentativa, que, a ter bom exito, produziria effeitos moraes de certa ordem: o seu plano era fazer com que um chefe d'estado catholico fosse a Roma, o que ainda não conseguiu depois de 1870, ao menos em condições favoraveis para o actual estado de cousas da Italia. Ora a tentativa, que aliás não re-

solvia um apice da questão romana, só podia ter como consequencia collocar-nos n'uma situação desagradavel perante a Santa Sé e perante as chancellarias da Europa. Quer dizer, para obsequiarmos o governo da Italia, iamos envolver-nos em difficuldades gravissimas, dando-nos ares de quem pretende resolver uma questão sobre a qual as potencias européas ainda não proferiram a ultima palavra.

Certos *diplomatas* de improviso pretendiam tambem que o rei de Portugal fosse a Roma, visitasse o monarcha italiano e depois fosse cumprimentar o Papa; se não fosse recebido no Vaticano, diziam, voltava-se embora. Nada mais simples para gente que vê... tão perto. Tinhamos assim conseguido um grave conflicto com a Santa Sé, que era realmente o que agora nos faltava para coroação d'esta serie de *felicidades* que temos gosado. E como um mal nunca vem só, era provavel que as chancellarias da Europa nos perguntassem quem nos confiou a missão de sermos os primeiros a reconhecer a occupação de Roma pelo exercito piemontez.

N'estas circumstancias, a prudencia só aconselhava um caminho, e foi esse que se tomou: o sr. D. Carlos não foi á Italia. Muitos soberanos que têm ido visitar a familia real italiana abstiveram-se sempre de ir a Roma, para não reconhecerem a cidade eterna por capital do novo reino, ou foram lá em circumstancias especiaes de forma a não surgirem conflictos. Assim, tem-se visto muitas vezes a familia real italiana sahir de Roma para ir a Turim, a Florença e a outras cidades receber a visita de principes estrangeiros. Entre os que se abstiveram da viagem a Roma podemos indicar os seguintes:

O imperador e a imperatriz do Brazil;—a rainha de Inglaterra;—o rei e a rainha de Wurtembesg;—a rainha da Servia;—o rei e a rainha de Saxonia;—o principe do Grão-Pará, D. Pedro d'Alcantara;—a princeza Beatriz, filha da rainha de Inglaterra, com seu esposo o principe Henrique de Battenberg;—o principe Alfredo, filho da rainha de Inglaterra, duque d'Edimburgo, com sua esposa a princeza

Maria Alexandrowna, irmã do imperador da Russia; — o principe de Leuctemberg, archiduque da Russia.

Em 1873, os imperadores da Allemanha e da Austria receberam a visita de Victor Manoel em Berlim e Vienna. Quando chegou depois o tempo de pagar a visita, nenhum d'elles quiz ir a Roma. O imperador Guilherme foi a Milão, e o da Austria a Veneza, não obstante a guerra que então havia entre a Allemanha e a Santa Sé.

Pouco dêpois foi á Italia o schah da Persia, e mesmo esse não quiz visitar Victor Manoel senão em Turim.

O rei Humberto foi a Vienna visitar o imperador da Austria; mas como Francisco José não quizesse pagar a visita em Roma, e não se chegasse a um accordo sobre a cidade italiana em que esse acto devia ter lugar, ainda hoje Humberto está á espera que se lhe restitua o seu cumprimento.

Pelo mesmo desaccordo não chegou a effectuar-se uma visita de Affonso XII á Italia, visita em que se fallou com muita insistencia.

Todos se recordam, finalmente, da triste figura que fez o Quirinal, quando em 1883 o principe imperial da Allemanha foi a Roma. O principe allemão viu o rei Humberto a esperal-o na estação, e não obstante mandou logo um ajudante de campo pedir uma audiencia a Sua Santidade. O principe deu assim a intender que a quem primeiro se dirigia em Roma era ao Papa. Depois foi para a embaixada allemã, e d'alli dirigiu se ao Vaticano.

Depois de todos estes factos, seria realmente extraordinario, alem de inconvenientissimo, que el-rei o sr. D. Carlos, chefe de uma nação essencialmente catholica, fosse amargar mais o coração do Santo Padre, já tão opprimido de vexames pelo governo revolucionario do Quirinal.

*
* *
*

Alguns jornaes estrangeiros, como *L'Indépendance belge*, discorrem largamente sobre as consequencias d'este incidente,

que veio mais uma vez pôr em relevo o conflicto entre o Vaticano e o Quirinal. O assumpto offerece larga margem a considerações phantasistas, mas é preciso, n'uma questão de semelhante gravidade, ligar mais attenção á realidade dos factos.

O que se deduz do incidente provocado pela viagem do rei de Portugal é, primeiro que tudo, a incompatibilidade dos dois poderes que se defrontam em Roma, e, em segundo lugar, a fragilidade do edificio architectado pelos revolucionarios italianos. É n'este sentido que abertamente se manifesta a opinião publica da Europa, mesmo quando tem por órgãos jornaes pouco affectos ao Papado. A posição do Quirinal é insustentavel, por motivos tanto de ordem interna como de ordem externa, e torna-se cada vez mais evidente a necessidade de reduzir a um estado normal o paiz do sul dos Alpes.

O Papa tem na Italia uma grande força, que ainda não quiz fazer pesar na balança politica, mas que pode, n'um momento dado, collocar o Quirinal em graves difficuldades. A razão d'essa força é o descontentamento dos povos italianos com o actual estado de cousas. Uma terrivel situação financeira, uma situação economica que attinge quasi o desespero, a pessima orientação politica a respeito das potencias europeas, um mal estar permanente accentuado na incerteza do dia de amanhã, — eis tudo o que os povos italianos têm lucrado com a unificação italiana, em vez dos engrandecimentos e prosperidades que lhes eram promettidas. A obra de 70 não produziu união, mas discordia profunda. Depois, o governo italiano, offendendo o Summo Pontifice com repetidos vexames e insultos, agrava a situação a ponto de a tornar intoleravel.

O mundo catholico não pode conservar-se indifferente ao que se passa em Roma, e manifesta-se da forma mais decidida. As potencias, por conseguinte, abrem os olhos, e espantam-se com as imprudencias do Quirinal. Os jornaes noticiaram que o presidente da Republica franceza e o imperador da Austria aconselharam a D. Carlos que não fosse a Roma, e esse conselho não envolve precisamente um apoio

ao *statu quo* actual. Ainda ha pouco se viu, por occasião das festas de 20 de setembro, que o corpo diplomatico acreditado em Roma, abstendo-se de illuminar e embandeirar, quiz dar um testemunho publico de que as potencias não applaudem o que se passa na capital do mundo catholico. O facto foi tanto mais notado e significativo quando é certo que revestiu o character de manifestação collectiva. Quando se falla no captiveiro do Vaticano, não se emprega uma metaphora: o Papa está realmente captivo, e é urgente restituir-lhe a liberdade. Um Papa captivo da Italia, sobre tudo quando ao Pontifice faltar a mais decidida independencia moral, é uma criação absurda e como tal rejeitada por todos. Em 1861, Guizot, refutando Cavour, desenvolvia esta proposição:

« Se ao menos a Igreja catholica fosse simplesmente uma Igreja italiana, se o catholicismo estivesse encerrado nos limites d'esse bello paiz,

Ch'Apennin parte e'l mar circonda, e l'Alpe;

d'esse paiz que Cavour emprehendeu conquistar todo para o Piemonte, teria havido algum motivo plausivel, alguma apparencia especiosa na sua linguagem; não teria tocado na ordem espirital senão onde estabelecia a unidade politica, e só a Igreja collocada sob a lei do novo Estado teria a soffrer. *Mas a Igreja catholica está em toda a parte, tanto fora como dentro da Italia, no antigo e no novo mundo; em toda a parte a abolição da soberania temporal do Papa mudaria a sua condição e feriria as suas liberdades...* Tomar, quanto á Igreja catholica, medidas que alteram em toda a parte a sua constituição e a sua situação, que abrangem os catholicos da França, da Allemanha, da Hespanha, da Inglaterra, da America, de todo o mundo como os da Italia, que preocupam e inquietam os missionarios catholicos no meio das cidades da China e nas ilhas da Oceania como os sacerdotes e os fieis em Paris e em Madrid; tirar a todas essas Igrejas, a todas essas nações, a todas essas consciencias, perfeitamente estranhas ao reino italiano, a antiga soberania, as antigas garantias de independencia do chefe espirital da

sua religião, é, sem duvida alguma, um dos mais estranhos actos de usurpação que conhece a historia e que o espirito pode conceber... A Igreja catholica não tem papel algum nas idéas e nos actos que desordenam a sua organização e situação; não foi consultada nem escutada; soffre as vontades e os golpes dos conquistadores estranhos *que lhe põem a mão e a ferem, mesmo nos paizes onde não chegam as suas conquistas* » ¹).

É claro, portanto, que o facto que acaba de dar-se por forma nenhuma pode ser agradavel ao Quirinal, porque veio pôr novamente em relevo a sua pessima situação perante a Europa, evidenciou a dolorosa condição a que foi reduzido o Pontifice, e fez voltar as attencões da diplomacia para um negocio que carece de ser resolvido, e que não o pode ser de um modo favoravel á politica de Saboia.

Quer isto dizer que esteja proximo o restabelecimento do poder temporal do Summo Pontifice, como condição da sua liberdade e independencia? Por forma nenhuma. O futuro pertence a Deus. Esse restabelecimento pode estar proximo e pode ainda distar alguns annos. A historia da Igreja mostra-nos uma singularidade que não deve escapar ao pensador: as epochas de esplendor succedem-se rapidamente aos periodos de amargura, parecendo que Deus quer assim dar maior evidencia ao triumpho. Quem sabe se com o governo italiano e as suas imprudencias se estará verificando a philosophia da velha sentença — *Quos vult perdere Jupiter...* — ?

Evidentemente a posição do governo italiano é insustentavel, vendo frustradas todas as tentativas diplomaticas para se consolidar em Roma. Como e quando será resolvida a questão romana?...

*
* *
*

¹) *L'Église et la société chrétiennes en 1861*, por M. Guizot. Paris, 1861. Cap. XI. *L'Église catholique en Italie*, pag. 77 e seg.

Já depois de escripto o presente artigo, lemos na *Tarde* as seguintes informações de origem official, que confirmam alguma cousa do que atraz dizemos :

« A imprensa politica tem-se referido, com commentarios diversos, e nem sempre bem cabidos, á viagem de el-rei, especialmente na parte referente á Italia.

« Ao que nos consta, os factos passaram-se assim :

« Saindo el-rei do seu paiz, a visitar, pela primeira vez, depois que subiu ao throno, os chefes de alguns dos Estados que mais seguidas e importantes relações teem connosco, naturalmente indicada estava a sua ida á Italia ; mal parecia que, indo á Hespanha, á França, á Allemanha, á Inglaterra, nações, cujos interesses mais se defrontam com os nossos, não manifestasse sequer o desejo de, por essa occasião, abraçar o rei Humberto, seu tio, que tão benevola afeição lhe mostrara sempre.

« Por isso se annunciou a ida de el-rei á Italia, nem taes visitas se fazem sem que previamente se annunciem.

« Estava, então como hoje, o rei de Italia em Monza ; ali se propunha ir el-rei cumprimental-o, o que a intimidade do parentesco bem justificava e nenhuns attrictos de outra ordem suscitaria.

« Inspirando-se em considerações politicas, que não desejamos apreciar, entendeu o governo italiano dever aconselhar o rei Humberto a responder que só em Roma poderia receber o nosso monarcha.

« Recusar, sem que razões e circumstancias de facto viessem demonstrar a impossibilidade de ali se realizar a visita já annunciada, seria havido como acto de má vontade, pouco conforme com as intenções que haviam suggerido aquelle testemunho de amigavel deferencia : só factos determinados e positivos poderiam justificar o soberano portuguez de não ir ver seu tio, constituindo-lhe um impedimento absoluto, um verdadeiro caso de força maior.

« Foi precisamente o que succedeu. A noticia de que el-rei se dirigia a Roma, levou o Papa a, sem intimações nem ameaças, só com a expressão d'uma attribulada magua, dizer,

não pelo nuncio aqui, mas directamente pelo seu cardeal secretario, que consideraria a ida de el-rei a Roma como uma offensa pessoal, que não merecia a um paiz pelo qual, ainda nas circumstancias mais difficéis, mostrara tão viva e decidida sympathia.

« Perante isto não poderia o chefe d'uma nação catholica hesitar; entre uma simples visita de affeição e cumprimento, e uma offensa gratuita a quem tão cheio de benevolencia se mostrara sempre para comnosco, a consciencia e o bom senso traçavam naturalmente o caminho. As proprias relações de familia entre as duas côrtes, de Italia e Portugal, mais deviam facilitar a acceitação de explicações, franca e lealmente dadas.

« Entre os dois governos, a formula mais correcta, a que de nenhum modo poderia ferir susceptibilidades, era a d'um simples addiamento da viagem de el-rei a Italia, por motivos de occasião que nada tivessem com as questões debatidas entre o Quirinal e o Vaticano.

« Annunciar uma visita é um acto de boa vontade; se circumstancias ultteriores tolhem a sua realisação, prevenir, sob a fórma mais amigavel, e sem referencias que possam despertar melindres, de que circumstancias de momento impedem que ella se realise quando se annunciára, é facto que nunca, entre nações como entre individuos, se pôde considerar um aggravado. »

F. A.



Missões do Cunéne Occidental

Exposição feita a S. Em.^{cia} o Sr. Cardeal Ledokowski,
Prefeito da Sagrada Congregação da Propaganda
pelo Rev.^{do} Padre José Maria Antunes em outubro de 1894

Eminencia

Tive já occasião de referir a V. Em.^{cia} nos relatorios de 1892 e de 1893, que acabam de decorrer para a missão do Cunéne tres annos d'uma crise extraordinaria, tal que de certo teria tolhido a acção dos missionarios, se a Providencia, que de continuo vela pelas suas obras, não tivera vindo em nosso auxilio d'um modo mui consolador; foi mormente na caridade de V. Em.^{cia} que achámos um auxilio efficacissimo para o proseguimento da obra que haviamos encetado; foi devido á valiosa cooperacção de V. Em.^{cia}, que podemos contar este anno nas nossas Missões quatro aldeias christãs, fructo de longos trabalhos e immensos esforços envidados por treze annos continuos.

Eis a applicação dada aos subsidios cujo total se eleva a 40:000 liras, postas generosamente por V. Em.^{cia} á nossa disposicção:

Tomou-se cerca de metade d'essa somma, para o resgate de 200 escravos pouco mais ou menos, o que elevou o pessoal a mais de 500 creanças e adultos, educados christãmente na Missão.

Reservaram-se as restantes 20:000 liras para a manutença dos mesmos e para o desenvolvimento da Instituição de S. Bento de Tyvinguiro, que destino especialissimamente á formação da obra dos escravos resgatados com as esmolas da obra anti-esclavagista; terei logo occasião de chamar a attenção de V. Em.^{cia} a respeito d'esta Missão, e sujeitar ao alto criterio de V. Em.^{cia}

o plano que tenciono seguir para o seu pleno e perfeito desenvolvimento. No entretanto permitta-me V. Em.^{cia} que, fallando em primeiro logar da Missão Central de Huilla, me occupe em seguida das varias filiaes sob a sua dependencia.

I

Missão Central de Huilla

Nos orphanatos que tem para creanças de ambos os sexos, conta presentemente esta Missão 124 rapazes e 203 raparigas, o que dá um total de 327 creanças, na maioria resgatadas da escravidão.

Quasi sessenta d'estas creanças devem seu resgate ás esmolas com que a generosidade de V. Em.^{cia} houve por bem coadjuvar-nos.

O facto mais importante que desde ha um anno se deu n'esta Missão foi o estabelecimento da aldeia de S. José, formada por 6 familias educadas na Missão. Extendendo-se a oeste da mesma, confina esta aldeia com as nossas plantações; todas as casas são convenientemente construidas e estão alinhadas segundo um plano que se ha de continuar conforme o desenvolvimento da aldeia. Foi concedida a cada familia uma boa porção de terreno susceptivel de irrigação para as culturas indigenas; não escaceia o terreno felizmente, pois que, para o futuro alargamento d'esta obra, estamos de posse de quasi 2:000 hectares, pela maior parte aproveitavel para as culturas do paiz.

Graças ao subsidio concedido pelo governo, podemos este anno levantar duas construcções, para a boa installação das officinas de ferreiro, carpinteiro e marceneiro.

Edificou-se tambem uma capella no orphanato das irmãs; construcção simples mas elegante medindo 20 metros de comprimento por 7 de largura, que veio substituir a antiga capella que se tornára insufficiente.

Ha um mez, ao ausentar-me de Huilla, principiava-se na Missão a colheita do trigo. Tinham sido abundantes as chuvas; verdade é que os gafanhotos haviam apparecido no planalto de Huilla em maior quantidade que nunca; mas devido sem duvida ao voto feito ao Sagrado Coração de Jesus, ha tres annos, esses

terríveis devastadores, posto que tivessem assolado as plantações dos colonos de Humpata e do Lobango, em nada prejudicaram as nossas colheitas. Espera-se este anno uma colheita abundante, assim para a missão de Huilla como para as do Jau e de Tyivinguiro.

II

Missão de Tyivinguiro

Esta Missão, base das minhas esperanças pelo futuro das Missões do planalto, não teve até agora outros subsidios além do que V. Em.^{cia} se dignou conceder-nos. Conta ella 106 creanças resgatadas da escravidão mas creio que mais tarde poder-se-ha elevar o numero a 200.

Pensando seriamente em estabelecer no Tyivinguiro uma obra composta exclusivamente de creanças resgatadas da escravidão, que mais tarde possam constituir familias no paiz, entendi que a propriedade de 150 hectares já comprados era insufficiente; dei portanto novos passos afim de obter a aquisição de toda a propriedade de 200 hectares, que de facto hoje pertence por completo á Missão.

Mais tarde, ainda o governo da colonia concedeu gratuitamente em prol d'esta obra uma extensão de 500 hectares de terreno nos valles contiguos ao Tyivinguiro, de modo que possuímos hoje em dia um total de 700 hectares, em valles banhados por numerosos regatos.

Alimentamos a esperança de que no fim do anno corrente poderemos ter 30 a 40 hectares de terreno cultivado, o que com certeza representa uma grande somma de trabalho para o espaço relativamente curto de 3 annos.

Erigimos o anno passado uma capella provisoria podendo conter 150 pessoas; n'ella collocámos uma imagem de tamanho natural do nosso padroeiro o Patriarcha S. Bento, que é objecto da confiança, respeito e devoção dos nossos pretinhos. Apesar dos nossos poucos recursos podêmos além d'isso construir uma granja, um forno para o fabrico da cal, uma loja de ferreiro e outra de marceneiro.

Fundou se aqui egualmente uma aldeia de seis familias segundo um plano identico aos da do Jau e de Huilla; occupa ella

o declive d'uma collina que em honra da Gloriosa Irmã do Grande Patriarcha, chamamos Santa Escholastica. Esta aldeia, fronteira á collina da Missão e formando com ella um conjuncto em extremo pittoresco e agradabilissimo á vista, constitue as primicias do centro da população christã que pouco a pouco, n'este bello e poetico valle se irá agrupando em torno da Missão.

Para complemento d'esta obra é mister ainda um elemento que lhe será annexo desde que nol-o permittam os recursos: é um orphanato de meninas indigenas, dadas tambem á agricultu-sob a direcção das irmãs de S. José, á maneira do de Huilla, d'onde sahirá o pessoal necessario para esta instituição.

Por isso que desejamos estabelecer em solidos alicerces esta obra tão magnifica e tão esperançosa, ousamos implorar da generosidade de V. Em.^{cia} o subsidio necessario para levar a cabo este intento. Que bem immenso não ha-de produzir no meio das tribus selvagens de Batabata, Luala, Humpata e Vandombe, um povo christão, habitando um valle fertil e agrupado em aldeias junto aos Missionarios, em quem achará sempre o ensino preciso, o bom exemplo e desvelada protecção? Já todos os indigenas pagãos das circumvisinhanças frequentam a Missão, na qual depõem a maior confiança; já agora começam a offerecer seus filhinhos para n'ella serem educados, se bem que não decorreram ainda tres annos desde o nosso estabelecimento em Tyivinguiro!

Assim que estiver pois em nossas mãos a educação de toda a juventude do paiz, não poderemos por ventura preparar por meio d'uma nova geração, a futura conversão de todo este gentio?

III

Missão do Jau

Tem esta missão uma aldeia composta de 8 familias, fundada ha quatro annos; todas estas familias são para nós motivo de grande consolação, pois que as vemos possuidas de bons sentimentos e fervor religioso. Frequentam os sacramentos todos os mezes, e apesar da propensão por assim dizer irresistivel do negro para o vicio da embriaguez, nem um só caso d'este genero se deu ainda entre os nossos christãos. Não sómente trabalham

com actividade, mas até amam o trabalho; não ha em toda a aldeia do Jau uma só familia que não possua cerca de dois hectares de terreno perfeitamente cultivado.

É tambem no Jau que estabelecemos um asylo para creancinhas; são hoje quarenta os asylados, todos de idade inferior a sete annos. A par d'esta, ha ainda outra obra, um orphanato de creancas indigenas presentemente em numero de quinze. Tem, pois, esta Missão juntamente com a aldeia um pessoal christão de 80 pessoas.

IV

Missão de Kihita

No relatorio do anno passado exprimia eu a V. Em.^{cia} o ardentissimo desejo de vêr estabelecida uma Missão entre os bons selvagens de Kihita. Tinha-me animado muito a emprender essa fundação uma curta viagem de que tive a honra de apresentar a V. Em.^{cia} a relação circumstanciada. Achava este povo com tão boas disposições, que apezar da nossa situação precaria, julguei dever ir em soccorro de suas almas.

No principio d'este anno visitei segunda vez Kihita, e então me dicidi definitivamente a emprender tal fundação, tanto mais que o sr. Bispo d'Angola bem como o Governador Geral da Provincia, me incitaram muito á realisção d'este intento, dignando-se conceder-me um subsidio para os primeiros trabalhos de installação.

Escolheu-se cuidadosamente o local, um esplendido valle nas margens do Kakulovar, comprehendendo 1:000 hectares de excellente terreno, cedido pelo Governo assim para a fundação e futuro desenvolvimento da Missão, como tambem para mais tarde ali se estabelecer uma aldeia christã. Ao principiari o anno corrente dava-se começo ás construcções d'esta obra, que punhamos sob a protecção e salvaguarda do Archanjo S. Miguel.

As chuvas muito mais abundantes que de costume, obstaram muito ao bom andamento das construcções, causando muitos soffrimentos e privações para os missionarios; mas passadas que foram, a obra adiantou rapidamente, de modo que em setembro ultimo estava já terminada um casa para residencia dos missio-

narios, uma capella, um armazem, e uma casa de 30 metros de comprimento, destinada a abrigar as seis familias, primeiros moradores da aldeia a fundar já este anno.

Tão grande é já a confiança que esta Missão, situada no ponto mais central de todo o planalto de Huilla, inspira aos indigenas, que o rei da tribu quiz approximar-se de nós e transportar a còrte para junto da Missão, afim de viver sob a protecção e direcção dos missionarios.

V

Seminario Collegio de Huilla

Esta Instituição contribue mui poderosamente para a regeneração dos pobres pretos d'África, pois aqui se formam padres, catechistas, mestre-escolas, etc.

D'entre os alumnos, presentemente 80, na maioria pretos de raça, ha tres que cursam o terceiro anno de theologia, e uma duzia de latinistas; os restantes estudam ainda Instrucção Primaria.

O anno passado os habitantes das ilhas de S. Thomé e Príncipe affluiram em grande numero; varios alumnos d'estas ilhas vieram frequentar o nosso Seminario Collegio, quer para seguir o estado ecclesiastico, que para receber uma educação christã.

É ainda grata a estes bons pretos de S. Thomé a memoria dos religiosos de santo Agostinho, que outr'ora evangelisaram seus antepassados, e, apesar de reinarem na ilha costumes cuja perversidade, occasionada pelo estado de abandono religioso em que jaz desde quasi ha um seculo, excede todo o limite, querem todavia que seus filhos sejam educados christãmente, e á educação que se ministra nos Collegios de Lisboa, preferem a d'este Seminario Collegio.

VI

Porvir da Missão

As chuvas abundantes que tivemos este anno levam-nos a crêr que abre de novo uma epocha de prosperidade, após a terrivel fome que durante alguns annos tem grassado em todo o planalto de Huilla.

Graças ás benções de Dens e á inexgotavel caridade e grande generosidade de V. Em.^{cia} para comnosco, durante a lucta desastrosa que nos foi mister sustentar contra esse flagello, não tivemos de vêr tolhidas nossas obras já existentes, mas podémos até proseguir no seu desenvolvimento, e lançar as bases de duas outras missões, que as presentes circumstancias reclamavam imperiosamente: a do Tyivinguiro destinada a ser como que o celleiro das demais missões, e a de Kihita a cuja fundação eramos por assim dizer obrigados, attendendo ao ardente desejo d'este povo pelo estabelecimento dos missionarios em seu paiz, desejo que manifestaram já ha mais de quatro annos, e se accentuou sobretudo por occasião da minha primeira viagem a essa região em 1893.

É verdade que não penetrámos muito para o interior; mas será facil a V. Em.^{cia} o comprehender que uma tal tentativa teria sido mallograda, visto os nossos poucos recursos o os annos de crueis provações que acabam de decorrer.

Mas, se não esteve em nosso poder o internarmo'-nos muito, podémos não obstante consolidar as obras que já tinhamos, admittindo grande numero de creanças e começando tres aldeias christãs.

Com effeito, eis em resumo as obras já pertencentes á Missão, que apenas conta treze annos de existencia:

Em Huilla: 1 orphanato de rapazes em numero de 127.

1 orphanato de raparigas, cujo numero sobe a 200.

1 Seminario Collegio frequentado por 80 alumnos.

No Tyinvinguiro: uma granja agricola com 106 pessoas.

No Jau: 1 asylo contendo 40 creanças.

1 orphanato com 16 meninos.

4 aldeias christãs — numero de habitantes, 58. Total: 627.

Eleva-se a 43 o numero de Missionarios, assim repartidos: Padres, 16.

Irmãos auxiliares, 20.

Irmãs da missão, 9.

Além das Missões propriamente ditas, parochiamos nós as freguezias de Chibia, Humpata, Huilla e Capangombe, compostas na totalidade de perto de 2:000 christãos emigrados da ilha da

Madeira, e d'um milhar de pretos baptisados, que na maior parte desconhecem completamente os deveres religiosos.

É nos christãos educados nas nossas Missões que firmamos a esperança de poder um dia regenerar as tribus do planalto de Huilla, sitas áquem do Rio Cunêne que não tem menos de 700 mil a 800:000 habitantes.

Mais dez annos ainda e acalentamos a doce esperança de termos educado christãmente e consorciado um milhar de christãos, constituindo 15 a 20 aldeias, agrupadas em torno d'uma duzia de Missões, existindo já felizmente as quatro primeiras.

A fundarem-se estas doze Missões na mesma linha mediando apenas entre ellas uma distancia de dois a tres dias de marcha, isto é, 20 leguas, acaso não constituirão ellas centros de christandades, que se irão extendendo a uma distancia de 220 leguas para o interior?

Este plano é susceptivel de realisação, visto que dentro de doze annos podemos estabelecer as obras de que se compõem actualmente as nossas Missões, e que representam sem duvida um trabalho superior á fundação de uma duzia de Missões, que é tudo quanto é preciso para penetrar até ao Barotze, no coração mesmo da Africa.

Por essa razão, ousou chamar a attenção de V. Em.^{cia} para o bem que se póde realisar n'esta parte da Africa a nós confiada, e pedir-lhe que haja por bem auxiliar-nos tanto quanto possivel.

Terminada a exposiçào do nosso futuro plano para a evangelisação d'esta região, rogo a V. Em.^{cia} queira continuar a beneficiar nossos pobres escravos, afim de que por meio d'elles, possamos extender cada vez mais o dominio de Nossa Santa Fé e o Reino de Jesus Christo.

Digne-se V. Em.^{cia} aceitar a homenagem do mais profundo acatamento, com que sou e me assigno,

De V. Em.^{cia}

Servo o mais humilde e reconhecido

S.^o José Maria Antunes.

da Congregação do Espirito Santo e do Sagrado Coração de Maria
— Superior das Missões do Cunêne Occidental.

A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa

CAPITULO PRIMEIRO

Causa principal da queda do poder temporal

I

(Continuação de pag. 11)

Leia-se ainda o seguinte documento, que, além de encerrar as mais terminantes confissões, mostra a causa e o modo por que se procura atacar o Papado. É a instrução da Loja Suprema d'esses sectarios que se attribuiram por missão principal, não destruir os reinos pelas agitações e assassínatos á moda de Mazzini e dos seus *carbonari*, mas atrahir a si o clero, e, segundo elles diziam, fazer a educação moral da Igreja. Reproduzimos-a na integra apesar da sua extensão, porque não se affasta do nosso assumpto tanto como á primeira vista parece; tudo o que respeita á franco-maçonaria e ás sociedades secretas tem uma relação muito directa, não só com a questão religiosa, mas ainda com a questão especial do poder temporal. Tenha o leitor a paciência de ler tudo e pese bem os termos. Os adversarios que vamos ouvir não são homens vulgares; são altas intelligencias absolutamente pervertidas. Nos escriptos de que a policia

romana conseguiu apoderar-se encontram-se segredos que não devem ser inúteis para as pessoas honestas. Vejamos:

« Desde que nos achamos estabelecidos em corpo de acção e desde que a ordem começa a reinar na *Venda* mais remota como na mais approximada do centro, ha um pensamento que sempre preoccupou profundamente os homens que aspiram á regeneração universal: é o pensamento da libertação da Italia, que ha de produzir um dia a libertação do mundo inteiro, a Republica fraternal e a harmonia da humanidade.

« Este pensamento ainda não foi attingido pelos nossos irmão d'alem dos Alpes. Julgam elles que a Italia revolucionaria nada mais pode fazer que conspirar na sombra, vibrar algumas punhaladas em esbirros ou traidores e soffrer tranquillamente o jugo dos acontecimentos que alem dos montes se realisam relativamente á Italia, mas sem a Italia. Este erro já nos foi fatal por varias vezes. Não devemos combater-o com phrases, porque isso seria propagal-o; é preciso destruil-o com factos. Assim, entre os cuidados que especialmente agitam os espiritos mais vigorosos das nossas *Vendas*, ha um que nunca devemos esquecer.

« O Papado exerceu em todos os tempos uma acção decisiva nos negocios da Italia. Pelo braço, pela voz, pela penna, pelo coração dos seus innumeraveis bispos, sacerdotes, frades, religiosos e fieis de todas as latitudes, o Papado encontra dedicações sempre dispostas ao martyrio e ao enthusiasmo. Em toda a parte onde lhe apraz invocal-os, encontra amigos que morrem, outros que por elle se despojam de todos os bens. É uma alavanca immensa, cuja força foi apreciada só por alguns Papas, e ainda esses só usaram d'ella dentro de certos limites. Hoje não se trata de reconstituir para nós esse poder, cujo prestigio está momentaneamente enfraquecido; o nosso fim ultimo é o de Voltaire e da Revolução franceza, *o anniquilamento definitivo do catholicismo e até da idéa christã, que, conservando-se de pé sobre as runas de Roma, havia de perpetual-o mais tarde*. Mas, para attingir com mais certeza esse fim e evitar os revezes que adiam

indefinidamente ou compromettem attravez dos seculos o exito de uma boa causa, não devemos dar ouvidos aos jactanciosos francezes, nem aos nebulosos allemães, nem aos merencorios inglezes, que imaginam todos matar o catholicismo, ora com uma canção impura, ora com uma deducção illogica, ora com um grosseiro sarcasmo que passa de contrabando como os algodões da Gran Bretanha. O catholicismo tem mais vida que tudo isso. Tem achado mais implacaveis e mais terriveis adversarios, e muitas vezes dá-se ao perfido prazer de aspergir com agua benta o tumulto dos mais obstinados. Deixemos pois que os nossos irmãos d'esses paizes se entreguem aos estereis destemperos do seu zelo anti-catholico, deixemol-os rir das nossas madonas e da nossa devoção apparente. Com este passaporte podemos conspirar muito á nossa vontade e chegar pouco e pouco ao termo que nos propomos.

« Ora ha dezeseis seculos que o Papado está ligado á historia da Italia. A Italia não se pode mover nem respirar sem auctorisação do Pastor supremo. Com elle, tem os cem braços de Briareu; sem elle está condemnada a uma impotencia que causa dó. Só tem divisões a fomentar, odios a desenvolver-se, hostilidades a surgirem desde os Alpes ao extremo dos Apenninos. Não podemos querer semelhante estado de cousas; importa pois procurar um remedio para esta situação. O Papa, quem quer que seja, nunca entrará nas sociedades secretas; ás sociedades secretas pertence darem o primeiro passo para a Igreja a fim de os vencerem a ambos.

« O trabalho que vamos emprehender não é obra de um dia, nem de um mez, nem de um anno; pode durar alguns annos, talvez um seculo; mas nas nossas fileiras morre o soldado e continúa o combate.

« Nós não queremos ganhar os Papas para a nossa causa, fazer d'elles neophytos dos nossos principios, propagadores das nossas idéas. Isso seria um sonho ridiculo, e de qualquer forma que marchem os acontecimentos, embora alguns cardeaes ou prelados, por exemplo, tenham entrado de boa-

mente ou de surpresa n'uma parte dos nossos segredos, não ha motivo para desejar a sua elevação á cadeira de Pedro. Essa elevação havia de perder-nos. Só a ambição os podia ter levado á apostasia: depois a necessidade do poder forçava-os a sacrificar-nos. O que devemos pedir, o que devemos procurar e esperar, como os judeus esperam o Messias, é um Papa amoldado ás nossas necessidades. Alexandre VI, com todos os seus crimes particulares, não nos conviria, porque nunca errou nas materias religiosas. Pelo contrario, um Clemente XIV, seria o nosso homem. Borgia era um libertino, um verdadeiro sensualista do seculo XVIII. Apesar dos seus vicios foi anathematisado por todos os vicios da philosophia e da incredulidade, e deve esse anathema ao vigor com que defendeu a Igreja. Ganganelli entregou-se de pés e mãos atadas aos ministros dos Bourbons que lhe causavam medo, aos incredulos que celebravam a sua tolerancia, e Ganganelli tornou-se um grande Papa. Era pouco mais ou menos n'estas condições que nós queriamos um, se fosse possivel. Assim marchariamos com mais segurança ao assalto da Igreja que com os pamphletos dos nossos irmãos de França e da Inglaterra. Quereis saber a razão? É que assim, para quebrar a pedra em que Deus assentou a sua Igreja não precisavamos polvora nem braços. Temos o dedo minimo do successor de Pedro envolvido na conspiração, e, n'esta cruzada, esse dedo vale por todos os Urbanos II e por todos os S. Bernardos da christandade.

« Não duvidamos de que havemos de chegar a esse termo supremo dos nossos esforços, mas quando? mas como? A incognita ainda não se revela. Todavia, como nada deve affastar-nos do plano traçado, e pelo contrario tudo em nós deve tender para elle, como se já amanhã devesse o triumpho coroar a obra apenas esboçada, queremos n'esta instrução, que será secreta para os simples iniciados, apresentar aos directores da Loja Suprema conselhos que deverão inculcar á universalidade dos irmãos, em forma de circular ou de *memorandum*. Importa principalmente, por uma discreção cujos motivos são transparentes, nunca deixar presentir que

esses conselhos são ordens emanadas da Loja. Trata-se directamente do clero, e não se pode actualmente brincar com elle como com um d'esses reis ou principes insignificantes que se podem fazer desaparecer ao menor sopro.

« Pouco ha a fazer com os velhos cardeaes ou com os prelados cujo character é decidido. Convem deixal-os incorrigiveis, á escola de Consalvi, e empregar armas que tornem ridiculo ou inutil o poder nas suas mãos. Uma palavra habilmente inventada e artificiosamente espalhada em certas familias honestas escolhidas, para d'ahi passar aos cafés e dos cafés á rua, uma palavra pode ás vezes matar um homem. Se um prelado chega de Roma para exercer alguma funcção publica nas provincias, convem conhecer-lhe logo o character, os antecedentes, as qualidades, especialmente os defeitos. É um inimigo declarado? Um Albani, um Pallata, um Beroetti, um della Gerga, um Rivasola? Envolvei-o em todos os laços que poderdes lançar-lhe aos pés; creae-lhe uma d'essas reputações que assustam as creanças e as velhas; pintae-o cruel e sanguinario; contae algum facto de crueldade que possa facilmente gravar-se na memoria do povo. Quando os jornaes estrangeiros se fizerem echo d'essas narrativas que por seu turno hão de adornar e augmentar (de certo em homenagem á verdade), mostrae ou antes mandae mostrar por algum respeitavel imbecil essas folhas onde veem os nomes e os excessos forjados dos personagens. Como a França e a Inglaterra, a Italia ha de ter sempre pennas que sabem architectar mentiras uteis á boa causa. O povo não precisa de outras provas, quando ouvir o nome do seu juiz ou do seu delegado em um jornal cuja lingua muito embora não comprehenda. Está na infancia do liberalismo e acredita nos liberaes, como mais tarde ha de acreditar em nós sem saber-mos porquê.

« Esmagae o inimigo quem quer que elle seja, esmagae o poderoso á força de maledicencias ou calumnias, mas esmagae-o ao nascer. É á mocidade que nos devemos dirigir; é a ella que devemos seduzir e arrastar, sem que sequer o suspeite, para sob a bandeira das sociedades secretas. Para

avançar a passos medidos mas seguros n'este caminho perigoso, são absolutamente necessarias duas cousas. Deveis mostrar-vos simples como as pombas, mas sereis prudentes como a serpente. Os vossos paes, filhos e mulheres devem ignorar sempre o segredo que trazeis no seio; e se quizerdes confessar-vos muitas vezes, para melhor illudir a vigilancia inquisitorial, estaes de direito auctorisados a guardar o mais absoluto silencio a respeito d'estas cousas. Sabeis que a menor revelação, o mais pequeno indício que vos escape no tribunal da penitencia ou em qualquer outro lugar, pode arrastar grandes calamidades, e o revelador voluntario ou involuntario assigna por essa forma a sua sentença de morte.

« Ora, para conseguirmos um Papa nas condições exigidas, trata-se primeiramente de preparar para esse Papa uma geração digna do reinado que sonhamos. Ponde de parte a velhice e a idade madura; dirigí-vos á mocidade, e, se fôr possível, á infancia. Nunca deveis ter para ella uma palavra de impiedade ou impureza: *Maxima debetur puero reverentia*. Não deveis esquecer estas palavras do poeta, porque nos servirão de salvaguarda contra licenças de que deveis abster-vos para interesse da causa. Para que ella fructifique no seio de cada familia, para conseguirdes um asylo no lar domestico, deveis apresentar-vos com todas as apparencias do homem grave e moral. Uma vez estabelecida a vossa reputação nos collegios, nos gymnasios, nas universidades e nos seminarios, desde que tiverdes captado a confiança dos professores e dos estudantes, fazei com que procurem as vossas conversas especialmente aquelles que se alistam na milicia clerical.

« Alimentae-lhes o espirito com o antigo esplendor da Roma papal. Existe sempre no fundo do coração de um italiano uma saudade pela Roma republicana. Confundí habilmente essas duas declarações. Excitae, incendiae essas naturezas tão cheias de incandescencia e de patriotico orgulho. Offerecei-lhes primeiro, mas sempre em segredo, livros inoffensivos, poesias esplendorosas de emphase nacional; depois trazei pouco e pouco os vossos discipulos ao ponto desejado.

Quando esse trabalho de todos os dias tiver espalhado as nossas idéas, como a luz, em toda a classe ecclesiastica, então podereis apreciar a sabedoria do conselho que vos apresentamos.

« Os acontecimentos, que a nosso vêr se precipitam, vão necessariamente provocar d'aqui a alguns mezes uma intervenção armada da Austria. Ha loucos que de boa fé lançam os outros no meio dos perigos, e esses loucos, n'uma hora dada, arrastam sempre os prudentes. Nada está maduro, nem os homens nem as cousas, e nada o estará ainda d'aqui a muito tempo; mas d'essas desgraças podereis tirar facilmente uma nova corda para fazer vibrar ao coração do clero novo. Será o odio ao estrangeiro. Fazei com que o allemão seja ridiculo e odioso antes mesmo da sua vinda. Á idéa de supremacia pontificia juntae sempre a recordação das guerras do sacerdocio e do imperio. Ressuscitae as paixões mal extinctas dos Guelfos e Gibelinos, e assim conseguireis facilmente uma reputação de bom catholico e de patriota puro.

« Essa reputação dará accesso ás nossas doutrinas no seio do clero novo, como no interior dos conventos. Dentro de poucos annos, o clero novo, pela força das cousas, terá invadido todas as funcções; ha de governar, administrar, julgar; formará o conselho do soberano, será chamado a escolher o Pontífice que ha de reinar, e esse Pontífice, como a maior parte dos seus contemporaneos, estará necessariamente mais ou menos imbuido dos principios italianos e humanitarios que vamos lançar na circulação. É um pequeno grão de mostarda que confiamos á terra, mas o sol das justicas ha de desenvolvê-lo até ao mais alto poder, e vereis um dia como esse grão ha de produzir uma abundante colheita.

« No caminho que traçamos aos nossos irmãos encontram-se grandes obstaculos a vencer, difficuldades de mais de uma especie a superar. De tudo se ha de triumphar pela experiencia e pela perspicacia; mas o fim é tão bello que convém desfraldar todas as velas ao vento para o conseguir. Quereis revolucionar a Italia: procurae o Papa cujo retrato açabamos de fazer. Quereis estabelecer o reinado dos eleitos

no throno da prostituida de Babylonia : é preciso que o clero marche sob a vossa bandeira, julgando marchar sob a bandeira dos Chefes apostolicos. Quereis fazer desaparecer o ultimo vestigio dos tyrannos e dos oppressores : lançae as vossas redes como *Simão Barjona* ; lançae-as ao fundo das sacristias, dos seminarios e dos conventos antes que ao fundo do mar, e, se não vos precipitardes, tereis uma pesca mais miraculosa que a d'elle. O pescador de peixes tornou-se pescador de homens ; contareis amigos em volta da cadeira apostolica. Tereis pescado uma revolução de tiara e pluvial, marchando com a cruz e a bandeira á frente, uma revolução que, um pouco excitada, bastará para incendiar o mundo inteiro.

« Portanto, cada acto da vossa vida deve tender para a descoberta d'essa pedra philosophal. Os alchimistas da idade media perderam o seu tempo e o ouro das suas victimas na investigação d'esse sonho. O sonho das sociedades secretas realisar-se-ha pela mais simples das razões : *é que assenta nas paixões do homem*. Não nos desanimemos, pois, com um revez nem com uma derrota ; preparemos as nossas armas no silencio das lojas ; levantemos todas as nossas baterias, lisongeemos as peores paixões como as mais generosas, e tudo nos leva a crer que esse plano ha de sortir muito maior effeito que todos os nossos calculos mais improvaveis ¹⁾. »

Esta circular encerra conselhos e declarações muito importantes, sob o ponto de vista do assumpto que tratamos. Assim o devem ter notado os leitores.

(Continúa).

P. G., advogado.



¹⁾ Traduzido em portuguez segndo a versão do italiano em francez por Crétineau-Joly na sua obra — *L'Eglise Romaine en face de la Révolution*, t. II, pag. 72.

CARTA DE LEÃO XIII

AO

CARDEAL RAMPOLLA

SOBRE AS FESTAS CELEBRADAS EM ROMA NO DIA 20 DE SETEMBRO

Senhor Cardeal:

As extraordinarias manifestações politicas, cujos ultimos echos mal acabam de extinguir-se nas ruas da cidade, levam-Nos a dirigir-vos sobre este assumpto algumas palavras, não tanto para exprimir as tristezas da nossa alma, como para assignalar a gravidade do facto e as intenções que o inspiraram.

Parecia-Nos, na verdade, que, em razão d'esse sentimento de humanidade e ao mesmo tempo de decoro, que subsiste mesmo nos espiritos excitados pela paixão, poderiamos esperar algumas considerações, ao menos pela Nossa velhice. Mas quizeram, pelo contrario, prescindir rudemente d'essa circumstancia até ao ponto de Nos quererem tornar o alvo immediato da apotheose da revolução italiana e da espoliação da Santa Sé, que é a sua ultima consequencia.

Habitado, pela graça de Deus, ao soffrimento e ao perdão, olvidamos a affronta feita á Nossa pessoa, tanto mais que, para suavisar a Nossa presente amargura, temos visto manifestar-se espontaneamente a piedade das nações catholicas, entre as quaes a Italia, que se assignalou por generosos protestos e preciosissimos testemunhos d'affeição.

Mas o que Nos commove e afflige é a solemnidade da offensa aos direitos da Sé apostolica e a manifesta intenção de perpetuar em vez de attenuar um conflicto, cujos desastrosos effeitos são incalculaveis.

A gravidade do acto, evidente por si mesma, é ainda posta em relevo pelas declarações dos seus promotores e d'aquelles que o têm enaltecido. Glorificando, como se viu, o acontecimento de 1870, propozeram-se primeiro que tudo assegurar os fructos da conquista e dar a entender á Italia e ao mundo inteiro que o Pontifice, emquanto d'elles depender, deve resignar-se d'ora ávante a um captivo sem esperança de liberdade.

E ainda isto não é tudo. Quizeram ainda dar um passo a mais para um ideal essencialmente anti-religioso. Com effeito, o fim supremo da occupação de Roma, não diremos no espirito de todos os que n'ella cooperaram, mas nas intenções dos sectarios que foram os seus primeiros promotores, não se conseguiu, pelo menos completamente, com a unificação politica.

Não: este acto de violencia, que na historia tem poucos exemplos, devia, nos decretos da seita, servir de meio e ser o preludio d'uma empreza mais tenebrosa. Se se deram as mãos para derrubarem as muralhas da cidade civil, foi para melhor destruirem a cidade sacerdotal; e para poderem atacar de perto o poder espirital dos Papas começaram por destruir a muralha terrestre.

Em summa, quando lograram impôr-se ao povo romano, a esse povo que até ao ultimo momento permaneceu fiel ao seu soberano, resistindo valorosamente a poderosas e incessantes sollicitações vindas de fóra, alimentavam o projecto de mudar os destinos da cidade privilegiada, de a transformar e de a fazer pagã, ao que, no seu calão, combinaram chamar a terceira Roma, d'onde irradiasse, como d'um centro, uma terceira civilização.

Effectivamente, nada teem omittido, ainda mais do que exteriormente parece, para realisar esse funesto designio. Ha já 25 annos que, olhando em volta de si, Roma vê senhores dos seus destinos os adversarios das instituições e das crenças christãs. Vê propagadas as mais perversas doutrinas; a pessoa e o ministerio do Vigario de Deus impunemente desprezados; o livre pensamento oppondo-se ao dogma catholico; a séde maçonica á Cadeira de S. Pedro. E é preci-

samente a este nefasto conjuncto de idéas e de factos que recentemente se pretendeu dar um simulacro de direito e de estabilidade, pondo-lhes o sello d'uma lei nova e celebrando-os com ruidosas manifestações, abertamente dirigidas pela seita inimiga de Deus. É este o triumpho da causa italiana, ou antes o advento da apostasia?

A justiça está tão segura do triumpho final como Roma da immutabilidade dos seus altos destinos. Mas, no entretanto, aquella é calcada aos pés, estes são contrariados pela conspiração de associações perversas e pela obra insensata dos que as favorecem.

E que proveito resulta d'aqui para a nação? A conquista de Roma foi preconizada, aos olhos dos povos italianos, como a aurora da salvação e penhor de futura prosperidade. Não investigaremos se os acontecimentos teem confirmado a promessa, no que respeita a bens materiaes. Mas o que é certo é que esta conquista, uma vez realisada, dividiu moralmente a Italia, em lugar de a unir.

É um facto que, durante este tempo, as ambições de todo o genero tornaram se cada vez mais audaciosas; a corrupção de costumes e consequente enfraquecimento da fé religiosa foram augmentando á sombra do direito publico; as prevaricações das leis humanas e divinas multiplicaram-se; viu-se crescer em numero e em força os partidos extremos e as turbas irrequietas, conjuradas para derrubar, até em seus fundamentos, a ordem civil e moral.

No meio d'estes males, sempre crescentes, vê-se, não apaziguar-se, mas tornar-se mais violenta a guerra a esta divina instituição, em que devia repousar a esperança do maior e mais seguro remedio. Falamos da guerra feita á Egreja, e particularmente ao seu Chefe visivel, ao qual foi arrebatado o seu poder civil é simultaneamente a autonomia, não menos conveniente á dignidade do Pontifice que necessaria á liberdade do ministerio apostolico.

E é debalde que se tem recorrido a expedientes legislativos. Nenhuma disposição juridica poderá jámais conferir a verdadeira independencia sem uma jurisdicção territorial. A situação que affirmam haver-Nos garantido não é a que

se Nos deve e a que necessitamos : não é uma independencia effectiva, mas apparente e ephemera, porque é subordinada ao capricho d'outrem. Esta especie de independencia pode ser tirada por aquelle que a deu : hontem decretou-a, amanhã pode supprimil-a. Não temos visto ultimamente pedir por uma parte, e quasi prometter por outra, de uma maneira ameaçadora, a derogação das chamadas garantias Pontificias ?

Mas, nem as ameaças, nem os sophismas, nem as inconvenientes accusações de ambição pessoal poderão fazer calar em Nós a voz do dever.

Qual é, qual deve ser a verdadeira garantia da independencia Pontificia, poude ver-se de ante-mão, a partir do momento em que o primeiro Cezar christão decidiu trasladar para Bisancio a séde do imperio. Desde aquelle tempo até ás edades mais proximas de nós, nunca nenhum d'aquelles que teem sido os arbitros dos negocios italianos fixou em Roma a sua séde. Assim nasceu e viveu o estado da Egreja, não por obra do fanatismo, mas por disposição da Providencia, reunindo em si os melhores titulos que podem tornar legitima a posse d'uma soberania, isto é, o amor e a gratidão dos povos, enriquecidos de beneficios, o direito das gentes, o assentimento espontaneo da sociedade civil e o suffragio dos seculos. Na mão dos Pontifices o sceptro não foi nunca um obstaculo para o baculo pastoral.

Empunhavam, effectivamente, o sceptro os Pontifices Nossos predecessores que tanto brilharam pela santidade da vida e excellencia do zelo. Foi a elles que muitas vezes se recorreu para terminar os mais arduos litigios, e foram elles que opposeram victoriosamente a sua inquebrantavel vontade aos caprichos exorbitantes dos poderosos ; que, em circumstancias perigosas, salvaram na Italia o thesouro da Fé, e que propagaram do Oriente ao Occidente a luz da civilisação christã e os beneficios da Redempção.

E se hoje, apesar das condições difficeis e duras, o Pontificado prosegue o seu caminho por entre o respeito das nações, que não se attribua á falta d'este soccorro humano, mas antes á assistencia da graça celeste, que não faltou nunca ao Soberano Pontifice, Poderia dizer-se que os maravilhosos

progressos da Igreja adolescente foram também obra das perseguições imperiaes?

Quizeramos que estas verdade fossem melhor comprehendidas pelo senso pratico dos italianos. Não falamos dos que estão extraviados pelas falsas doutrinas, ou ligados pelos laços da seita; mas d'aquelles que, estando livres d'essas peias e não querendo ser cegos adeptos d'essas doutrinas, teem o espirito obscurecido pela paixão politica. Oxalá que elles comprehendam quanto é pernicioso e insensato opporem-se aos verdadeiros designios da Providencia, e obstinarem-se n'um desaccordo que só aproveita aos manejos das facções audazes, e mais ainda aos inimigos do nome christão.

Foi para a nossa Peninsula um especial privilegio e uma grande felicidade o ter sido escolhida entre mil para guardar a séde Apostolica; e todas as paginas da sua historia testemunham a abundancia de bens e o augmento de gloria de que fôï sempre origem a solitudine immediata do Pontificado Romano. Ter-se ha porventura transformado o character d'este Pontificado ou enfraquecido a efficacia da sua acção? Mudam as coisas humanas; mas a virtude benefica do magisterio supremo da Igreja, porque vem do alto, permanece sempre a mesma.

Além d'isto, estabelecido para durar tanto como os seculos, elle segue com uma vigilancia cheia d'amor a marcha da humanidade, e não recusa, como falsamente pretendem os seus detractores, accommodar-se tanto quanto possivel ás necessidades razoaveis dos tempos.

Se os italianos nos prestassem docil attenção, se procurassem nas tradições dos antepassados e na consciencia dos seus verdadeiros interesses a coragem para sacudir o jugo maçónico, Nós abríriamos a alma ás mais doces esperanças relativamente a esta terra italiana, tão ternamente amada. Mas se o contrario acontecer, por doloroso que nos seja dizel-o, não podemos presagiar mais que novos perigos e novas ruinas.

Com a effusão d'um particular affecto vos concedemos, senhor Cardeal, a benção apostolica.

Do Vaticano, em 8 de outubro de 1895.

LEÃO XIII, PAPA.

V A R I A

Causas do socialismo. — Em um dos ultimos numeros da *Revue Politique et Parlementaire* publicou o sr. Edmond Viley, decano da faculdade de Direito de Caen, um notavel artigo acérca das *causas moraes e sociaes do socialismo contemporaneo*. Estudo profundo, consciencioso, reflectido, o artigo do illustre professor encerra observaões e conselhos salutareos, dignos de serem meditados por todos aquelles que em maior ou menor escala influem nos destinos da sociedade, ao mesmo tempo que expõe a questão com uma largueza de vistas verdadeiramente superior.

Ora, entre as causas da onda socialista que ameaça submergir a sociedade n'um abysmo de luctas interminaveis, enuméra o sr. Edmond Viley o enfraquecimento das crenças religiosas e das idéas moraes, que se reflecte em toda a engrenagem da sociedade contemporanea. Eis as observaões que a este respeito faz o distincto publicista :

« O enfraquecimento das crenças religiosas e das idéas moraes é provavelmente a causa mais activa do antagonismo social, porque obra em todas as classes da sociedade e em *todos os laços naturaes*.

« Montesquieu disse : « Causa admiravel ! A religião christã, que parece ter por unico objecto a felicidade da outra vida, faz a nossa felicidade ainda n'este mundo. » É que ella regula admiravelmente os deveres das classes sociaes a respeito umas das outras, e a ausencia da idéa religiosa só deixa em conflicto interesses e appetites !

« A religião prescreve : aos ricos e poderosos, a caridade, a proteção, a affabilidade, o affecto ; aos pobres e humildes, a resignação, o respeito, a probidade ; ora, se estes sentimentos não reinarem nas differentes classes sociaes, a harmonia social é impossivel, o antagonismo e a lucta reduzem-se ao estado chronico, a sociedade marcha para a dissolução ! A todos a religião prega o dever, que é differente para cada um, mas igualmente imperioso, e a caridade, que é o oleo indispensavel para o funcionamento da machina social. O atheismo e o materialismo não têm outro movel a propôr senão o instincto ; e, se o homem se entregar sem freio

aos seus instinctos, a sociedade não será mais que um campo de batalha de selvagens.

« Não pode explicar-se a contradicção inaudita de homens que pretendem fundar a ordem social no altruismo e proscreever a religião, unica que pode inspiral-o ; porque, pretender que no homem, abandonado aos seus instinctos, o amor de outrem pode prevalecer sobre o egoismo, é dar muito pouco pelo methodo de observação !

« O scepticismo, o atheismo, o materialismo, espalhados no povo, foram as causas mais activas da desagregação e da luta das classes.

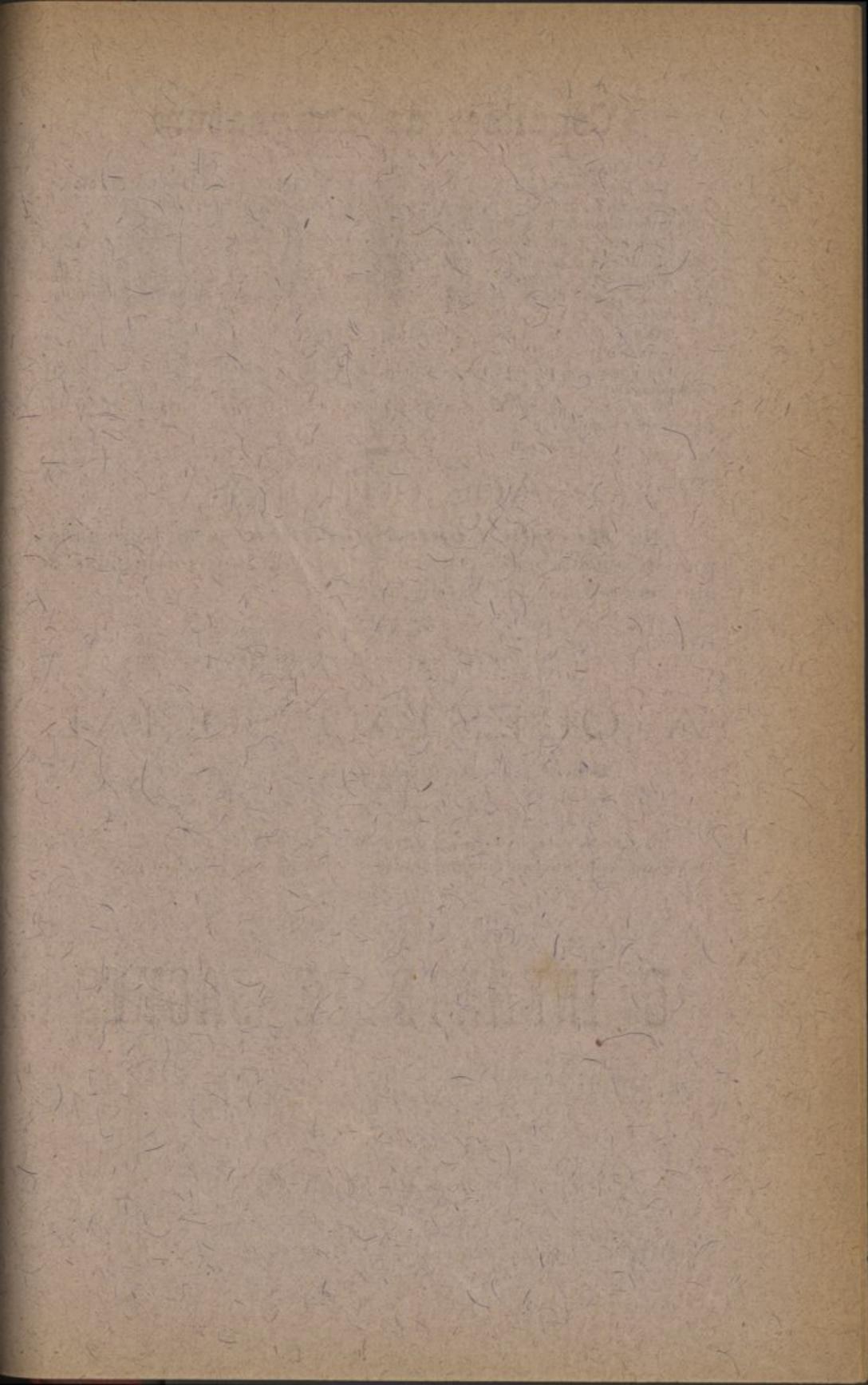
« Pode notar-se que a decadencia das crenças coincidiu entre nós com um mal estar cada vez mais intenso ; a relação dos phenomenos de certo pareceu muito evidente a um grande numero de jovens pensadores, para affirmarem corajosamente a necessidade do regresso ás crenças e ás idéas moraes.

« Foram as classes dirigentes que deram o exemplo da indifferença e do scepticismo ; fizeram mais, declararam guerra á idéa religiosa. Como ha pouco dizia M. J. Lemaitre, « houve sacristas e apóstolos do livre pensamento » ; houve-os demais, e é esse o maior erro dos tempos modernos, mesmo politicamente. As classes dirigentes recolhem hoje, com os fructos amargos do antagonismo social, aquillo que semearam ; a ellas pertence restaurar a idéa religiosa e moral ; infelizmente é mais facil esquecer a regra e a disciplina do que submitter-se a ellas. »

Com vista aos ferozes jacobinos de Portugal.

Serra da Estrella. — Com este titulo acaba de publicar uma interessante monographia o nosso amigo sr. Adelino de Abreu. N'ella se encontram importantes estudos topographicos, historicos, ethnographicos, hydrographicos, pre-historicos, geologicos, etc. Todos os que pretenderem conhecer a serra da Estrella, que hoje está despertando tanto interesse, devem ler o livro do sr. Adelino de Abreu, que com indefesso trabalho se entregou a um consciencioso estudo de investigação. O livro é adornado de bellas gravuras, e traz tambem um extracto da carta chorographica official para o estudo das altitudes. Um volume de 173 pag., 500 reis. Francisco França Amado, editor, Coimbra.





Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 13600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

Aos editores

Na *Revista Contemporanea* serão apreciadas com desenvolvimento as obras litterarias e scientificas de que recebermos um exemplar.

FORTUNATO DE ALMEIDA

A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 REIS

A venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 réis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

O INFANTE DE SAGRES

*Obra premiada
no concurso de memorias sobre o infante D. Henrique,
por occasião do quinto centenario
do seu nascimento*

1 volume de XLIII-371 pag., 600 réis

A venda na Livraria Portuense de Lopes & C.ª, editores, rua do Almada, 119
123, Porto, e em todas as livrarias.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,
HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

QUINTANISTA DE DIREITO

ADMINISTRADOR

José Marques Rilo e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

SUMMARIO

- I — A escravatura em Africa.
- II — A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa (*continuação*), por P. G., *advogado*.
- III — Grandes heroes do trabalho, por Ph. de Grandlieu.
- IV — A igreja catholica e a escravatura (*continuação*), por F. A.
- V — As victorias da Africa.

REVERSE OF COVER

A ESCRAVATURA EM AFRICA

Uma das chagas (quantas ha! e quão medonhas!) mais fundas e inveteradas que assolam o Continente Negro é por certo a escravatura, consequencia terrivel da maldição de Chanaam: *Maledictus Chanaam, servus servorum erit fratribus suis* (*Gen. IX, 25*).

Não poderemos sobre este assumpto, dar aos nossos leitores mais claras e completas informações do que reproduzindo em parte a relação dirigida á Santa Sé por Monsenhor de Courmont, Vigario Apostolico do Zanguebar.

Póde a escravatura dizer-se de origem *local* ou *externa*.

A escravatura de origem local é propriamente a escravatura africana. Estadea-se esta em toda a sua hediondez nas tribus africanas que a exercem e exerciam embora não houvesse incitamento externo, ainda que fossem abandonadas a si e a seus usos selvaticos, em que representam tão nefando como monstruoso papel, a cubiça, a violencia e a superstição. São em numero de cinco as fontes principaes da escravatura local.

Escravatura de origem local

1.º ESCRAVATURA DE NASCENÇA. — Comprehende esta classe os filhos de paes escravos, que ficam em identica condição pertencendo ao proprietario dos paes. Os escravos d'esta categoria são muito menos numerosos, porque a immoralidade, os padecimentos physicos e o desamparo em que jazem os escravos, tornam rarissimos os nascimentos e mais raras ainda as sobrevivencias.

Bastantes vezes se tem observado que um paiz cuja popu-

lação d'escravos não fosse renovada d'um modo assiduo pelo trafico, chegaria em breve a despovoar-se completamente de classe servil.

2.º ESCRAVATURA POR CONDENNAÇÃO. -- É a que resulta dos processos por latrocínios, pendencias e rixas violentas, assassínio, adulterio ou simples prostituição ou feitiçaria, tão frequentes entre os negros cujas sentenças estatuem a escravidão dos delinquentes. Póde o delinquente ser pessoalmente condemnado á escravidão ou coagido por sentença a fornecer determinado numero de escravos, podendo comtudo no primeiro caso, libertar-se fazendo-se substituir por uma ou mais pessoas. Se porém fôr condemnado a multa pecuniaria que não possa satisfazer, entrega-se como escravo ao seu crêdor.

De mui perversa industria se vale por vezes o marido servindo-se de sua esposa ou esposas para provocar o adulterio: o delinquente é em breve denunciado pela seductora e condemnado a ser escravo do marido lesado. Póde a pessoa condemnada por crime de feitiçaria ao castigo de fogo ser libertada mediante certo numero de escravos; se o não fôr ha de soffrer com todos os seus escravos a pena do fogo, vindo seus filhos a ser escravos dos parentes d'aquelle a quem seus suppostos maleficios causaram a morte.

3.º ESCRAVATURA DOS PRISIONEIRO DE GUERRA. -- Na Africa é a guerra um flagello universal. Ha tribus inteiras que fazem guerra como por officio: arremessam-se de improviso em hordas numerosas sobre populações pacificas, apossam-se de seus rebanhos, derribam quanto se lhes oppõe e levam captivos mulheres, meninos e mancebos. Por mui injustos e culpados que sejam taes actos de extorsão, a guerra é sempre tida como legitima e os escravos de boa presa.

Os regulos d'uma mesma tribu guerream-se entre si: rivalidades pessoas provocam as rixas; ou a cubiça, a suspeita e os ciumes os armam uns contra os outros; cada um põe em pé de guerra a gente dos seus bairros, e eil-os em declarada hostilidade. O alvo principal d'estas luctas é aprisionar muitos contrarios que veem a ser outros tantos escravos, accrescimo de riqueza e pujança para o chefe victorioso.

4.º ESCRAVATURA DOS FRACOS. — Todos os desamparados que se acham na impossibilidade de defender-se contra um mais habil, mais audacioso ou mais forte veem cedo ou tarde a cahir na escravidão. As mais das vezes, quando o negro se sente isolado, fraco e sem força contra um oppressor, entrega-se a um chefe que, aproveitando o seu trabalho, o accete entre os seus e lhe dispense protecção; esta entrega, porém, é quasi sempre forçada. Pessoas que passem desacompanhadas e sem armas pelo territorio d'um chefe são apprehendidas e levadas a este, que pondera o que melhor lhe convem, ou ficar tranquillo possuidor d'essa gente, ou deixal-a ir, pois a captura lhe attrahiria algum ataque em que não levaria a melhor.

Dois homens por ventura vivem livres com eguaes direitos, mas um d'elles é mais ousado e astuto, este intimida o seu igual e fal-o cahir em alguma cilada de que não se possa livrar sem perder a liberdade; este caso é mais frequente ainda quando se trata d'um homem que tem auctoridade sobre uma mulher; tão depressa lhe desagrada, vende-a logo. Tal é tambem a sorte d'aquelles que como menores ou pupillos deviam achar protecção nos seus tutores, pois que os tios, a que tal cargo incumbe quasi sempre, aproveitam-se da sua situação para vender os tutelados.

Não é a cubiça o unico motor de actos de tão atroz selvageria; a ella conduzem tambem imperiosas necessidades, quaes se experimentam em epochas de carestia.

5.º ESCRAVATURA DOS INDIGENTES. — Não são raras as fomes no mysterioso Continente onde o negro cultivava apenas o indispensavel á sua parca subsistencia. Sobrevem casualmente uma secca, uma guerra que devasta as messes, que assola e derriba as habitações, lá ficam populações inteiras torturadas pela mais completa penuria. N'estes casos não acontece tão sómente dar-se uma creatura humana em troco d'alguns cestos de cereaes, mas vêem-se paes vender por modica quantidade de vidualhas o filho que se lhes finava em casa; e homens fortes e alentados não poucos vão ao longe buscar a subsistencia entregando-se a si mesmos como escravos a quem os quer sustentar.

Escravatura d'origem externa

Taes são as fontes d'onde procede a escravatura local. A par d'esta, existe a escravatura d'origem externa, incentivo de muito maiores cubiças e que provoca e perpetua processos de captura da mais abominavel e requintada crueldade.

È praticada pelas populações musulmanas que habitam a Arabia e a Persia, a costa e as ilhas orientaes da Africa. O musulmano proprietario tem escravos para agricultar os campos, conservar as plantações e as searas, cuidar da sua pessoa e morada. Além d'isso as suas mulheres vivem habitualmente rodeadas d'um grupo de raparigas negras, escravas do marido, e quando lhe apraz concubinas do mesmo. Quanto mais numerosas forem tanto mais abastado é o dono.

Debaixo do ponto de vista material a sorte do escravo dos musulmanos é quasi que analoga á do negro privado de liberdade por um dos seus congeneres africanos; será talvez o primeiro mais brando e polido sendo como é geralmente mais rico e habituado a viver n'um meio mais abundante e de maior bem-estar; mas que deficiencia nos costumes! O proprietario musulmano é essencialmente dissoluto e em extremo vicioso de modo que os maus exemplos fazem a breve trecho o escravo peor que o amo.

Encontrar-se-ha em um escravo de musulmano uma apparencia menos rude, maneiras mais delicadas, palavras e exterior mais attrahentes; contrastes na verdade frizantes relativamente á brutalidade primitiva, tomando certos europeus essa apparencia menos inculca por uma semi-civilisação, por um progresso moral attribuido por elles ao Islamismo; mas quantas torpezas se não occultam debaixo d'essa exterioridade especiosa.

Se é certo ser a moralidade o ponto fraco no preto em geral, cumpre reconhecer tambem que entre os escravos pertencentes aos arabes lavra uma corrupção muito maior e muito mais requintada.

A condição do homem nascido escravo ou de ha muito escravizado com residencia fixa, e ligado a um dono como sua pro-

priedade, constitui a escravatura domestica, que existe tanto para o chefe indigena como para o arabe proprietario, se bem que a existencia do escravo parece mais suave e vantajosa de baixo d'este do que d'aquelle. Comtudo, para alimentar a escravatura domestica dos mahometanos é que se torna preciso o trafico em grande escala.

Os mesmos arabes o reconhecem, pois que de dez escravos, seis ou morrem ou fogem, ficando quatro apenas cujos filhos não chegam a dar o contingente necessario. Eis a razão porque as tribus africanas têm de fornecer por meio de continuas remessas de mercadoria humana o pessoal preciso aos proprietarios musulmanos de varios ritos, classes e nacionalidades, vivendo este no continente, e habitando aquelle as longinquas plagas da peninsula arabica ou a mesma Persia.

● trafico

É este o logar de tratarmos do que se chama a escravatura negra ou trafico de escravo, palavra que significa simplesmente compra e venda de creaturas humanas. Não se limita porém a operação a este meio singello, outr'ora tolerado e acceito, de adquirir escravos; outros ha que o completam e afeiam espantosamente com o seu cortejo e atrocidade e horrores inauditos: é o rapto violento de creanças e mulheres; é a caça organizada e sangrenta ao homem; são as grandes razzias em que se aniquilam populações inteiras, trucidando os homens que offerecem resistencia e os velhos inuteis; as creanças, porém, e mulheres são levadas solidamente algemadas por caravanas armadas, verdadeiras alcateas humanas que conduzem essa mercancia humana aos emporios do trafico, ali embarcam-se ou antes amontoam-n'a toda nos porões immundos dos navios negreiros que demandam longes terras, ou no convez de pequenas pirogas que pela calada arribam ás ilhas visinhas, furtando-se á vigilancia dos cruzadores apostados em captural-as.

D'est'arte, tomado em seu conjuncto, o trafico dos negros se nos antolha qual lugubre drama de scenas dilacerantes de que nem de leve pôde fazer idéa quem as não presenciou; é o

cumulo inexcedivel da barbaridade humana. Lá figuram desempenhando papeis diversos os arabes da costa mormente de Zanzibar, Mascate, Sheher, etc., uns compradores d'escravos, outros fornecedores d'estes, caçadores destemidos e experimentados nas razzias de presa humana, promotores de guerras nas tribus, verdadeiros capitães de salteadores que se deleitam no saque e carnizaria sendo mais crueis que os tigres e as pantheras, taes são os traficantes de carne humana e negreiros de officio, todos elles sectarios obstinados do Islam.

Examinemos porém agora em suas particularidades essas caçadas de gente: variados são os processos em prear escravos; ha-os de certo modo regulares e que o negreiro confessa de boamente; ha-os tambem (e constituem o maior numero) d'uma injustiça atroz; existem finalmente outros que são d'uma barba-rie horripilante e infernal.

Eis o primeiro modo de proceder, que é, verdade seja, o menos offensivo e menos atroz: um musulmano, mais consciencioso que os seus correligionarios, desejando possuir escravos, reserva de seus productos agricolas alguns alqueires de cereaes que troca na costa por sal; dirige-se então para uma terra farta em rebanhos onde compra algumas rezes que vae vender a alguma tribu onde são muito caras, por certa quantidade de fazenda. Em breve regressa de posse d'um homem, d'uma mulher ou d'um rapaz, que comprou em troca de pannos. D'anno para anno o trafico se vae simplificando ao passo que toma maior des- envolvimento, de geito que em pouco tempo fica sendo proprietario d'um bom numero de homens, mulheres e creanças. Outros ha que têm no sertão para comprar em nome d'elle certos amigos, que mui versados no officio, veem a ser mercê não da violencia mas d'uma multidão de processos de moralidade mais que duvidosa, mas palliados por uma apparente equidade, compradores e vendedores consummados. É em regra gente crivada de dividas, que, para escapar a seus crédores, foge para o sertão.

Outros casos ha em que as transacções commerciaes de compra d'escravos se mancham com patentes injustiças e actos de horrenda crueldade. Acontece effectivamente querer o arabe adquirir d'um lance escravos para commerciar. Organisa uma

caravana, fornece-a de objectos estimados no sertão: panno de linho e de côr, missanga de varias especies, arame, ferro, cobre, pederneiras, capsulas, polvora, espingardas, etc., entrega-a a um seu correigionario, a quem pertence, como maioral da caravana, como negreiro e commerciante, escolher a região e auferir de suas mercadorias o maior proveito possivel em homens, animaes e generos.

O chefe indigena, verdadeira creança fascinada pelo brilho das riquezas apresentadas diante d'elle entrega sem demora o marfim e os escravos que possui; feita esta operação, se por ventura o maioral da caravana tem ainda bello pano, brilhantes, braceletes polvora e armas, diz comsigo: Que bom ensejo para dar adereços ás mulheres e armar os guerreiros! Mas como ha de pagal-os? Um chefe da visinhança é velho inimigo rival cioso, que é facil emp Rehender e vencer, de mais a mais tem escravos e rebanhos em abundancia; porque o não atacaria de improviso para despojal-o?

Ladino e muito arteiro no officio, lá está, sendo preciso, o traficante que se presta a coadjuval-o fornecendo-lhe armas e munições. Para logo, dito e feito: com ou sem declaração de guerra accommette o territorio visinho e volta depois d'uma razzia formal com que pagar novas compras, isto é, com animaes e escravos, arreatados á força.

Ainda ha um modo mais simples de proceder para com as povoações singellas. O traficante apresenta-se de modo a não excitar a minima desconfiança. Compra a preços razoaveis tudo o que encontra no paiz: milho, sorgho, tabaco, pelles, pontas de bufalo e de rinhoceronte, etc., outras tantas mercadorias cujo transporte requer um bom numero de carregadores. Quão é difficil o andamento d'essa gente alliciada pelo engodo da ganancia. Partem sem a mais leve desconfiança do logro em que cabirañ; as marchas nem muito longas nem muito ao sol, o alimento bom e tratos excellentes os confirmam cada vez mais na bondade do traficante. Mas chegados que sejam ao logar con-vencionado, espera-os ali um reforço de iniciados que prendem os carregadores, amarram-os no caso de resistencia, e os levam como escravos.

Encontram-se ainda negreiros que operam sem mercadorias. Reunem-se em quadrilhas e dirigindo-se ás aldeias, misturam-se com os indigenas, mostrando-se affaveis e bondosos, insinuam-se em seus corações, tomam parte em suas festas de modo que não inspiram suspeitas: mas ai dos ingenuos que os escutam e seguem; infelizes as mulheres que ficaram sós nos campos e as creanças deixadas em casa ou occupadas na caça ou na pesca!

Esses sabujos com cara humana se arrojam sobre os isolados, amordaçam-os para lhes abafar os gritos, atam-os e levam-os ás costas em caso de necessidade, como um feixe de lenha. Ah! Quantas creanças captivadas d'esse modo dentro d'um sacco e levadas de corrida quasi suffocadas pela farinha com que lhes haviam enchido a bocca.

De outro processo se valem no littoral os capitães negreiros; atrahem ao navio os indigenas, as creanças sobretudo, que não cahem em si por verem de tão perto um formoso galeão; dá-se-lhes algum alimento, emquanto que os marinheiros levantando ferro, se fazem á vèla e abalam. A este processo chamam elles: a pesca dos escravos.

Em certas regiões não é sómente um maioral ou uma quadrilha de bandidos que se arremessam sobre os mais fracos para lhes açambarcar rebanhos e escravos; ha tribus inteiras cujo mister é a pilhagem e que se empenham unicamente em preparar d'antemão contingentes de mercancia humana com a mira nas vendas conhecidas e para o dia em que passar por suas terras o maioral d'alguma caravana.

As montarias de homens, feitas com esta combinação anticipada de transacções commerciaes, de artimanhas, de culposas incitações á guerra, de fraudes, roubos e traições dissimuladas, não se valem d'estas precauções quando o negreiro se sente forte e pôde recorrer á violencia em qualquer circumstancia. E o que estamos vendo no sertão com esses famigerados negreiros que dispõem de recursos pecuniarios consideraveis, havidos dos Indios de Zanzibar, que não requerem como rendimento de seus capitães escravos, mas sim marfim e outros generos commerciaes do sertão. Associam-se ao principio com o maior numero possivel de bandidos, negreiros como elles e musulmanos; estes con-

stituem o seu estado-maior. Não lhes escasseando nem armas nem munições, tratam de armar os proprios escravos, engrossam a quadrilha com todos os aventureiros que se lhes deparam, estabelecem até, sendo possível, o serviço militar gratuito e obrigatorio, e eil-os á frente d'um verdadeiro exercito ao qual não resistirão de certo os negros do sertão.

De mais a mais estando perfeitamente informados, sabem escolher a tribu, o logar e o dia em que a razzia dará mais proventos, e como operam de improviso e muitas vezes de noite, a assolação é geral e completa; roubam, queimam, matam os velhos e os que tentam resistir: enquanto que os moços, as mulheres, as creanças, os animaes, o marfim, constituem os despojos opimos. E haverá por ventura no meio d'essas atrocidades um só factio que justifique a aggressão e legitime as capturas?

Não ha para actos de tão atroz cannibalismo outro motor que não seja uma desenfreada cubiça. Para essas naturezas ferozes e embrutecidas pela luxuria e pelo sangue a clemencia é sentimento que não existe; substitue-a o interesse.

*
* *
*

Os negros reduzidos á escravidão podem sempre ser vendidos, caso sejam escravos domesticos; são porém destinados fatalmente a sel-o se forem escravos por trafico. Desde 1873 já a venda não se faz nos mercados publicos, mas effectua-se mais ou menos secretamente por meio de correctores chamado Dalali que recebem a incumbencia quer do arabe proprietario, quer do negreiro ou chatim. Estes correctores muitas vezes autorizados para venda d'escravos domesticos, são perseguidos pela auctoridade europêa na venda d'escravos de trafico.

As circumstancias em que se pôde achar o escravo domestico, no acto de passar de uma região para outra, são-lhe a miudo prejudiciaes á saúde e até mortiferas; mas quem tem mais que soffrer são os escravos provenientes do trafico. Com effeito, por quantas privações, fadigas e deshumanidades, não

têm que passar em viagens tão longas como penosas, effectuadas desde o ponto em que cahiram nas mãos d'um negreiro do sertão até que chegam finalmente á casa ou propriedade do arabe da costa ! Frequentes vezes se tem descripto a chegada á costa d'uma caravana de carregadores de marfim, enfiados, abatidos, succumbindo ao peso da carga; espectáculo a cuja vista se confrange de dôr o coração e se pavorisa o espirito. Esses carregadores são na realidade escravos negros, capturados e vendidos, ou simplesmente furtados pelo maioral da caravana. Outr' ora não era tão sómente vergando á carga que elles chegavam aos mercados; iam além d'isso algemados com ferros uns aos outros e eram acompanhados por guardas que os espancavam para lhes fazer acelerar o passo. Os contaminados por alguma molestia contagiosa eram arrastados para o matto como qualquer animal infecto e perigoso; aquelles que não podiam seguir eram cu abandonados ao desamparo vindo a succumbir pouco tempo depois á mingua e á fome ou presa das feras; ou então os mesmos guardas por mal entendido sentimento de compaixão os matavam para lhes abreviar os soffrimentos.

A que montam porém as torturas d'esses infelizes se as cotejarmos com as que terão de supportar, se por ventura o negreiro se dedica ao tráfico transmarino ?

Ha poucos dias ainda dizia-me o *comodoro* inglez da barra de Zanzibar ter capturado nas aguas do Mar Vermelho um navio carregado de escravos: abarrotados em dois compartimentos da pequena embarcação, forçados a conservar-se em pé afim de occupar menor espaço e por tal fórma apinhados que teriam de conservar por mezes inteiros a mesma posição comendo e dormindo assim e não se lhe deixando espaço sequer para as mais imperiosas necessidades da natureza, os escravos soffriam além d'isso horriveis tratos que para muitos haviam de ser mortaes.

De tão deshumano tratamento teria eu duvidado se apenas lesse a narração n'alguma publicação, mas lá estava a asseverar-me da veracidade d'elle a expressão indizivel de dôr e indignação que se revelava na frente d'esta testemunha ocular.

Nem raro é vêr nos navios um escravo que não dá esperanças de cura ser lançado ás ondas; o mesmo acontece em caso

de epidemia a todos os que estão infeccionados. Soffrerão ainda morte violenta quando temendo ser capturados por um cruzeiro, o chatim não vê outro meio de salvação para si do que atirar ao mar amarrados a enormes pesos para se submergiem os escravos cuja presença lhe acarretaria condemnação certa.

Quando se pensa na asserção de Mungo-Park que consumiu tantos annos de vida em Africa, affirmando serem escravos tres quartas partes da população do negro continente; quando se considera as numerosas e caudalosas correntes d'exportação de negros que o trafico terrestre e maritimo annualmente arrebatam ao solo africano, as causas tão frequentes de mortalidade victimando horrivelmente essa gente exhausta por privações e torturas inauditas, já não parecerá exaggerada a affirmação de Lord Viviam, na conferencia de Bruxellas, o qual avalia entre trezentas e quatrocentas mil as existencias humanas sacrificadas por tão infame trafico.

Tal é a escravatura, tal o trafico com seus incriveis horrores, estado na verdade deploravel de degradações e soffrimentos mal esboçados n'estas linhas.

Parece porém que o europeu que vae ter com essas populações escravizadas para lhes dar a liberdade deveria vel-as correr para si com enthusiasmo, saudando-o como seu libertador com os olhos arrazados de lagrimas de reconhecimento. Não é porém o que succede.

O negro empregado como criado d'um europeu está sujeito a um trabalho mais forçado e continuo que o que lhe cabe em caso do africano ou do arabe.

Não aprecia o augmento do salario, a melhoria do alimento, nem a maior nobreza de condição que frue: para elle, servir é ser escravo e mais o é onde mais trabalho ha.

Eis porque profere o seu amo habitual quer preto quer arabe.

Acontece, além d'isso, por desdita, não haverem os europeus usado muitas vezes para com elles senão de rigores e brutalidades. O negro, victima de tal procedimento imagina que será o mesmo de qualquer outro europeu e por isso teme-o mais. N'esta materia o arabe toma a cargo o completar-lhe a

educação; a ninguém pinta com mais negras côres do que o europeu; é um tyranno que não dá repouso nem treguas, que trata a gente como brutos, lhe bate e que até por qualquer desgosto ou capricho lhes tirará a vida. Depois d'isso qual o negro que abandonará de bom grado a casa do arabe para se entregar ao europeu?

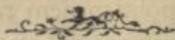
Este terror, este receio do europeu é suggerido mui principalmente aos escravos provenientes do trafico no intervallo que medeia entre a captura e a venda, dando-lhes nos logares de paragem em que se demoram algum tempo antes da ultima expedição, como antegosto do bem-estar que os aguarda em casa do musulmano, um tratamento bom e abundante.

Previnem-os comtudo de que a jornada será trabalhosa, mas isso, dizem elles, não passa d'istante penoso.

Fallando um d'estes dias com o governador das possessões allemãs no Zanguebar ouvi da bocca d'elle informações que são outros tantos factos a confirmar a veracidade do que acima fica dito: acabo de receber, me dizia elle, o relatório do residente de Tabora onde ha um bom numero d'escravos, reunidos em pequenas casas ou tembé onde recebem do arabe, que os chama seus carregadores, alimentos, roupas e até mulheres. Estão gordos e contentes, tanto assim que nenhum diz para recuperar a liberdade que foi roubado ou agarrado á força.

Eu mesmo n'estes ultimos tempos, dizia ainda o governador, informado de que uma caravana desembarcava em Lindi, onde me achava, quiz vêr todos os que a compunham e offereci por meio d'um interprete aos que eram escravos a sua libertação. Nem um só se aproveitou da offerta ou pareceu ficar um tanto commovido.

Forçoso é pois reconhecer que o proprio negro se faz cumplice do arabe escravagista, tornando por tal proceder a sua emancipação e abolição da escravatura cada vez mais difficilissima.



A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa



(Continuação de pag. 57)

Não faremos commentarios a um documento por si tão eloquente, e, sem examinarmos até que ponto conseguiu triumphar uma conspiração tão habilmente urdida, precisamos mostrar que os sectarios que escreviam taes cousas não eram simples theoreticos, mas tambem homens de acção, que trabalhavam no mal com audacia e furor. Para todos se convencem d'isso, basta algumas paginas de correspondencia, parte da qual foi apprehendida. Eis uma carta escripta por certo judeu envolvido na conspiração :

« Na impossibilidade em que se encontram os nossos irmãos e amigos de dizerem a sua ultima palavra, julgou-se bom e util propágar a luz por toda a parte e dar impulso a tudo o que aspira á agitação. É para este fim que não deixaremos-de vos recommendar que filieis toda a especie de pessoas em quaesquer congregações, sejam quaes forem, comtanto que n'ellas predomine o mysterio. A Italia está coberta de Confrarias religiosas de diversas côres. Não deveis receiar que alguns dos nossos se introduzam no meio d'esses rebanhos guiados por uma devoção estúpida; estudem elles com cuidado o pessoal d'essas confrarias, e verão que, pouco a pouco, não faltam lá colheitas a fazer. Sob o protexto mais futil, mas que não seja politico nem religioso, creae, por vós ou por intermedio de outros, associações que tenham por objecto o commercio, a industria, a musica, as bellas artes.

Reuní num ou noutro logar, mesmo nas sacristias ou nas capellas, as vossas tribus ainda ignorantes; collocae-as sob a direcção de um sacerdote virtuoso, bem conhecido, mas credulo e facil de enganar; infiltrae o veneno em corações escolhidos, infiltrae o a pequenas doses e como por acaso; depois, reflectindo, haveis de espantar-vos com o vosso triumpho.

« O essencial é isolar o homem de sua familia, fazer-lhe perder os costumes, aproveitando a disposição do seu caracter para evitar os cuidados de casa e procurar prazeres facéis e alegrias prohibidas. O homem gosta das longas palestras do café, da ociosidade dos espectaculos. Arrastae-o, empalmae-o, dae-lhe uma importancia qualquer, ensinae-lhe discretamente a aborrecer-se dos seus trabalhos quotidianos, e, por essa manobra, depois de o ter separado da mulher e dos filhos e de lhe ter mostrado quanto são penosos todos os deveres, inculcae-lhe o desejo de outro modo de vida. O homem nasceu rebelde: excitae esse desejo de rebellião até ao incendio, mas de forma que o incendio não rebente: é apenas uma preparação para a grande obra que deveis começar. Quando tiverdes insinuado em alguns espiritos o desgosto da familia e da religião (quasi sempre vae um atrás do outro), deixae cahir algumas palavras que provoquem o desejo de filiação na Loja mais proxima. Esta vaidade do habitante das cidades e das aldeias em se enfeudar á franc-maçõnaria tem alguma cousa de tão banal e tão universal, que continuamente me admiro da estupidez humana. Admiro que toda a gente não vá bater á porta de todos os Veneraveis e pedir a esses senhores a honra de collaborar como operarios escolhidos na reconstrucção do Templo de Salomão. O prestigio do desconhecido exerce tal poder nos homens, que todos se preparam com temor para as phantasmagoricas provas da iniciação e do banquete fraternal.

.....

« A alta Venda deseja que, sob qualquer pretexto, se introduza nas lojas maçõnicas o maior numero possivel de principes e ricos. Os principes de casa soberana, e que não têm a esperanza legitima de serem reis pela graça de Deus,

querem todos sê-lo pela graça de uma revolução. O duque de Orléans é franc-mação, o príncipe de Carignan também o foi. Não faltam alguns, na Italia e n'outras partes, que aspiram ás honras assaz modestas do avental symbolico. Outros são desherdados ou proscriptos. Lisonjeae todos esses ambiciosos de popularidade; arrebanhae-os para a maçonaria; a alta Loja verá depois o que d'elles poderá fazer de util á causa do progresso. Um príncipe que não tem reino a esperar é para nós uma boa fortuna. Ha muitos n'este caso: fazei-os mações... Servirão de engodo aos imbecis, aos intrigantes e aos necessitados. Esses pobres príncipes fazem o nosso jogo, julgando fazer apenas o seu proprio. São um reclamo esplendido, e ha sempre doidos dispostos a comprometter-se ao serviço de uma conspiração que parece ter por chefe um príncipe qualquer.

«Desde que um homem, especialmente um príncipe, começa a ser corrompido, fica certo de que elle não pára no plano inclinado. N'esse caminho marcha-se rapidamente...

«Por occasião da minha ultima viagem a França, vi com profunda satisfação que os nossos jovens iniciados desenvolviam um ardor extremo na diffusão do carbonarismo; mas parece-me que elles precipitam um pouco o movimento. A meu ver, peccam por fazerem do seu odio religioso um odio politico. *A conspiração contra a sé de Roma não devia confundir-se com outros projectos.* Estamos expostos a ver germinar no seio das sociedades secretas ardentes ambições: essas ambições, uma vez senhoras do poder, é possível que nos abandonem. O caminho que seguimos não está ainda sufficientemente traçado para nos entregarmos a intrigantes ou tribunos. É preciso descatholicisar o mundo, e um ambicioso que consiga o seu fim não ha de auxiliar-nos. *A revolução na Igreja é a revolução em permanencia, é a destruição obrigada dos thronos e das dynastias.* Ora um ambicioso não pode querer essas cousas. Nós devemos chegar mais alto e mais longe; tratemos, pois, de nos poupar e fortificar. *Conspiremos só contra Roma;* para isso aproveitemos todos os incidentes e todas as eventualidades. Desconfiemos principalmente do zelo exaggerado. Um bom odio bem frio, bem

calculado, bem profundo, vale mais que todos os fogos de artificio e todas as declamações de tribuna. Em Paris não querem comprehender isto; mas em Londres vi homens que attingiam melhor o nosso plano e que a elle se associavam com mais fructo. Fizeram-me offertas consideraveis: teremos brevemente em Malta uma imprensa á nossa disposição. Poderemos pois impunemente, com segurança e sob a bandeira britannica, espalhar de um a outro extremo da Italia livros, folhetos, etc... que a Venda julgar conveniente pôr em circulação ¹⁾.»

Queira o leitor desculpar estas longas citações, em que sublinhámos certas passagens; eram uteis, porque trazem consigo a prova do que tínhamos avançado. Como se vê, os chefes das sociedades secretas não querem que se confunda a conspiração contra a sé romana com outros projectos; é esse o mais importante de todos, porque a revolução na Igreja é a revolução em permanencia, é a destruição dos thronos e das dynastias. Quanto á unidade italiana não acreditavam n'ella, e, no fundo, não trabalhavam por ella, ou, se o faziam, era como meio para melhor conseguir os seus fins.

« A independencia e a unidade da Italia, escrevia um dos sectarios em 1829, são chimeras, como a liberdade absoluta que alguns sonham em abstracções impraticaveis. Tudo isso é um fructo que ao homem nunca será dado colher; mas, com certeza mais chimera que realidade, produz todavia um certo effeito nas massas e na juventude effervescente. Sabemos bem o que valem esses dois principios; são vãos, e assim hão de permanecer sempre; todavia constituem um meio de agitação que não devemos desprezar ²⁾.»

Os homens que entre si trocavam estas correspondencias estavam envolvidos na diplomacia ou na alta finança, e alguns pertenciam á aristocracia. Quando Mazzini, bem digno d'elles, quiz fazer parte da sua junta superior, a principio foi rejeitado.

« Sabeis, escrevia o presidente, em 1836, a um dos seus confidentes, que Mazzini se julgou digno de cooperar com

¹⁾ Traduzido em portuguez segundo a versão do italiano em francez por Crétineau-Joly na sua obra — *L'Eglise Romaine en face de la Révolution*, t. II, pag. 72.

²⁾ *Idem*, pag. 118.

nosco na obra mais grandiosa do nosso tempo. A Loja Suprema não o decidiu assim. Mazzini tem modos excessivos de um conspirador de melodrama, para se accommodar ao papel obscuro que nos resignamos a representar até ao dia do triumpho. Mazzini gosta de fallar de muitas cousas, especialmente de si proprio. Não cessa de escrever que destroe os thronos e os altares, que fecunda os povos, que é o propheta do humanitarismo, etc., etc., e tudo isso se reduz a algumas derrotas mesquinhas ou a assassinatos de tal forma vulgares, que eu despediria immediatamente um dos meus lacaios, se elle se atrevesse a desfazer-me de um dos meus inimigos por meios tão odiosos. Mazzini é um semi-deus para os doidos, perante os quaes procura fazer-se proclamar o pontífice da fraternidade, da qual será o deus italiano. Na esphera em que manobra, é simplesmente ridiculo esse pobre José; para ser uma féra completa faltar-lhe-hão sempre as garras » ¹⁾).

.....

Pelo contrario, esse *pobre José* devia triumphar, e quem assim fallava d'elle em tom de desprezo estava destinado a desaparecer da scena e a deixar a vida bem mysteriosamente. Mas não nos demoremos com estes pormenores. É absolutamente incontestavel que entre os sectarios que em nossos dias atacavam e finalmente chegaram a destruir o poder temporal, os chefes principaes eram movidos pelas paixões irreligiosas pelo desejo ardente de perseguir e destruir tanto quanto possivel o catholicismo. As idéas de progresso, de reformas, de unidade nacional, tantas vezes apresentadas, eram para elles inteiramente secundarias, destinadas apenas a illudir ingenuos, e com certeza ficaria espantado um dos seus sectarios se alguem lhe perguntasse a serio: — É por compaixão dos vassallos do Papa, para lhes dar mais liberdade, para os tornar mais felizes, que trabalhaes na destruição do poder temporal?

A conspiração perseverante contra o poder temporal

¹⁾ *L'Église romaine en face de la Revolution*, pag. 124.

excedeu em resultado os calculos mais improvaveis, conforme a expressão da Loja central do carbonarismo italiano; baseava-se nas peores paixões da humanidade. Os sectarios cosmopolitas minaram o terreno durante muito tempo, durante mais de quarenta annos, e logo em seguida se deu a explosão. Esse trabalho foi recentemente comparado ao do porto de Nova-York. «O leitor por certo já ouviu fallar nos enormes recifes que de um lado de Nova-York tornava tão difficil a entrada dos navios. Durante alguns annos os mais habéis engenheiros cavaram debaixo das ondas, no rochedo, extensas galerias, que depois foram cheias de grande quantidade de dynamite; convidaram-se os sabios de todo o continente a presenciar a explosão e observar os seus effeitos. No dia convencionado, a mão de uma creança faz pressão n'um botão metallico e produz a descarga. Os recifes desaparecem n'um momento. Assim Cavour, Garibaldi, Mazzini e os seus auxiliares tinham minado Roma e toda a Italia. Foi preciso tempo; mas de repente viu-se a destruição da ordem antiga... Os que estavam no proprio lugar do sinistro ficaram como que cegos pela poeira dos escombros e arrastados no desabamento geral.»

Para trabalharem utilmente na destruição do poder temporal, os sectarios não podiam fallar com franqueza senão aos iniciados. Em presença do publico era necessario encontrar alguns pretextos, alguns motivos mais ou menos verosimeis, e os pretextos nunca faltam quando se procuram; tratava-se apenas de escolher aquelles que melhor poderiam enganar os homens superficiaes, distrahidos ou muito occupados, toda essa massa de patriotas ingenuos, utopistas, entusiastas ou descontentes... Os dois pretextos de que mais se serviram e servem ainda hoje são: obrigação de constituir a unidade italiana, e a necessidade de remediar o mau governo dos Estados da Santa Sé. Uma palavra sobre cada um d'estes pontos.

(Continúa).

P. G., advogado.

Grandes heroes do trabalho



Como se sabe, a França acaba de tomar effectivo o seu protectorado em Madagascar, após uma campanha que terminou com a tomada da grande ilha africana. « A ilha ficará sob a dependencia directa do ministerio dos negocios estrangeiros, que terá em Tananarive um residente geral como em Tunis. O residente concentrará nas suas mãos todos os serviços e nomeará um corpo de notaveis, escolhidos entre os chefes das diversas tribus indigenas, com voto consultivo. O exercito de occupação na capital será de 1:500 praças, ao que parece. O resto do corpo expedicionario será repatriado. O primeiro ministro melgache será deportado. A questão do novo casamento da rainha, a qual será conservada no throno, não está ainda resolvida. Pelo tratado não se exige nenhuma indemnisação de guerra. As despesas de occupação são feitas pela França. Madagascar não póde contrahir emprestimos sem auctorisação do governo da republica. Este não assume nenhuma responsabilidade por compromissos, dividas ou concessões de Madagascar anteriores ao tratado. O governo da republica prestará porém o seu concurso para a conversão do emprestimo malgache de 1886.

« É claro que o periodo das maiores dificuldades para a França, em Madagascar, só vae começar agora. A victoria de Tananarive não é a conquista do animo dos indigenas. Por outro lado a utilisação da ilha, mesmo com as limitações do protectorado, trará muitas adversidades, despesas, sacrificios e amarguras » ¹.

¹) *Portugal em Africa*, n.º 23. pag. 1039.

A imprensa franceza está discutindo largamente o modo de colonisar a ilha, e entre os artigos a este respeito publicados destaca um de M. Grandlieu no *Figaro*. O illustre publicista pôz de parte os preconceitos, que sempre prejudicam a justiça, e considerou a questão apenas sob o criterio dos interesses da França. A conclusão a que chega é esta: a ilha de Madagascar, para n'ella se fazer uma colonisação util, de vantagens positivas, deve ser confiada aos religiosos trappistas, como o foi a Algeria, o *agro romano* e tantas outras regiões fecundadas pelo suor d'aquelles heroicos trabalhadores.

Os nossos leitores vão apreciar o interessantissimo artigo do sr. Grandlieu, tal como o encontramos traduzido na magnifica revista *Portugal em Africa*. É como segue:

« O camponio francez, pelos nossos costumes, pela nossa organização social e economica é menos propenso que qualquer outro á emigração. Preso ao solo natal sob um céu doce, no meio de ricas e abundantes culturas, não se inclina a correr aventuras e a trocar o seu trabalho tranquillo pelo acaso do ignoto longinquo. Que tentação, além d'isso, o arrastaria para margens inhospitas, empestadas de miasmas que acabam de devorar em alguns mezes dez mil dos nossos filhos e cuja natureza abrupta, impenetravel, insalubre, exigirá duros sacrificios e longos esforços?

.....

« Pois bem! vimos propôr o exemplo da Algeria, onde tudo definhava havia doze annos, onde os ensaios de colonisação tinham sido infructuosos, onde as brenhas e a inextinguivel palmeira anã haviam alquebrado todos os esforços, quando, em 1843, os trappistas foram chamados pelo proprio governo em auxilio da colonisação. É uma historia assaz curiosa e hoje de uma oportunidade rara.

« O sr. de Carcelle, então deputado pelo Orne, visinho de campo da Trappa de Soligni e testemunha dos admiraveis trabalhos realisados pelos monges, foi o primeiro a perguntar a si proprio se esses habeis agricultores não seriam, para a

França africana, colonos incomparáveis, e se a sua perseverante abnegação não triumpharia dos obstaculos que haviam, até essa epocha, mallogrado todas as tentativas.

« Acompanhado pelos seus amigos Aleixo de Tocqueville e Gustavo de Beaumont, foi passar alguns mezes na Algeria, afim de poder formar uma idéa mais exacta das coisas e, na volta dirigiu ao governo um relatorio onde preconisava o emprego dos trappistas colonisadores. As considerações que apresentava impressionaram vivamente o marechal Soult, presidente do conselho, o sr. Villemain, o sr. Guizot e todos os ministros. O velho duque de Dalmacia abraçou com enthusiasmo a idéa e solicitou os religiosos arroteadores que, a pedido seu, foram por sua vez examinar o terreno. A obra não era seductora, mas, não obstante, não hesitaram em consagrar-se-lhe e pozeram immediatamente quarenta padres á disposição do governo.

« O poder, então, ficou indeciso. N'essa epocha, como agora, o mundo official tinha medo de ser accusado de clericalismo; o proprio marechal temia os *aboyeurs* da camara, como lhes chamava, os Robiers d'esse tempo. — « O quê? exclamavam os sectarijos da esquerda, chamar religiosos, favorecer frades!... » Mas, respondia o marechal, não são congreganistas que pretendo enviar á Algeria; são colonos da melhor especie, colonos que não falam e que operam, que comem pouco e trabalham muito. »

« Bugeand, então governador geral, associou-se ao projecto e, em julho de 1843, os trappistas poderam estabelecer-se emfim em Staouéli, 17 kilometros a oeste de Argel, n'uma vasta planicie que se estende desde as vertentes do Sahel até ao mar. Foram-lhes concedidos 1:020 hectares, com viveres para um anno e uma somma de 60:000 francos, reembolsaveis sobre os productos.

« O superior geral da Trappa dirigiu então ao governo a seguinte carta, singularmente eloquente na sua simplicidade: « Foi pelo trabalho, auxiliado pela oração e sustentado pela paciencia, que os monges de Cister arrotearam os desertos da França e apressaram a civilisação do nosso formoso paiz.

A historia, que exalta os prodigios por elles realisados, inspira-nos confiança de que viremos a ser, assim como elles, uteis á nossa patria, orando e trabalhando por ella.»

«O terreno concedido era arido, deseccado, coberto de brenhas inextricaveis e infestado por animaes perigosos. Era a habitação dos chacaes, das hyenas e das pantheras. O obstaculo principal que se oppunha a todas as tentativas de cultura era a terrivel palmeira anã, da qual, até então, nenhum esforço conseguiria desembaraçar aquelle solo refractario. — Os recémvindos lançaram mão á obra com ardor; a grade estorroadora, a enxada, o cylindro, o extirpadar, começaram a funcionar sem descânço. Foi um trabalho penoso; mais de um operario succumbiu na tarefa sob os rigores do sol ou da febre; mas por fim o pequeno exercito triumphou d'essa natureza rebelde e, alguns annos mais tarde, o trigo, a cevada, a vinha, os pomares de lorangeiras, os campos de louro-cerejo, melões enormes, couves gigantescas, ostentavam-se em substituição áservas selvagens, ao passo que os rebanhos enchiam os estabulos e que as officinas de toda a especie forneciam o indispensavel á colonia nascente.

«Todos os nossos generaes, Daumas, Changarnier, Randon, Lamoricière, Bosquet, Mac-Mahon, Vaillant, Pélessier, Saint Arnaud, foram admirar successivamente todas estas maravilhas, e levar o testemunho da sua cordeal sympathia áquelles que as realisavam.

«Em 1847, o duque de Aumale ia por seu turno contemplal-as e, ao fazer-lhe as honras da colonia, dizia-lhe o Padre Regis: «A espada fez a conquista; a espingarda e a enxada conservam-na; a cruz sómente a consolidará.»

«Oito annos mais tarde, em 1855, Napoleão III visitava Staouéli. O barão Dupin havia-lhe dito n'um relatorio: «Os vossos eem cenobitas crearam maravilhas. Não se trata já de realisar nas thebaidas o ascetismo das contemplações desoccupadas, mas de accrescentar á oração os milagres do trabalho.» O imperador quiz observar as cousas com os seus proprios olhos e grande foi o seu espanto, logo ás primeiras, ao saber que entre esses frades se encontravam muitos an-

tigos soldados, uns doze pelo menos da guarda imperial; e o general Fleury não ficou menos estupefacto ao reconhecer um dos seus antigos guias, do nome e da descendencia de Godofredo de Bulhão.

«No refeitorio o Padre Regis apresentou ao soberano as iguarias da communidade. Sabe-se que os trappistas apenas tomam uma refeição por dia, invariavelmente magra e sem vinho. N'esse dia constava de uma sopa de agua e sal com arroz e queijo.

«Monsenhor, disse Napoleão III com um sorriso malicioso ao arcebispo de Argel, que estava presente, já provou d'ella?

«A resposta do prelado, embora muda, foi das mais eloquentes. Limitou-se a levantar os olhos para uma sentença dependurada na parede da frente e que era assim concebida: «Saboreia as cousas do alto e não as da terra.»

«O antigo deserto de Staouéli, transformado feericamente, apresentava então bellas avenidas, viveiros verdejantes, 4:000 hectares de vinhedos, vastos jardins sabiamente irrigados, fructas e legumes de toda a especie, magnificos estabulos contendo 115 bois e vaccas, 400 carneiros merinos, 400 porcos, 50 cabras de Angora que dão a cachemira, cavallos, mulas, 200 colmeias, um exercito incomparavel de aves e de coelhos; em seguida uma serie de officinas organisadas e dirigidas pelos religiosos; forjas, officinas de carroceiro, de marceneiro, de correeiro, de sapateiro, de funileiro, local para a criação de bichos de seda, tanoaria, fabrica de distillação de alcooes e de essencias, casa de barrella, padaria, queijaria, pharmacia, cinco casas de lanranjeiras fornecendo mais de 200:000 laranjas ao commercio, armazens contendo 2:000 hectolitros de vinho branco e tinto, emfim moinhos triturando, sob a acção da torrente, quasi todo o pão de Sahel. E bastavam 120 padres, com os operarios por elles dirigidos, para levar a cabo um trabalho tão colossal.

«O imperador condecorou o Padre Regis e pôde-se dizer na verdade que foi uma cruz ganha n'um campo de batalha. Mais tarde o sr. Crémieux, tornado passageiramente

um dos governantes de França, visitou tambem Staouéli. Ao percorrer os jardins admirou uma bella cerejeira coberta de formosos fructos; estava encostada a ella uma escada. Convidaram-no a ir elle proprio colher as cerejas: não se fez rogar e subiu ousadamente a arvore. Como os religiosos se inquietavam por causa dos perigos que podia apresentar a descida: «Oh, disse alegremente o velho israelita, não temaes nada, estamos n'uma epoca em que se aprende a subir, mas em que se deve tambem saber descer.»

«Desde esse momento o mosteiro de Staouéli assemelhou-se a uma grande aldeia, animando e tornando-se o modelo de centenaes de outras aldeias fundadas depois pelo mesmo typo.

«Depois da Algeria, o *agro-romano*. Solicitados pelo Papa, para que renovassem no insalubre campo de Roma os milagres operados na Africa, os valentes trappistas obedeceram ao chamamento do Chefe da Egreja e, em 1868, emprehenderam o saneamento d'esses pantanos mephiticos e d'essas terras desoladas, das quaes a *Mal'aria*, de Hebert, nos deu uma tão pungente impressão. Os miasmas que d'ali emanavam haviam de ha muito afugentado para bem longe todos os seres humanos; era uma região maldita, da qual se desviava o proprio viajante. Não foi sem pagar crueis tributos a esta natureza mortifera que os monges realisaram os seus primeiros trabalhos; sucumbiram muitos, mas outros os substituiram intrepidamente e o deserto empestado não tardou em tomar um outro aspecto. Os aqueductos deram vasão para o Tibre ás aguas insalubres, o solo foi revolvido e dentro de dois annos plantações de vinha e sobretudo de eucalyptos transformaram aquelle mortifero campo n'um rico e verdejante oasis.

«Por isso, desde o dia immediato á invasão de Roma pelo exercito piemontez em 1870, os conquistadores quizeram apoderar-se immediatamente do dominio dos trappistas. Mas estes defenderam-se, oppondo os titulos de propriedade sagrada de que estavam munidos, e finalmente a nova Italia, que necessitava d'elles, respeitou a concessão que lhes fora

feita, dando-lhe sómente a fórma platónica de um arrendamento perpetuo. A proposito d'isto disse Pio IX aos laboriosos padres: «Elles teem muita razão em vos guardarem como collaboradores, servil-os-eis muito melhor do que os seus Garibaldi!...»

«Ora bem, porque é que, aproveitando a experiencia adquirida, não utilisaremos nós os trappistas em Madagascar? Porque não os convidaremos nós a renovarem ali os prodigios da Algeria e do campo romano?»

«Os conhecimentos, que nos forneceram os ultimos acontecimentos, ácerca da grande ilha africana, não são dos mais proprios a attrahirem para ali grande numero de colonos e parece duvidoso que aquelles mesmos que não teem aqui uma occupação tenham empenho em ir preparar lá o terreno. Pelo contrario, o monge arroteador, cujo officio é esse, parece indicado naturalmente para ir abrir o caminho. Que importa que o solo seja mortífero? Ha perto de oito seculos que os filhos de S. Bernardo pisam muitos outros semelhantes.

«Quem cava a terra, cava o seu tumulo» diz um proverbio hova. Muito embora! Mas o trappista, habituado a abrir diariamente o seu, não é creatura que recue deante d'essa imagem funebre e o nosso governo praticaria uma obra tão habil quão patriótica, encarregando-o de mostrar á Europa tndo o que se póde conseguir d'essa nova conquista, transportando para ali as machinas e os methodos aperfeiçoados da cultura franceza.

«Não tenhaes medo das vestes brancas! Affrontae os *aboyeurs* do parlamento. Concedei ousadamente a esses monges lavradores vinte mil, trinta mil hectares, tudo o que elles quizerem fecundar, e com o exemplo d'elles, tereis fundado em Madagascar a verdadeira colonisação.

«Não sei quem foi o explorador que disse: «Se a Inglaterra fosse catholica enviaria para toda a parte as congregações que bem depressa lhe submetteriam o mundo».

A EGREJA CATHOLICA E A ESCRAVATURA

(Continuação de pag. 4)

II

O primeiro passo do Christianismo na sua cruzada contra a escravatura foi desfazer o preconceito, que, como já vimos, existia nos homens ainda os mais illustres do paganismo, de que os escravos constituiam uma raça vil por natureza e que eram incapazes de se levantar á altura de homens verdadeiramente livres. Nada mais justo nem mais conducente a esse fim do que proclamar a egualdade e fraternidade de todos os homens, creados pelo mesmo Deus, incursos na mesma culpa original, redimidos pelo sangue do mesmo Salvador, destinados ao mesmo fim, isto é, os bons destinados a uma eternidade de bem e de gloria, os maus condemnados a uma eternidade de penas.

Tal foi o grande dogma christão da liberdade, da egualdade e da fraternidade humana, dogma proclamado por Jesus Christo e ensinado pelos apóstolos e pela Igreja na sequencia dos seculos. É debalde que os revolucionarios do seculo passado reivindicam para si a originalidade d'esse principio, porque elle se encontra assignalado nas paginas do Evangelho, e, no fundo, constitue uma das bases da doutrina christã, de que a Igreja catholica é fiel depositaria.

Em todos os seculos se observou a mesma doutrina dos Apóstolos na verdadeira Igreja de Deus, e segundo essa doutrina explica ainda hoje o Vigario de Jesus Christo a origem da escravatura, dizendo: « Do contagio do primeiro pec-

cado se derivam todos os males, e, sobre tudo, essa perversidade monstruosa, em virtude da qual homens houve que, esquecidos da fraternidade original e despresando os dictames da razão natural, não só não observaram entre si o mutuo amor e a mutua benevolencia, senão que tambem, arrastados pela ambição, começaram a ter os outros na conta de inferiores a si, e por isso a tratal-os como animaes nascidos para o jugo.

« D'este modo, não tendo em consideração alguma a identidade da natureza, a dignidade humana, a imagem divina impressa no homem, succedeu que, graças ás questões e guerras que ao depois se levantaram, os vencedores escravisassem os vencidos, e a multidão, ainda que da mesma raça, se dividisse gradualmente em individuos de duas cathogorias distinctas, a saber: os escravos vencidos, sujeitos ao dominio dos vencedores, seus senhores ¹⁾ ».

Em opposição aos erros do paganismo, S. Paulo, o grande apóstolo que fez a admiração dos sabios do Areopago, ensinava em nome de Jesus Christo: « Todos vós sois filhos de Deus pela fé, que é em Jesus Christo. Porque todos os que fostes baptisados em Christo, revestistes-vos de Christo. Não ha judeu, nem grego: não ha servo, nem livre... Porque todos vós sois um em Jesus Christo ²⁾ ».

« Não ha differença de gentio e de judeu, de circumcisão e de prepucio, de barbaro e de scytha, de servo e de livre: mas Christo é tudo e em todos ³⁾ ». « Porque no mesmo espirito fomos baptisados todos nós, para sermos um mesmo corpo, ou sejamos judeus, ou gentios, ou servos, ou livres, e todos temos bebido em um mesmo espirito ⁴⁾ ».

Tal era a sublime doutrina do Christianismo contra a escravatura e contra os erros e preconceitos do mundo pagão.

As palavras de S. Paulo, que insistentemente proclamava a egualdade de todos os homens e por consequinte a liber-

¹⁾ Carta aos bispos do Brazil.

²⁾ Gal., III, 26-28.

³⁾ Coloss., II, 11.

⁴⁾ 1 Cor., XII, 13.

dade dos escravos, deviam produzir na sociedade essa profunda impressão que só é propria dos grandes pensamentos e dos sublimes principios destinados a operar uma mudança radical nas instituições sociaes. Desde então a humanidade começou a examinar com justiça a questão da escravatura, e o infeliz que até alli era vexado, opprimido e excluido de todos os direitos, devia sentir um raio de luz e esperança a illuminar-lhe a alma, devia abençoar do fundo do seu coração a palavra de Deus que o defendia e nobilitava.

Todos eram irmãos, todos tinham a mesma origem e o mesmo fim. Estabelecia-se a fraternidade em Jesus Christo, fraternidade de todos os homens e de todos os povos, todos filhos do mesmo Deus, membros de um mesmo corpo.

Mas ao mesmo tempo que S. Paulo ensinava esta sublime doutrina, desconhecida dos mais famosos sabios da antiguidade, definia e recommendava os direitos e obrigações de escravos e senhores, ao contrario da velha philosophia, que negava a uns todos os direitos e fazia os outros senhores despoticos dos primeiros.

« Sêde sujeitos em todo o temor não só aos bons e modestos, mas ainda aos discolos ¹⁾ ».

« Obedecei aos senhores carnaes com temor e tremor, na simplicidade do coração, como a Christo; não servindo só apparentemente, como para agradar aos homens, mas como servos em Christo, cumprindo com todo o coração a vontade de Deus, servindo com boa vontade, como ao Senhor, e não aos homens; sabendo de mais que cada um, servo ou livre, receberá de Deus a recompensa do bem que praticar ²⁾ ».

E a Timotheo escrevia: « Os que vivem sob o jugo da escravidão tenham os seus senhores como dignos de toda a honra; aquelles que teem por senhores fieis, não os despresem, porque são irmãos, mas sirvam-n'os ainda mais porque são fieis muito amados e participantes dos mesmos beneficios. Eis o que debes ensinar e exortar ³⁾ ».

¹⁾ I Petr., II, 18.

²⁾ Eph., VI, 5-8.

³⁾ I Tim., VI, 1-2.

E a Tito ordenava que ensinasse os servos a « serem submissos aos seus senhores, que lhes agradassem em tudo, que não os contradissem nem enganassem, mas que em tudo mostrassem boa fé, a fim de que a doutrina do nosso Salvador resplandecesse em todos ¹⁾ ».

Assim estabelecia S. Paulo admiravelmente a obediência e o respeito ao principio da auctoridade, baseando a dependencia dos escravos não na vontade arbitraria de simples homens, mas na consideração de que a auctoridade dos senhores representava o poder de Deus e fundava-se em principios superiores, visto que essa auctoridade devia ser interprete da razão e da justiça.

Ao passo que o apostolo ensinava os deveres dos escravos, recommendava tambem os deveres dos senhores: « E vós, senhores, procedei do mesmo modo para com elles; não os ameaceis sabendo que o vosso Senhor e o d'elles está nos céos e que deante d'Elle não ha acceitação de pessoas ²⁾ ».

N'outro lugar ³⁾, S. Paulo exhortava os senhores a considerar, que ao homem livre, porque *é servo do Senhor* não é permittido ostentar altivez e mandar com orgulho, do mesmo modo que ao servo não é permittido queixar-se da sua sorte, porque *é liberto do Senhor*. Os senhores eram assim levados a reconhecer nos servos a dignidade humana, a tratá-los caridosamente e a considerá-los eguaes a si pela fé em Jesus Christo.

Não omittiremos a recommendação que S. Paulo fazia a Philemon, quando lhe enviava Onesimo, escravo fugitivo. « Recebe-o como muito querido do meu coração... não como um escravo, mas como um irmão querido segundo a carne e segundo o Senhor; porque se alguma cousa te prejudicou ou é teu devedor, imputa isto a mim ⁴⁾ ».

O escravo fica obedecendo, mas essa obediência tem já um tanto de nobre. A obediência á força e pelo medo mo-

¹⁾ Tit., II, 9-10.

²⁾ Ephes., VI, 9.

³⁾ I Cor., VII, 22.

⁴⁾ Ad Phil., 12-18.

difica-se pelo sentimento do amor divino e transforma-se em obediencia de amor. O senhor não fica sendo o tyranno cruel dos tempos antigos : é apenas um depositario da auctoridade de Deus, que é o verdadeiro Senhor de todos os homens, eguaes perante Elle.

A Igreja salvaguardava assim os direitos do senhor e a liberdade do escravo.

Os animos iam-se dispondo, por meio de todas as doutrinas e instituições christãs, para acceitar mais tarde a egualdade da natureza humana e por esse principio dar a liberdade aos infelizes escravos.

Entre essas instituições figura a Meza eucharistica, onde todos, escravos e senhores, recebiam por egual, sem a menor distincção de condições, o sagrado Manjar de Jesus Christo. Alli a egualdade era perfeita.

É digno de considerar-se profundamente o admiravel contraste entre o procedimento dos apóstolos christãos e a norma seguida no paganismo. De um lado a caridade, o amor, a justiça, os principios da fraternidade humana e o levantamento moral de todos os homens ; do outro lado o odio, a crueldade, a tyrannia, a distincção de raças, a oppressão de uma classe desprotegida e o rebaixamento da dignidade.

Mas, dirá alguém, a Igreja não acabou de prompto com a escravatura.

É verdade, e teria commettido um erro se tal fizesse, alem de que ella não tinha o apoio, mas a perseguição, do poder civil, durante os tres primeiros seculos. Como em tudo, a Igreja procedeu com uma grande largueza de vistas : a extincção subita da escravatura teria produzido um grande desequilibrio economico e importaria graves desordens prejudiciaes á sociedade e á propria Igreja.

A acção lenta e pacifica do Christianismo era preferivel, como sendo mais prudente e não menos effcaz.

(*Continúa*).

F. A.

As victorias da Africa

Os nossos leitores já conhecem o telegramma seguinte, recebido no ministerio da marinha em 19 de novembro :

LOURENÇO MARQUES, 19, ás 10 h. e 50 m. da m. — Ministro da marinha — Lisboa. — Acaba de chegar do Limpopo vapor *Neves Ferreira*, que traz a jubilosa noticia de que as nossas forças, da columna de Inhambane, entraram no dia 11 em Majanzeze, destruindo e queimando o kraal do Gungunhana.

Esta noticia foi transmittida pelo commandante da lancha *Capello*, no Limpopo, em nota do coronel Galhardo, que informa que o Gungunhana fugiu. A columna regressava a Chicomo. As populações de ambas as margens do Limpopo pediram vassallagem. Os valentes commandantes das lanchas canhoneiras *Neves Ferreira* e *Capello*, que avassallaram já o regulo Chai-Chai, continuam vassallagens. Felicito sua majestade, o governo e o paiz por mais este brilhante feito.

(a) GOVERNADOR.

Esta noticia, tão gloriosa para os nossos soldados e para a nossa patria, despertou em todos os corações portuguezes um grande sentimento de enthusiasmo. Por todo o paiz se celebrou este famoso acontecimento, de tão importantes consequencias para a civilisação e para o nosso desenvolvimento colonial, agradecendo ao Deus das victorias aquelle triumpho das armas portuguezas e saudando o nosso exercito como continuador das nossas mais bellas tradições.

Reservando-nos para no proximo numero d'esta *Revista* darmos mais larga informação da campanha da Africa, apraz-nos por agora registrar a festa da Academia de Coimbra a proposito da ultima victoria. É uma das festas mais brilhantes a que temos assistido e que em extremo honra os estudantes da nossa Universidade. Depois das mais entusiasticas manifestações defronte do quartel de infantaria 23, onde foram recebidos pela officialidade com a banda regimental; depois d'essas manifestações a que adheriu com enthusiasmo a camara municipal e o povo de Coimbra, os

estudantes fizeram celebrar no dia 24 de novembro, na Real Capella da Universidade, um solemne *Te-Deum*, ao qual assistiu o venerando reitor, corpo docente da Universidade e do lyceu, officialidade de infantaria 23, camara municipal, governador civil e tudo o que em Coimbra ha de mais distincto. A guarda de honra era feita pelo regimento de infantaria 23, com a respectiva banda. A capella da Universidade achava-se admiravelmente ornamentada. Na vespera constára aos estudantes que se achava em Coimbra o ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. D. Antonio Barroso, actual bispo de Hymeria e prelado de Moçambique, que por muitos annos foi um heroico missionario da Africa portugueza e ainda hoje alli presta os mais assignalados serviços. Os estudantes foram convidal-o a discursar na occasião do *Te-Deum*. S. ex.^a escusou-se, allegando a falta de preparação para fallar perante o primeiro auditorio do paiz. Mas os estudantes insistiram, pediram como só os rapazes sabem pedir, até que o benemerito prelado accedeu.

O discurso de s. ex.^a rev.^{ma} foi um verdadeiro triumpho. Vibrante de enthusiasmo e de patriotismo, o illustre prelado expoz admiravelmente as questões africanas, elogiou o patriotismo dos estudantes e o heroismo dos soldados. « A minha pena — disse — é estar aqui tão longe d'aquelles bravos; porque queria partilhar com elles todos os perigos e todos os soffrimentos, amparar os feridos, abençoar os moribundos, e, se fosse preciso, morrer com elles envolvido na mesma bandeira gloriosa da patria. » O discurso electrizou os estudantes, como os impressionou aquella veneranda fronte prematuramente enrugada, e aquelles cabellos destingidos, não pelos annos, mas pelos heroicos trabalhos do missionario ardente.

A sahida a manifestação de que foi alvo o sr. bispo de Hymeria excedeu tudo o que d'ella poderemos dizer. As phreneticas salvas de palmas e os vivas mais calorosos repetiram-se continuamente. S. ex.^a rev.^{ma} atravessou o pateo da Universidade e a porta ferrea por sobre as capas negras que juncavam o solo. Subiu para o trem, mas como os estudantes continuassem a ovação, delicadamente se apeou e seguiu a pé no meio d'aquella massa enorme de rapazes que o aclamava phreneticamente. O benemerito prelado era effectivamente bem digno d'aquella imponente manifestação.

Á noite retirou-se s. ex.^a rev.^{ma} para Lisboa, no comboio das onze e meia da noite. A gare da estação encheu-se completamente de estudantes que foram fazer-lhe uma despedida affectuosissima e enthusiastica. Um dos membros da commissão promotora dos festejos entregou ao illustre prelado, em nome da Academia de Coimbra, e como lembrança, um pergaminho com magnificas illuminuras allusivas a cousas africanas, e uma quadra do sr. Sebastião de Carvalho, quintannista de Direito. A despedida foi ruidosa e enthusiastica. O venerando prelado agradeceu muito comovido, abraçando muitos estudantes.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

PHYSICS 309

LECTURE NOTES

BY

ROBERT H. COHEN

1963-1964

CHICAGO, ILLINOIS

UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

110 EAST 58TH STREET

CHICAGO, ILLINOIS 60637

1964

PRINTED IN THE UNITED STATES OF AMERICA

ALL RIGHTS RESERVED

0014-1801/64/0000-0000

0014-1801/64/0000-0000

Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 12600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

Aos editores

Na *Revista Contemporanea* serão apreciadas com desenvolvimento as obras litterarias e scientificas de que recebermos um exemplar.

FORTUNATO DE ALMEIDA

A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 REIS

Á venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 réis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

O INFANTE DE SAGRES

Obra premiada

*no concurso de memcrias sobre o infante D. Henrique,
por occasião do quinto centenario
do seu nascimento*

1 volume de XLIII-371 pag., 600 réis

A venda na Livraria Portuense de Lopes & C.ª, editores, rua do Almada, 119
— 123, Porto, e em todas as livrarias.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,
HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

QUINTANISTA DE DIREITO



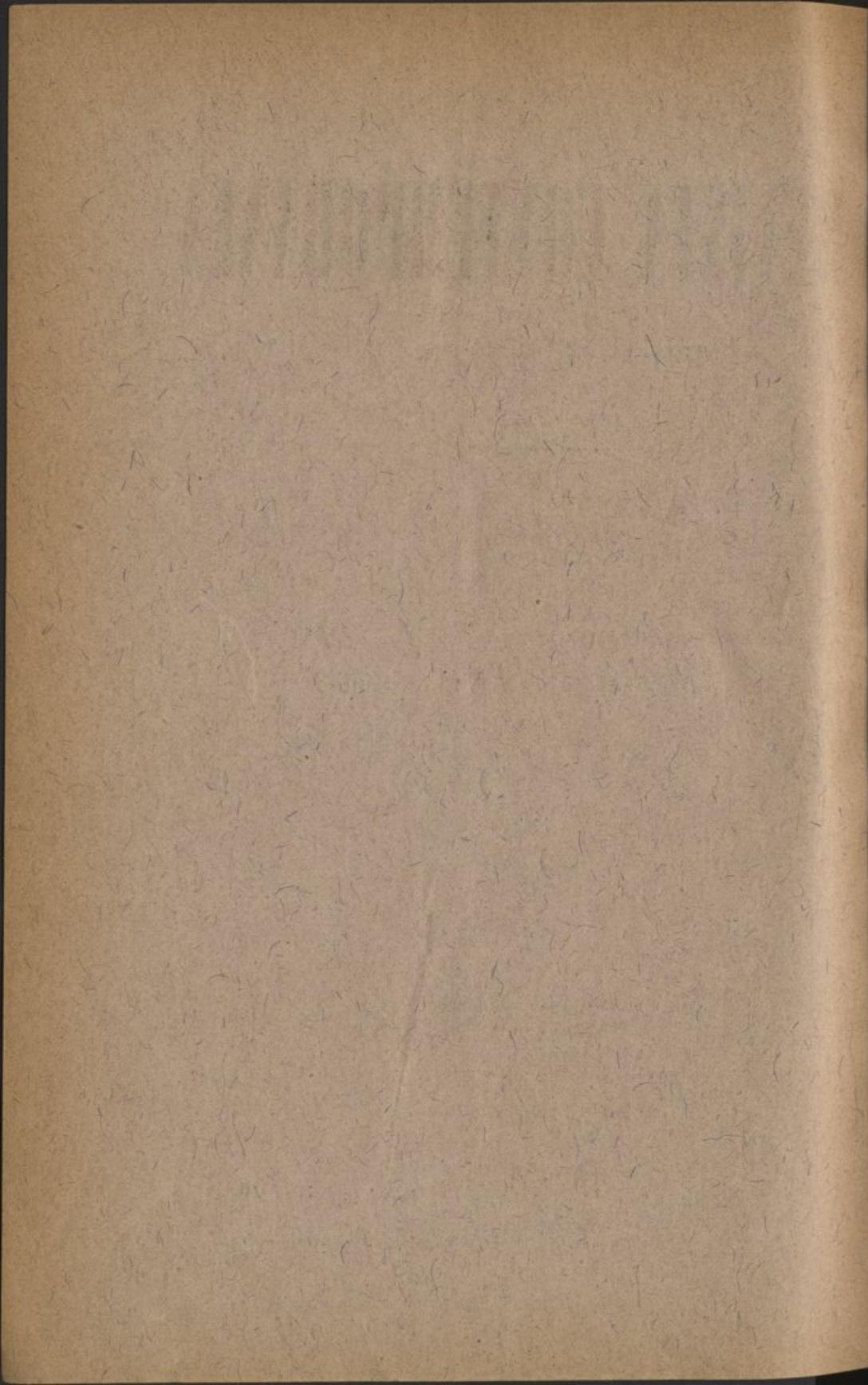
ADMINISTRADOR

José Marques Rito e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

SUMMARIO

- I — A Igreja e a antiguidade classica, por D. V. B. D.
- II — A guerra de Africa, por Eduardo de Noronha.
- III — Cartas dos expedicionarios.
- IV — As origens dos Estados Pontificios.



A Igreja e a antiguidade classica ¹⁾

Um professor de Berlim, o dr. Paulo Nerrlich, publicou ultimamente uma obra intitulada — «*O dogma da antiguidade classica no seu desenvolvimento historico.*» ²⁾ Este livro não é o simples trabalho de um historiador que se contentasse de expor o papel das humanidades classicas atravez das vicissitudes dos tempos; é tambem a obra de um pedagogista que quer harmonisar a educação da mocidade com as suas crenças religiosas, julga os resultados adquiridos no decurso dos seculos por meio da formação classica e proclama a necessidade absoluta de uma reforma do ensino moderno. Este volume revela um estudo serio das evoluções da pedagogia e dos systemas de instrucção; contêm vistas cheias de justiça sobre diferentes phases do movimento intellectual.

Entretanto, ao lado de qualidades incontestaveis, esse trabalho tem um grande defeito, que obriga o leitor a pôr-se de prevenção contra as apreciações do auctor e muitas vezes a rejeitar as suas deducções e conclusões. É o character vago das opiniões philosophicas do auctor, é a sua incerteza a respeito do systema religioso que deva ser a base da educação, e uma idéa absolutamente falsa da religião estabelecida por Jesus Christo, e, por conseguinte, do catholicismo. O auctor é protestante: manifesta-se assim menos pela exposição das suas crenças que pelos seus preconceitos contra a Igreja ca-

¹⁾ Traduzido da *Revue Bénédictine* (Belgica).

²⁾ *Das Dogma vom Klassischen Alterthum in seiner geschichtlichen Entwicklung.* Leipzig, Hirschfeld, 1894.

tholica. Ao menos aparentemente, colloca-se no terreno do christianismo; revela essa theologia liberal que mina as bases do christianismo, mas, por outro lado, reconhece no christianismo um dualismo irreconciliavel. Para ser logico, diz elle, o christianismo deve evitar o mundo, declarar-se inimigo do Estado e transformar-se em monachismo. Na sua opinião existe um antagonismo entre o divino e o humano: ainda não foi descoberto o traço que une o symbolo christão á humanidade. Todavia esse traço deve existir; importa encontral-o e destruir por essa forma tal dualismo, que impede o desenvolvimento natural e consequente das faculdades do homem e prejudica a realisação das suas mais legitimas aspirações.

Parece que o nosso seculo não está destinado a assistir a essa descoberta: — já é um pouco tarde; — será talvez essa a obra de um genio do seculo XX. Uma vez achado esse laço, que na realidade é a religião do futuro, pode-se e deve-se assignar á ethica, baseada na metaphisica, o papel preponderante na educação das gerações novas. Uma vez dada esta base, todo o edificio da educação ha de levantar-se n'uma grande unidade e n'uma perfeita harmonia desde a escola primaria até á universidade.

O Estado moderno deixará de ter inimigos, porque o catholicismo, que o auctor considera como seu inimigo necessario e consequente, e a democracia social, para a qual a religião é apenas um negocio particular, deixarão de dominar o espirito e o coração das gerações novas.

Esta idéa geral do trabalho do Dr. Nerlich bastará para deixar entrever o seu fim e o seu ponto de vista historico; mais tarde nos referiremos ás suas inconsequencias. O auctor é um protestante sufficientemente bom para não dar ao seu christianismo a interpretação mais elastica, e está penetrado da idéa classica do Estado pagão assaz profundamente para comprehender que o Estado moderno, tal como elle o concebe, é o inimigo mais declarado da liberdade individual, dos direitos imprescriptiveis da consciencia, e o antagonista ou perseguidor da Igreja fundada por Jesus Christo.

Dividindo em tres estudos o exame das questões levanta-

das pelo sr. Nerrlich, teremos occasião de expor as suas vistas, de apreciar os resultados das suas investigações e tambem de rectificar as suas apreciações erroneas. Examinaremos successivamente a Egreja nas suas relações com a antiguidade classica, os resultados historicos do humanismo da Renascença, finalmente os principios e os resultados do moderno humanismo na Allemanha. Como se vê, estes tres pontos ligam-se muito de perto com uma questão vivamente agitada nos ultimos tempos. A nossa intenção é conservarmo'-nos absolutamente fora dos debates na questão prática do ensino classico: as lições da historia e os ensinamentos dos primeiros pastores da Egreja indicaram o caminho a seguir. Admittimos o ensino simultaneo da litteratura classica e da litteratura catholica nas nossas escolas. Todavia pareceu-nos util chamar a attenção para o que se passa no campo dos nossos adversarios, e fazer prevenção contra os perigos do exagerado engodo que offerecem os productos de Alem-Rheno. O espirito que anima a pedagogia allemã, os resultados a que presentemente conduz ¹⁾, são proprios a fazerem reflectir aquelles que quizessem implantal-a pura e simplesmente entre nós.

O defeito capital do trabalho do sr. Nerrlich é a falta de convicções positivas, tanto em religião como em philosophia. Embora o negue, está sob a influencia da theologia mais liberal, e não tem dos dogmas christãos a idéa clara e precisa que resalta da doutrina revelada, admittida e transmittida como tal atravez dos seculos. Encarando portanto o estabelecimento e o desenvolvimento do christianismo á luz das suas convicções incertas e fluctuantes, sempre provisórias, não comprehendeu o verdadeiro character dos seus dogmas, nem a marcha real do seu desenvolvimento historico.

¹⁾ Não é raro ouvir professores distinctissimos lastimarem o conhecimento imperfeito e insufficiente do latim que os alumnos levam ao sahirem dos lyceus. Não sabem escrever latim; os que o fallam podem contar-se muito bem — *rari nantes* *).

* O leitor pode carregar sem receio as tintas do quadro e applicar a Portugal. — (N. da R. da *Rev. Contemp.*).

Encontrando-lhe certos pontos de contacto com outras religiões anteriores, não reconheceu a existencia de um fundo de tradições e de verdades communs que têm a sua explicação n'uma revelação primitiva e no poder da razão humana. Deixando egualmente de estabelecer uma distincção essencial entre certas manifestações isoladas da vida christã, ou certos exaggeros de escriptores ecclesiasticos, e a doutrina e a organização da Egreja, Nerrlich converteu a excepção em regra, e em todo o desenvolvimento historico do catholicismo viu apenas uma inconsequencia perpetua, um constante desacordo com os seus principios. O facto é que a inconsequencia de dezenove seculos, por elle imaginada, desaparece desde que se reconheça a falsidade do principio que deduz de factos particulares e contingentes.

A falta de uma noção exacta do catholicismo é a causa do duplo erro exposto e defendido em cada pagina do seu livro pelo professor de Berlim, a saber, que o catholicismo suppõe a existencia de um dualismo, e, como consequencia d'esse principio, que uma religião que abstrae ou deve abstrahir do elemento terrestre, é e deve ser logicamente inimiga do Estado. Este duplo erro, que forma a base do systema do professor de Berlim, determina o ponto de vista sob o qual encara o christianismo nas suas relações com a antiguidade classica.

Mas, na sua opinião, existe uma opposição de contrarios absolutamente irreconciliaveis: para ser logico, o catholicismo deve rejeitar e combater por todos os modos a antiguidade classica, que creou o Estado tal como o auctor o concebe, e que tem por mira e ideal, não um fim eterno e celeste, mas um fim temporal e terrestre.

Este ponto de vista é falso: no christianismo não existe o dualismo como obstaculo invencivel entre Deus e o homem, tal como o admittem a gnose e o manicheismo; e a historia mostra que o Estado christão e catholico não só é possivel, mas foi e é ainda uma realidade. No momento em que alguns historiadores prussianos procuram demonstrar que o imperio allemão, com o rei da Prussia á frente, deve ser a expressão

historica do imperio protestante, em opposição ao santo imperio romano, que foi e podia ser ainda a expressão do Estado catholico, o auctor podia deixar de revelar uma inconsequencia manifesta de principios e de combater uma opinião que não pode deixar de acceitar.

Antes de mostrarmos a attitude tomada pela Igreja em presença da antiguidade classica, e para melhor se comprehenderem os motivos intimos do seu procedimento, parece-nos util resumir a sua doutrina ácerca do fim do homem e das suas relações com o Estado.

Toda a religião, que admite a existencia pessoal de Deus e a criação da materia, reconhece a existencia de um dualismo. Certamente, esse dualismo que estabelece entre Deus e o homem uma differença essencial e obsta invencivelmente á sua identificação, existe tambem para o christão que vê em Deus um ser absoluto e infinito e no homem um ser contingente e finito. Mas, pela fé da verdade que o proprio Deus revelou, o christão sabe que o homem deve procurar o seu fim ultimo, não em um afastamento absoluto e eterno de Deus, nem n'uma transformação completa e identificação substancial com Deus, mas n'uma união intima com Elle, n'esta vida pela graça, e depois na gloria da vida eterna, germinação da semente divina lançada em nossas almas pela graça. Este fim ultimo não é um fructo da natureza humana, mas um producto da graça. Ha aqui duas ordens distinctas que dominam e explicam toda a historia da humanidade. O protestantismo destroe a natureza, e o racionalismo nega a graça. Só o catholicismo harmonisa a fé com a razão, a liberdade com a graça e a natureza com o sobrenatural. A Incarnação do Filho de Deus é esse traço que liga a humanidade á divindade, e a sua obra prepetúa-se no seio da Igreja pela doutrina que Elle lhe confiou e pelos sacramentos de que fez canaes da sua graça. Ha mais: não são apenas as creaturas individuaes chamadas a realisar o plano divino na ordem sobrenatural pela graça e na gloria, mas essas differentes creaturas, ligadas entre si na unidade de um mesmo fim, constituem a Igreja. Esta é o reino em que o Filho de Deus

contrae com a creatura humana uma alliança, pela qual entra pessoalmente na classe das creaturas e com esta natureza se converte em seu chefe e mediador da graça. Tal é a natureza do dualismo no seio do christianismo.

A falsa idéa que a este respeito formou o sr. Nerrlich levou-o a confundir duas cousas perfeitamente distinctas na doutrina de Christo: os preceitos e os conselhos. Todo o homem é obrigado a praticar os preceitos de Jesus Christo; quanto aos conselhos, quanto á abnegação completa de si mesmo e á renuncia voluntaria aos bens d'este mundo e ás alegrias da natureza, de que o Salvador fez a condição necessaria da perfeição, não é dado a todos ouvir e sobretudo comprehender este appello. D'isto encontramos uma prova frisante no caso do mancebo do Evangelho que o Senhor convida á perfeição, e que se retira muito triste por não ter a coragem de seguir esse conselho. A vocação para a vida religiosa, ou, como diz Nerrlich, para o monachismo, que é o ideal da vida christã, tanto dos individuos como das sociedades, é uma excepção no seio da Igreja, mas uma excepção que entra no plano providencial e na harmonia do organismo da Igreja, porque se baseia na doutrina de Christo. É por estes principios que deve comprehender-se o alcance real de certas palavras de auctores ecclesiasticos, que porventura se dirigem apenas a uma classe particular de christãos ou que contem um exaggero manifesto.

O christianismo deve desenvolver-se no seio da sociedade civil. Essa sociedade, o poder temporal, ou o Estado que é o seu depositario, são queridos por Deus, admittidos e reconhecidos pela Igreja. N'este ponto é formal a doutrina de S. Paulo. Ao contrario de outras religiões que o precederam ou seguiram e que suppoem uma ordem politica ou social a cuja sorte estão encadeadas, o christianismo accomoda-se a todas as constituições politicas. Pela propria razão do seu fim e dos seus principios, adapta-se a todas as formas de governo e teme tão pouco a democracia como o poder absoluto. As circumstancias de tempos e de logares podem determinar ás vezes a preferencia de uma ou outra forma;

essa preferencia não é imposta pela natureza de suas doutrinas.

Muito naturalmente se apresenta aqui uma objecção : no decurso dos seculos apparecem homens que levantaram a voz contra o Estado e que prégarão um antagonismo radical entre a Igreja e o Estado. Appareceram, effectivamente, mas eram sectarios que abusavam dos textos evangelicos, e que transformavam em preceitos rigorosos simples conselhos de perfeição. Entre esses exaggerados, que indevidamente se consideram depositarios da tradição catholica, apparece em primeiro lugar Tertulliano. Um dos homens que melhor têm penetrado no intimo das questões de doutrina levantadas pela leitura dos Padres da Igreja, um dos que melhor perscrutaram os problemas da philosophia da historia, Mgr. Freppel, resumiu e caracterisou, com a clareza e justiça que o caracterisavam, a opinião de Tertulliano e a doutrina da Igreja ácerca das relações da Igreja e do Estado ainda pagão :

« A Igreja, diz o eminente escriptor, não podia seguir Tertulliano no caminho de severidade excessiva em que ia introduzir-se. Procurando destruir a idolatria até aos ultimos vestigios, estava muito longe de querer atacar as leis e as formas essenciaes da ordem social. Não vinha declarar a guerra nem á natureza nem á sociedade, mas aos vicios e erros que haviam alterado uma e outra. Pelo contrario, as theorias extremas do moralista africano attingiam, alem do polytheismo, tambem as condições sem as quaes a humanidade não poderia cumprir os seus destinos. Concebe tão pouco a possibilidade de um Estado christão, que as funções civis e os serviços militares lhe parecem incompatíveis com a prática do Evangelho ; pelo menos faz restricções que as tornariam quasi impossiveis. Á força de querer absorver as almas na contemplação das cousas celestes, despreza ou perde de vista as relações necessarias da vida terrestre. Desconhece a legitima posição que a riqueza e o poder occupam na economia da Providencia ; e porque vê a riqueza e o poder do lado da idolatria, esquece que a missão da Igreja é precisamente imprimir-lhes um caracter differente. Este pu-

ritanismo estricto e exaltado não podia convir a uma sociedade religiosa, que, longe de se limitar a um pequeno numero de ascetas, retrádos do mundo, devia estender a todos os povos a sua acção regeneradora e transformar pela sua influencia a propria ordem civil e politica. Confundindo a excepção com a regra, as doutrinas moraes de Tertulliano tendiam a fazer do mundo um convento e a reduzir a Egreja ás proporções de uma seita »¹⁾).

Como se vê, indevidamente deixa Tertulliano de estabelecer uma distincção essencial entre a ordem natural e a ordem sobrenatural, entre o fim proprio da Egreja e o do Estado, e não separa a idéa de Estado da forma pagã que no seu tempo revestia. O paganismo é o estado de decadencia da ordem sobrenatural; falta-lhe a graça, mas a natureza, embora viciada, subsiste com todos os seus direitos, e visa um fim proprio que deve atingir, tanto na ordem moral como na ordem material. Por outro lado, o Estado, como depositario do poder temporal, vem de Deus: é destinado a assegurar a felicidade temporal dos povos. A Egreja, que lhes deve procurar a felicidade eterna, reconhece-o, e, longe de o combater, comtanto que elle respeite os direitos de Deus e as leis de Jesus Christo, presta-lhe, em caso de necessidade, o seu mais generoso e mais fecundo concurso na obra commum da civilisação. A verdade d'esta asserção é attestada a todo o homem sincero pela historia do passado como pelo espectáculo dos acontecimentos contemporaneos.

Acabamos de mostrar que o dualismo não existe no catholicismo de uma forma tão radical, tão manichêa, como imagina o sr. Nerrlich, e por conseguinte que o catholicismo não é o inimigo nato, o inimigo necessario do Estado; vamos agora examinar nos seus principios e na realidade dos factos a attitude que pode tomar e que tomou em presença da antiguidade classica.

(Conclue).

D. V. B. D.

¹⁾ *Tertullien*, t. 1, pag. 265-266.

A GUERRA DE AFRICA

Em outubro de 1894, Lourenço Marques, a mais importante cidade portugueza da Africa oriental, estava bloqueada pelas tribus rebelladas dos regulos Mahazuli da Magaia, Matibejane das terras do Zixaxa e Mauday da Moamba.

A causa proxima da insurreição era o augmento do imposto de palhota. Os rebeldes, com uma audacia extraordinaria, não só assassinaram varios europeus e muitos indigenas em volta da cidade, mas ainda, no dia 14 d'aquelle mez, levaram a temeridade a atacarem os blockaus do lado do noroeste, ousadia que foi repellida energicamente pelos valerosos soldados europeus da policia e um punhado de marinhos da corveta *Rainha de Portugal*.

Durante quarenta e seis noites ninguem dormiu, guardando as barricadas, na expectativa d'um ataque nocturno. Esta prolongada época de sobresaltos e fadigas extenuára a população. O inimigo, reunido e disposto a saquear a cidade, contava um effectivo de quinze mil homens.

Os estrangeiros reclamavam protecção dos seus governos, as auctoridades portuguezas telegraphavam para a metropole requisitando reforços com urgencia. Em poucos dias, com uma rapidez que honra o governo e foi uma brilhante manifestação da energia do actual ministro da guerra, organisou-se a primeira expedição.

A 10 de novembro chegou a Lourenço Marques o vapor *Angola*, levando a seu bordo um contingente de 500 recrutas

africanos, e a 12 o paquete *Cazengo*, conduzindo o 2.º batalhão de caçadores n.º 2 e a 2.ª bateria de brigada de montanha.

Era tempo. Alguns dias mais e, ou teriamos que soffrer o vexame da intervenção de tropas estrangeiras para defenderem os seus nacionaes, ou os habitantes succumbiriam n'uma hecatombe terrível.

Dias depois de chegar a expedição foi reoccupado o commando militar de Anguane e ali deixada de guarnição a companhia do capitão Carvalho, que teve de sustentar alguns roteios contra os negros da visinhança.

Em 21 de janeiro de 1895 uma columna composta de 250 homens bateu todo o terreno até ás terras do Mahazuli, arrasou os trabalhos de fortificação que encontrou, queimou as povoações e destruiu os celeiros dos revoltosos.

No dia 2 de fevereiro teve logar a surpresa e combate de Marracuenne. A marcha feita nos dias anteriores comprovava evidentemente a resistencia e resignação do bravo soldado portuguez. A chuva, a falta absoluta de commodidades, a irregularidade da alimentação, a certeza d'um ataque em que o adversario era vinte vezes superior em numero, nada fizera trepidar aquellas almas de bronze.

A columna era commandada pelo major José Ribeiro; ás suas ordens estavam as companhias de caçadores, n.º 2, Macedo, Cabral e Barros, a da policia Aguiar, a bateria de montanha Machado com os tenentes Saccadura, Taveira e Castello Branco. Fazendo parte do estado maior havia o major C. Xavier, capitão E. Costa, tenentes A. de Ornellas e Couceiro, alferes Santos, R. Costa, Antonio Manuel, da secção de cavallaria, e José Francisco.

Na vespera distinguira-se pela fórma como desalojara o inimigo d'um mangal o alferes França; durante a confusão do primeiro momento, quando os negros azagaiavam tudo e todos, o tenente Rocha, pelo seu extraordinario sangue frio; pela maneira como conseguiram restabelecer a ordem entre os recrutas indigenas, os tenentes Bracklamy, Ghira, Pinho e Encarnação.

O que se passou n'aquelle combate é sufficientemente

conhecido para se repetir agora. Ha, porém, dois factos que nos parece dever mencionar :

Quando os negros, com uma impetuosidade formidavel, entraram no quadrado, quando romperam de todos os lados n'um crepitar incessante, o tenente do estado maior, Ayres de Ornellas, que dormia profundamente, fatigado das marchas e das rondas nocturnas, acorda, afivella o talim, tira o relógio e voltando-se para um camarada com a mais completa calma, diz-lhe : « Ora vamos lá vêr a que horas principiou a toirada ».

Outra. Terminado o tiroteio, manhã clara, disperso o inimigo, um soldado de caçadores 2 lamenta-se, soltando profundos suspiros.

— Que tens? pergunta-lhe um official.

— Não vê, meu tenente, aquelles almas do diabo furaram-me a barretina com uma bala e tenho que entrar em descontos.

Alguns millimetros mais abaixo e não seria elle com certeza quem pagaria a barretina.

A marinha coadjuvára efficaçmente as operações de terra. O capitão de fragata Moraes e Sousa percorria o Incomati e batia-se valentemente; o 1.º tenente Marinho Cabral desenvolvia uma grande actividade no commando da flotilha; o 2.º tenente V. Sepulveda, depois de ter prestado excellente serviço nas barricadas, fez varias apprehensões de contrabando de guerra; R. Furtado, então commandante do *Neves Ferreira*, apoiava vigorosamente as operações de terra; o tenente Rocha, da *Bacamarte*, provava o que vale a coadjuvação d'um official destemido.

No arduo cumprimento de deveres que eram commettidos á marinha, temos a lamentar a perda do valioso e illustre 1.º tenente, Philippe de Carvalho, que, batendo-se a bordo d'uma canhoneira, perdeu a vida atravessado por uma bala inimiga.

Em dezembro partiu para Moçambique o conselheiro Antonio Ennes, nomeado commissario regio n'aquella provincia, investido de plenos e completos poderes.

Julgou-se necessaria uma segunda expedição europêa. N'essa conformidade, seguiram de Lisboa para Lourenço Marques e Inhambane o 2.º batalhão de caçadores n.º 3, o 2.º batalhão de infantaria n.º 2, a 2.ª companhia de artilheria n.º 4, a 2.ª do regimento de engenharia, o 1.º esquadrão de lanceiros n.º 1 e varios serviços complementares, perfazendo tudo, um effectivo de 2:400 soldados brancos, commandado superiormente pelo coronel Galhardo.

Estas forças foram divididas em duas columnas: a do sul e a do norte, uma operava em Lourenço Marques, a outra em Inhambane. A noticia da chegada da expedição determinou o regulo do Maputo a offerecer vassalagem e pagar tributo, apressou os sublevados a procurarem n'uma fuga rapida alentos para futura resistencia, fez apresentar á auctoridade as forças dos regulos da Moamba e da Matolla que offereciam um procedimento dubio.

A columna sul, batidas as duas margens do Incomati, resolveu apoiar a sua marcha sobre o inimigo, construindo blockaus e organisando postos militares. Assim se fortificou o do Marracuene, Incanhine, Manhiça, Sabie que protege a linha ferrea, o do Stocolo, Magudo, Chivane e Inhampura.

Defendido convenientemente o posto de Chinavane, foi intimado o chefe de guerra d'uma partida importante de rebeldes que acampava a leste do rio Incoluane, proximo do Magul, a que entregasse o regulo Mahazuli e o do Zixaxa dentro em tres dias, findos os quaes se romperiam hostilidades contra elles. Expirado o prazo, uma força de 250 homens, em que entrava uma companhia de infantaria 2, as secções de artilheria Motta e Miranda, 7 soldados de cavallaria e alguns auxiliares indigenas, tudo commandado pelo capitão de engenharia Freire de Andrade, atravessou o rio e foi procurar os negros ao seu acampamento.

Aquelle grupo de homens, que pareciam perdidos na extensa planicie do Magul, viram surgir d'um outeiro distante cerca de 6:500 homens que, seguindo a coberto d'um accidente do terreno, tentavam approximar-se do limitado quadrado e produzir em choque que lhes fosse fatal. « Era a